



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE

◇ Lunda-Norte ◇ Lunda-Sul ◇

ESCOLA PEDAGÓGICA DO DUNDO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA CADEIRA DE IEL:
UM CONTRIBUTO PARA MELHORAR O RENDIMENTO ACADÉMICO
DOS ESTUDANTES DO 1º ANO DO CURSO DE LP DA EPD**

Autor: Martins Nvuenda Baveca

DUNDO

2021



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE

◇ Lunda-Norte ◇ Lunda-Sul ◇

ESCOLA PEDAGÓGICA DO DUNDO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA CADEIRA DE IEL:
UM CONTRIBUTO PARA MELHORAR O RENDIMENTO ACADÉMICO
DOS ESTUDANTES DO 1º ANO DO CURSO DE LP DA EPD**

Trabalho apresentado à Comissão
Científica do Mestrado em Educação da Escola
Pedagógica do Dundo, para a obtenção do
Título Académico de Mestre
em Educação

Autor: Martins Nvuenda Baveca

Tutor: Prof. Doutor Domingos Gabriel Ndele Nzau

Categoria: Professor Associado

DUNDO

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Baveca, Martins Nvuenda

O PEA da cadeira de IEL: um contributo para melhorar o rendimento académico dos estudantes do 1.º ano pós-laboral do curso de LP da EPD.

108f.

Inclui anexos.

Dissertação de Mestrado (Educação) – Escola Pedagógica do Dundo da Universidade Lueji A´Nkonde, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Lueji A´Nkonde, Área Temática Linguagem e Educação, Dundo, 2021.

Orientador: Prof. Doutor Domingos Gabriel Ndele Nzau

1. IEL. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Rendimento académico. 4. O nível do rendimento académico.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Data de aprovação: ____/____/ 2021

Membros do júri

Prof. Dr. Carlos Pedro Cláver Yoba

Instituição: Universidade Lueji A´Nkonde

Julgamento: _____

Prof. Dr. Domingos Gabriel Ndele Nzau – Orientador

Instituição: Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED)

Julgamento: _____

Prof. Dr. Márcio Edu da Silva Undolo

Instituição: Universidade Lueji A´Nkonde

Julgamento: _____

Prof. Dr. André Campos Mesquita

Instituição: Universidade São Paulo/Brasil

Julgamento: _____

Prof. Doutor Fábio Aparecido Moreira (FEUSP)

Instituição: Universidade São Paulo

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

À toda a minha família, especialmente:

À minha esposa Verónica Camena Ângela João, que tanto amo, pela paciência e coragem;

Aos meus filhos, Bento, Anderson, Felizardo e Victória, pelo carinho e alegria;

Ao António Félix Baveca, meu pai, pela dedicação e força, que a sua alma descanse em paz! E à Rebeca Buanga, minha mãe, por ser a minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Esta fase da nossa investigação é reservada para agradecer a todas pessoas que directa ou indirectamente, sem poupar esforços, deram o melhor de si para a elaboração da presente dissertação. A lista das pessoas que devemos gratidão é extensa. Nesta óptica, citar nomes seria um exercício que nos levaria a ficar sem espaço para todos. Por isso, sem estabelecer hierarquias, agradecemos:

À Universidade Lueji A´Nkonde (ULAN), especificamente ao seu Reitor;

À EPD, na pessoa do Mestre Garrido Sebastião António, Chefe do Departamento de Ensino e Investigação de Línguas, pelo incentivo;

À Universidade São Paulo (USP), concretamente todo o colectivo de docentes, que tanto nos brindou na docência e orientação, em especial o Professor Doutor Roberto da Silva;

À Coordenação de Mestrado, na pessoa do Professor Doutor Alfredo Armando e aos colegas da Secretaria, pelo todo o apoio prestado;

Ao Professor Doutor Domingos Gabriel Ndele Nzau, meu orientador, pela disponibilidade, ensinamentos e apoio científico;

Ao Professor Doutor João Muteteca Nauege, meu professor desde a graduação, amigo e fonte de inspiração;

Aos meus colegas e amigos, Francisco Sérgio Manuel Mabilia, Gabriel Veríssimo Mazanga, José Eduardo Cândua e Anastância Jóia Sacufa Maurício, pela coragem, apoio e verdadeira amizade;

Para terminar, agradeço aos meus irmãos, Rosa Binda Baveca, Isabel Saco Baveca, Félix Ngonda Baveca, Alice Lubalo Baveca e Ambrósio Liba Baveca, pelo apoio, confiança e amizade.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema “O Processo de Ensino-Aprendizagem (PEA) da Cadeira de IEL: Um Contributo para Melhorar o Rendimento Académico dos Estudantes do 1º ano do Curso de LP da EPD”, tendo a seguinte pergunta de partida: que factores influenciam o nível do rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP (LP) da Escola Pedagógica do Dundo (EPD) na cadeira de IEL (IEL)? Diante do problema anunciado, definiu-se como objectivo geral “Fundamentar sobre os factores que influenciam o nível do rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da EPD na cadeira de IEL”. Para se alcançar o objectivo traçado, recorreu-se a métodos e técnicas diversificados, porém com destaque à revisão documental, à comparação e à análise-síntese, ao passo que a observação, na sua modalidade sistemática, e o questionário funcionam, respectivamente, como as principais técnicas de colecta de dados, apoiados em métodos de nível matemático-estatístico, tais como a análise percentual. A partir dos dados colectados, obteve-se resultados que respondem a hipótese inicial, ou seja, o baixo nível do rendimento académico dos estudantes, entre os quais: a falta de bases para o curso que frequentam, o elevado número de faltas, a falta de orientação profissional, a falta de dedicação pessoal, o atraso escolar e a complexidade dos conteúdos. Pelo que se torna necessário apostar na aprendizagem por descoberta, por ser significativa, para que o estudante, por si só, chegue ao conhecimento.

Palavras-chave: IEL. Ensino-aprendizagem. Rendimento académico. O nível do rendimento académico.

ABSTRACT

The present work of the theme “The Teaching-Learning Process (PEA) of the Chair of IEL: A Contribution to Improve the Academic Performance of Students in the 1st year of the EPD LP Course”, with the following starting question: what factors influence the level of academic performance of students in the 1st year of the LP (LP) course at Escola Pedagógica do Dundo (EPD) in the IEL chair (IEL)? In view of the announced problem, the general objective was defined “To provide information about the factors that influence the level of academic performance of students in the 1st year of the EPD LP course in the IEL chair”. To achieve the objective set, diverse methods and techniques were used, but with emphasis on document review, comparison, synthesis analysis and induction, while observation, in its systematic modality, and the questionnaire work, respectively, as the main data collection techniques, supported by mathematical-statistical methods, such as percentage analysis. From the collected data, results were obtained that answer the initial hypothesis, that is, the low level of academic performance of students, among which: the lack of bases for the course they attend, the high number of absences, the lack professional guidance, lack of personal dedication, school delay and complexity of content. Therefore it is necessary to bet on learning by discovery, as it is significant, so that the student, by himself, reaches knowledge.

Key-words: Introduction to Linguistic Studies. Teaching-learning. Academic performance. The level of academic performance.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição em género dos estudantes.....	48
Gráficos 2 e 3: Da distância e duração média da deslocação dos estudantes.....	50
Gráficos 4 e 5: Profissões.	52
Gráficos 6 e 7: Do ciclo e disciplinas que leccionam os amostrados.....	53
Gráfico 8: Da ocupação dos amostrados não-professores.....	53
Gráfico 9: Da orientação profissional dos estudantes.....	54
Gráficos 10 e 11: Das faltas e rendimento académico dos amostrados.....	57
Gráficos 12 e 13: Das causas do baixo rendimento académico e a capacidade do docente em leccionar a cadeira.....	59
Gráficos 14 e 15: Sugestão de melhoria e a relação entre a cadeira e os temas abordados.....	61
Gráficos 16 a 19: Uso de métodos de ensino e o tom da voz.....	64-65
Gráficos 20 a 22: Sistema de avaliação.....	66-67
Gráficos 23 e 24: Do atraso escolar.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Cursos da EPD.....	39
Tabela 01: Das idades dos informantes.....	49
Tabela 03: Informações pessoais do docente.....	69
Tabela 04: Rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL.....	70
Tabela 05: Dimensões que mais dificuldades apresentam os estudantes.....	71
Tabela 06: Nível de compreensão das aulas ministradas na cadeira de IEL.....	72
Tabela 07: Os estudantes apresentam bases para as exigências do curso de Linguística Portuguesa?.....	72
Tabela 08: O género com mais baixo rendimento académico na cadeira de IEL.....	72
Tabela 09: Média dos estudantes que apresentam baixo rendimento académica na cadeira de IEL.....	73
Tabela 10: Influência do elevado número de faltas às aulas por parte dos estudantes no baixo rendimento académico na cadeira de IEL.....	73
Tabela 11: Média dos estudantes que apresentam um bom rendimento académico na IEL.....	74
Tabela 12: Número de provas parcelares nas cadeiras anuais.....	75
Tabela 13: Considera tardio o ingresso dos seus estudantes da cadeira de IEL no Ensino Superior?.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS

APA.....	Associação de Psicólogos Americanos
Art.º.....	Artigo
at al.....	E outros Citado
Cf.....	Confirmar
EPD.....	Escola Pedagógica do Dundo
IEL.....	Introdução aos Estudos Linguísticos
id.,ib.....	Autor anteriormente citado
LE.....	Língua Estrangeira
LP.....	Língua Portuguesa
L1.....	Língua Primeira
L2.....	Língua Segunda
1N.....	Turma/A Pós-Laboral
2N.....	Turma/B Pós-Laboral
para.....	Parágrafo
PUNIV.....	Pré-Universitário
p.....	Página
s/d.....	Trabalho sem data
s/p.....	Trabalho sem página
s/l.....	Trabalho sem local
ULAN.....	Universidade Lueji A´Nkonde

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – Rendimento Académico dos Estudantes na Cadeira de IEL.....	11
1.2 O nível do rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL	14
1.2. Trabalho independente como ferramenta impulsionadora do rendimento académico.....	16
1.3. A orientação profissional.....	19
1.4. Ensino Superior	20
1.4.1. Cadeira de IEL.....	22
1.5. Funções da escola	25
1.6. (Re) lendo o programa de IEL.....	27
1.7. Sistema de avaliação	29
1.8. O papel do professor.....	31
1.9. Professor Regente	33
1.10. Considerações sobre o estudante do Pós-Laboral.....	34
CAPÍTULO 2 – Fundamentação Metodológica.....	37
2.1. Caracterização da Escola Pedagógica do Dundo	36
2.2. Metodologia	38
2.3. Definição do tipo de investigação.....	40
2.4. População e amostra	44
CAPÍTULO 3 – Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados da Investigação	45
3.1. Análise dos resultados obtidos pelos estudantes no período 2011 a 2019	45
3.2. Interpretação dos dados dos estudantes.....	47
3.3. Resultado do inquérito aplicado ao docente.....	68
3.4. Proposta de metodologias de ensino-aprendizagem da cadeira de IEL, no curso de LP, na EPD para melhorar o rendimento académico	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82

Limitações da investigação	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS	87
APÊNDICES	98

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da observação dos resultados dos estudantes na cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos (IEL), como disciplina curricular integrada no curso de Língua Portuguesa (LP) da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte (ESPN). Segundo o Decreto¹ Presidencial n.º 285/20, no seu artigo 11º, a instituição passou a ser designada por Escola Pedagógica do Dundo (EPD) afecta à Universidade Lueji A'Nkonde. A referida universidade foi criada pelo Decreto² Executivo n.º 7/09, de 12 de Maio.

O trabalho reflecte o nível do rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da EPD na cadeira de IEL.

Para que haja um bom rendimento académico é necessário que se estabeleça uma boa relação entre quem aprende (o aluno), quem ensina (o professor) e como se ensina (metodologias). Desta forma, o PEA deve ter em conta as possibilidades e as limitações dos alunos como sujeitos a quem se direccionam os conhecimentos, adoptando métodos que facilitem a transmissão dos saberes.

Essa boa relação é importante para que o ensino seja desenvolvido de uma forma de partilha de conhecimentos, isto é, o professor pode aprender com os alunos, assim como os alunos podem aprender com os professores. Segundo Freire (1996)

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (p. 12).

Neste caso, se, para ensinar, tal como acontece no sistema nacional de ensino, seja necessário alguém que aprenda (aluno), ao mesmo tempo, para aprender é importante que haja alguém a transmitir (professor). Referimo-nos do ensino no sentido formal.

¹ Decreto Presidencial n.º 285/20, que aprova a organização da Rede de Instituições de Ensino Superior, baseada no Decreto Executivo n.º 7/09, de 12 de Maio.

² Segundo Victorino *et al.* (2012). *A Rainha Lueji A'Nkonde e o Império Lunda. Dundo: Lueji.* A **norma** utilizada no âmbito da elaboração desta dissertação é a APA e quanto ao idioma utilizou-se o Português de Angola.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto (Freire, 1996, p. 12).

Por seu turno, Libâneo (1994) considera que a relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica; não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. O autor sustenta que é uma relação recíproca, na qual se destaca o papel dirigente do professor e a actividade dos alunos. Nesta óptica, podemos conceber que o ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos.

A partir deste pressuposto, entende-se que o professor desempenha um papel fundamental na condução do PEA. Por isso, deve ser uma entidade capaz de seleccionar com rigor e adequar os conteúdos e os métodos no intuito de facilitar o alcance dos objectivos. Convém realçar que não se deve entender a facilitação como um simples acto de atribuição de notas, mas como um processo de adequação dos conhecimentos ao nível de assimilação dos alunos, colocando-os no centro do processo, pois actuam como sujeitos activos, isto é, aqueles que, com a orientação e acompanhamento do professor, alcançam o conhecimento. Entretanto, entre as várias formas de aprendizagem, entendemos que a aprendizagem por descoberta é fundamental para que o estudante, por si só, chegue à verdade. Referindo-se a esse respeito, Marques (s/d, p. 12) frisa que “a aprendizagem é por descoberta quando o aluno descobre, com um certo grau de autonomia, os conhecimentos”. Quanto ao papel do professor nesse tipo de aprendizagem, o autor mencionado esclarece que “o papel do professor é de guia e facilitador e não de transmissor de conhecimentos”. “O aluno é um agente activo da construção do conhecimento e que, dessa forma, aprende a aprender”.

Apoiando-se na ideia de Freire, concebe-se que a afectividade é um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem, pois dá-se o caso em que muitos alunos que não tenham afecto ao professor acabam por não ter o prazer de aprender os conteúdos da disciplina ministrada por esse.

É importante frisar também que estabelecer bons laços de afectividade entre o professor e os alunos não é a única condição para que haja um bom nível do rendimento académico dos alunos, pois para que se alcance a excelência na qualidade de ensino-aprendizagem é preciso, para além da afectividade, que haja dedicação, isto é, os professores e alunos precisam investigar mais, superar o nível académico e fazer intercâmbio de ideias entre colegas.

O bom rendimento académico está relacionado com o sucesso escolar dos alunos. Este é visto como aquisição de conhecimentos e obtenção de bons resultados escolares. Segundo o artigo “Sucesso escolar: Como é determinante o papel dos pais?” (2019) refere que o bom aproveitamento não depende só das características individuais do aluno, existem elementos externos que podem ser determinantes, tais como a escola (desde conteúdos, organização e a actuação do professor), o apoio dos pais e a responsabilidade do próprio educando.

No desenvolvimento deste trabalho os métodos de observação e a comparação dos resultados dos alunos na cadeira de IEL desde 2011 até 2019 permitiram-nos obter informações sobre o nível do rendimento académico dos estudantes do 1.º ano na referida cadeira.

No Ensino Superior, as escalas de avaliação variam de 0 a 20 valores. Apoiando-se em Mateus (2017), são considerados alunos com bom rendimento académico os que compreendem as seguintes categorias: Bom, de 14 a 17 e Muito bom, de 18 a 20 valores. Ao passo que, a maior parte dos resultados dos alunos que constituem a nossa análise compreendem a escala de Suficiente, isto é, apresentam resultados que variam entre 10 a 13 valores, estas notas permitem passar de ano académico, mas que gostaríamos que fossem melhorados. E por último, têm mau rendimento académico os alunos que compreendem a escala de mau, aqueles cujos resultados académicos estão entre o intervalo de 0 a 9 valores.

Em relação ao PEA da cadeira de IEL, o quadro acima traçado sugere que deve ser adaptado às novas exigências e às dificuldades dos educandos, desde os programas, passando pelos conteúdos até chegar às metodologias. É a pensar nessa realidade que se propõe desenvolver a presente investigação subordinada ao tema “O PEA da Cadeira de IEL: Um Contributo para Melhorar o Rendimento Académico dos Estudantes do 1º ano do Curso de LP da EPD”.

Justificativa da escolha do tema

A selecção da temática anunciada não é aleatória. Ela resulta de várias razões, entre as quais o facto de apresentar uma relação com a unidade curricular de IEL do 1º ano do curso de LP, ministrada na EPD. Nessa cadeira são abordadas questões relacionadas com o estudo das línguas, sua evolução, processo de aquisição e a relação que têm com a comunicação e cultura.

Para além de ser actual, o tema é pertinente, na medida em que permite trazer à discussão, por um lado, a situação do rendimento escolar dos estudantes do 1º ano do referido curso e, por outro, permitir partilhar a experiência de docência, fundamentalmente no que concerne à procura de recursos didácticos que visam facilitar o PEA dos estudantes. Neste quesito, entre os mais destacados, como mais adiante se menciona, o recurso ao trabalho independente, trabalhos em grupo e seminários que abordem o perfil do estudante universitário parecem ser aconselháveis, pela sua ligação directa com a aprendizagem por descoberta, que estimula e responsabiliza o estudante sobre o seu rendimento académico.

Em relação à EPD e ao curso de LP, a escolha justifica-se por motivos de experiência profissional e por ser uma área de grande interesse para docentes, investigadores e estudantes ligados ao curso de ensino de LP.

No que concerne ao ano, a escolha recaiu sobre o 1º, por ser o de início para a licenciatura e, por consequência, facilitar a compreensão da questão das competências adquiridas pelos estudantes a partir do ciclo anterior, assim como a orientação profissional e a dedicação dos mesmos antes e agora. Importa também referir que o conceito de estudante do Pós-Laboral que se tinha no início da criação desses cursos não é o mesmo que se tem na actualidade. Os propósitos que lhe deram origem sofreram os efeitos do tempo. Tendo sido criados para albergar estudantes-trabalhadores, hoje os cursos pós-laborais não só albergam estudantes-trabalhadores, como também muitos estudantes da faixa etária dos 18 aos 24 anos de idade, muitos dos quais ainda sem qualquer trabalho. Neste contexto, não se deve estabelecer uma relação directa entre o período pós-laboral e os estudantes trabalhadores, pois muitos estão nesse curso por falta de opções.

Problema de investigação

O presente trabalho centra-se no processo de ensino-aprendizagem da cadeira de IEL, com vista a perceber o nível do rendimento académico dos

estudantes do 1.º ano do curso de LP na cadeira de IEL. E determina-se como fonte de análise os resultados dos estudantes a partir das pautas finais e de igual modo, foram inquiridos os professores e estudantes.

Delimitar um trabalho de investigação significa, entre outras coisas, “estabelecer planos variados, tanto a nível do assunto e respectiva extensão, assim como a nível de outros factores (meios humanos, recursos económicos e exiguidade de prazos) que podem permitir uma melhor execução da investigação” (Nzau, 2012, p. 22). Para esta investigação, a delimitação apoia-se sobre dois planos: i) delimitação do ponto de vista temático; ii) delimitação do ponto de vista cronológico.

No plano temático, o trabalho foca-se em alguns aspectos que podem influenciar o rendimento académico dos estudantes, tais como: o aspecto metodológico, o aspecto de assiduidade, o aspecto de orientação pedagógica, o aspecto de atraso no acesso escolar e o sistema de conteúdos. No aspecto metodológico, destaca-se a questão da utilização de metodologias tradicionais no PEA; no aspecto da assiduidade, constata-se o excesso de faltas por parte dos estudantes às aulas; no aspecto da falta de orientação profissional, entende-se que há desfasamento entre a formação de base e as formações subsequentes, no aspecto do atraso no acesso escolar, o peso da idade avançada e assim como a complexidade dos conteúdos.

Cada dia que passa, o interesse em investigar a situação do rendimento académico dos estudantes aumenta, devido aos resultados dos mesmos que se enquadram na escala de suficiente, uma constatação que remonta do ano de 2016 (ano que começamos as nossas actividades como monitores) a 2019.

No ano académico de 2019/2020, o Curso de LP, na EPD, funcionou com duas turmas do 1º ano, que constituem a população desta investigação: turma 1N e turma 2N. E, desse modo, optou-se por uma metodologia baseada na amostragem, a turma 2N constitui a amostra, por ser aquela onde se verificou menos rendimento académico. Torna-se importante melhorar o rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL, dado o seu carácter transversal em relação às cadeiras específicas do curso. O domínio dos conteúdos desta cadeira pode influenciar o rendimento académico dos estudantes.

Após a análise dos resultados, percebe-se que a maioria dos estudantes, o nível do rendimento académico deles compreende a escala de suficiente, isto é, com

notas a rondar aos 10 a 13 valores, que se considera carecerem de melhoria. A partir desses resultados, considera-se fundamental que o processo de ensino-aprendizagem da cadeira de IEL seja fundamentado na Teoria de Aprendizagem Significativa e privilegiar a aprendizagem por descoberta.

Determinação dos objectivos

Todo o trabalho humano e, principalmente, científico tem sempre um determinado fim: objectivo. Deste modo, o objectivo é, no nosso entender, a meta que se pretende alcançar na realização de qualquer actividade; é, portanto, o ponto de chegada. Existem objectivos de ensino e objectivos de investigação, podendo ser gerais e específicos. Concentrando-se na última classificação, definiu-se o objectivo geral que se segue:

- Fundamentar sobre os factores que influenciam o nível do rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da EPD na cadeira de IEL.

Derivam do objectivo geral supracitado, os objectivos específicos que a seguir se discrimina:

1. Diagnosticar o nível do rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da EPD na cadeira de IEL.
2. Analisar o programa curricular em uso a fim de perceber o tratamento a que está sujeito de modo a assegurar a sua adequação às dificuldades dos estudantes.
3. Propor um sistema de actividades no PEA para melhorar o nível do rendimento dos referidos estudantes na cadeira de IEL.

Hipótese e variáveis

Esta investigação tem como base uma hipótese, se se privilegiar o trabalho independente durante o PEA da cadeira de IEL, pode melhorar-se o nível do rendimento académico dos estudantes do 1.º ano do curso de LP na referida cadeira.

Com base nessa hipótese formulou-se duas variáveis: variável independente (VI) e variável dependente (VD):

VI: o emprego de trabalho independente.

VD: melhoria do nível do rendimento académico dos estudantes.

A presente dissertação tem como linha de investigação a “Linguagem e Educação”. Esta linha de investigação está estreitamente relacionada à nossa área de formação na licenciatura que é Ensino da LP.

Segundo o Manual de Normas Gerais de Candidatura ao Mestrado em Educação da EPD (2018), a “Linguagem e Educação” como linha de investigação, desenvolve estudos e pesquisas sobre as muitas dimensões do ensino da língua materna, literaturas e línguas estrangeiras. Conduz investigações referentes à arte, aos processos de comunicação social e tecnológicas em suas múltiplas relações com a escola. Realiza também pesquisas sobre formação de professores (p. 16).

À luz do presente tema, para a sua fundamentação recorre-se à teoria da “Aprendizagem Significativa” de Ausubel apresentada por Neto. Pois, o trabalho é de natureza didáctica, ligado ao PEA da cadeira de IEL concebida como uma cadeira teórica, mas que, a nosso ver, vincular-se-ia à prática.

Quanto à área linguística em que se enquadra o estudo, pela sua natureza, considera-se que a presente investigação encontra-se na encruzilhada entre a Linguística e a Didáctica de Línguas, podendo, deste modo, aproximar-se de um estudo de Linguística Aplicada. A investigação é actual por várias razões, entre as quais o facto de, enquanto investigadores, possuir dados empíricos adquiridos através da observação prévia da realidade discutida na mesma, e, sendo docentes de Língua e investigadores, faz-se parte desta área temática, pois há uma relação nítida entre o tema em estudo e a formação na graduação, concretamente em LP.

Revisão bibliográfica

Libâneo (2006) salienta que o ensino “corresponde a acções, meios e condições para a realização da instrução” (p. 23).

É importante destacar que a tarefa de ensinar recai directamente ao professor, pois esta constitui a base da sua função. O ensino na actualidade exige reciprocidade e alternância na sua aplicação entre o professor e o aluno, num processo que deve ser dirigido de forma consciente e sistematizado.

Durante o processo de ensino-aprendizagem o aluno é considerado como agente que por excelência tem o dever de receber e assimilar os conhecimentos que lhe são partilhados pelo professor. A pesar disso, não se lhe deve minimizar à visão de que o mesmo não seja capaz de partilhar conhecimentos. A partir deste

pressuposto, o ensino e aprendizagem estão intimamente ligados, passando a ser, deste modo, processo de ensino-aprendizagem sem hierarquias de posicionamento entre o professor e o aluno. Nesta lógica, entende-se que o professor e o aluno ensinam, aprendem, partilham e/ou desenvolvem conhecimentos.

Piletti (2004, p. 31) realça que a aprendizagem “é um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir”.

No que concerne a tipologias das aprendizagens, convém considerar a perspectiva de Marques (s/d), que define dois tipos de aprendizagens:

i) Aprendizagem por descoberta, em que “o aluno descobre, com um certo grau de autonomia, os conhecimentos”. Nesta óptica, ao professor reserva-se o papel de “guia e facilitador e não de transmissor de conhecimentos”. O aluno é visto como “um agente activo da construção do conhecimento” permitindo que este seja capaz de aprender a aprender. A aprendizagem por descoberta pode desdobrar em duas modalidades, de acordo com o autor citado. Assim, é possível estar-se diante de uma aprendizagem por descoberta autónoma “quando o aluno identifica um problema, formula hipóteses, recolhe informações e atinge os resultados sem a direcção do professor”, ou diante de uma aprendizagem por descoberta orientada, ou seja, “quando o professor dá uma certa ajuda, sempre que o aluno revela dificuldade em chegar às conclusões sozinho” (p. 12);

ii) Aprendizagem por recepção, em que “o aluno recebe os conhecimentos já preparados para serem assimilados”. Neste tipo de aprendizagem, o professor é mais visto como um transmissor de conhecimentos. Deste modo, ao contrário da aprendizagem por descoberta onde o aluno desempenha um papel central, aqui: “O ensino está centrado no professor que, através de uma planificação rigorosa e um ensino dirigido, é capaz de fazer passar para o aluno as parcelas do conhecimento que constituem o “corpus” do programa de ensino (*id., ib., p. 12*).

O primeiro tipo de aprendizagem constitui o nosso foco, por colocar o aluno no centro do processo, vinculando-se ao tipo de aprendizagem que se prima no trabalho independente.

Paiva & Lourenço (2011) com artigo sobre “Rendimento Académico: Influência do Autoconceito e do Ambiente de Sala de Aula” abordam do baixo “fenómeno do rendimento académico, tido presentemente como uma das grandes

inquietações, não só no âmbito educacional, como também no social e, ainda, no individual” (p. 394).

Undolo (2020) com a obra “Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino do Português”, foi útil para a compreensão das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da LP.

Columbié e Yoba (2018) a obra “Orientação Profissional-Vocacional: Estratégia de Integração Funcional” permitiu compreender a importância da orientação profissional na formação académica para o alcance do melhor nível do rendimento académico.

Para a estruturação do aporte metodológico contou-se com os escritos de Andrade (1999) Introdução à Metodologia de Trabalho Científico e de Celvo, Bervian & Silva (2014) com a obra Metodologia Científica.

Quanto à selecção da teoria, contou-se com Neto (2006) que aborda a Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel. Utiliza-se a teoria da aprendizagem significativa para sustentar o nosso posicionamento acerca do processo de ensino-aprendizagem em termos didáctico.

A presente investigação está estruturada por **três capítulos**, que inicia com uma introdução e contendo uma conclusão, sendo um capítulo de natureza teórica, um de natureza metodológica e o último de interpretativa.

O **primeiro capítulo** aborda o rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL é de carácter teórico. Todavia, aqui há maior incidência na abordagem de aspectos específicos de avanços e retrocessos no PEA da cadeira de IEL em geral, e no facto de fazer incursão da importância do trabalho independente como mecanismo adequado para melhorar o rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da EPD.

No **segundo capítulo** da Fundamentação Metodológica, faz-se referência às situações que respondem à pergunta “como?”. Nesta perspectiva, para além da caracterização do local onde a investigação foi desenvolvida, mereceram também destaque neste capítulo outros aspectos metodológicos. Tal é o caso da referência à população e da amostra, métodos, técnicas e procedimentos. O desenvolvimento deste capítulo é apoiado nos principais contributos de vários autores conceituados, mas com maior incidência em obras de Metodologia Científica.

O **último capítulo**, Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados da Investigação, tem um carácter teórico-prático, pois não apenas analisa, interpreta e discute os factores do baixo rendimento académico dos estudantes a partir dos resultados da empiria, que se teve na observação e no questionário como principais instrumentos de colecta de dados, mas também por ser uma investigação de carácter descritiva, trazendo resultados quantitativos.

Para além dos três capítulos, da introdução e da conclusão, o trabalho apresenta uma parte pré-textual que precede a introdução e uma parte pós-textual que sucede a conclusão.

CAPÍTULO 1 – Rendimento Académico dos Estudantes na Cadeira de IEL

Este capítulo é de carácter teórico, nele abordam-se questões relacionadas, especificamente, aos problemas do rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL na EPD. Pela natureza, apoia-se em teorias e discussões de outros autores sobre a questão-chave do nível do rendimento académico, para além, como é óbvio, do nosso contributo, fruto de algum conhecimento da realidade. No referido capítulo, destaca-se, também, a importância do trabalho independente como mecanismo adequado para melhorar o nível do rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da supracitada escola. Realce-se ainda que muitos dos seus fundamentos têm como suporte os dados apresentados nos capítulos subsequentes. Contudo, tratando-se de um rendimento inserido no PEA.

1.1. Rendimento académico

O rendimento académico não faz menção apenas a boas notas, mas que o estudante deva apropriar-se de conhecimentos que lhe permite transformar a realidade social em que vive e ter uma abordagem crítica sobre os conhecimentos adquiridos.

O rendimento académico deve ser modelo para o conforto dos estudantes no curso, apresentando bases que justificam a denominação de académicos, tanto na expressão oral como na escrita. Quanto ao perfil em geral, devendo ser capazes de representar a instituição, ser testemunho do empenho dos docentes, produzir conhecimentos, entre outras qualidades.

O conceito de rendimento académico tem sido objecto de abordagem de diversos autores, destaca-se, para o efeito, os contributos de Fontes (2017), Munhoz (2004) citado por (Piletti, 2004, p. 190).

O primeiro, referindo-se ao rendimento académico, alude que tem a ver com o resultado das competências académicas dos alunos quando avaliados em diferentes campos da aprendizagem. Quanto ao poder de verificação, o mesmo pode ser verificado com maior ou menor capacidade para aprender e depende de diferentes tópicos, como o da inteligência, considerada como um dos mais importantes tópicos.

Munhoz (2004) citado por Borges *et al.* (2018) usa a terminologia de desempenho académico, considerando-o “como o retorno obtido do desempenho

das tarefas acadêmicas”, revelador do “nível de habilidade alcançado pelo estudante”.

Ao analisarmos o nível do rendimento académico dos estudantes é importante, antes, compreender o processo de ensino-aprendizagem no geral resultante deste rendimento, principalmente saber sobre os conhecimentos que os alunos trazem do ciclo anterior que funcionam como conhecimentos prévios que precisam ser associados aos novos (aqueles que estão ser ministrados no ensino superior), tal como refere a teoria de aprendizagem significativa.

A disciplina de LP, no Ensino Geral, joga o papel de proporcionar as bases aos alunos que almejam ou que frequentam o curso de LP no Ensino Superior. O processo de ensino-aprendizagem da LP é desenvolvido num complexo onde o Estado define como língua de escolarização o Português Europeu, mas muitos dos estudantes convivem e utilizam no seu quotidiano o Português Angolano. Fica claro a falta de vinculação entre o sistema nacional de ensino à Teoria de Aprendizagem Significativa. Outra situação relaciona-se, tal como espelha os resultados do inquérito, a existência de muitos estudantes que não fizeram o curso de LP no Ensino Médio.

Girard (1975) citado por Undolo (2020, p. 70) caracteriza as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa nas seguintes dimensões:

A dificuldade quanto ao método, é de dois tipos: dificuldade de escolher no amontoado das investigações linguísticas e das teorias contraditórias os elementos úteis aos seus objectivos; dificuldade devido ao carácter complexo de toda a actividade docente que contém, como o dissemos, pelo menos dois elementos essenciais: não só a matéria ensinada, mas também o aluno, com a sua maior ou menor respectividade, as suas motivações, a sua capacidade para aprender, ou a capacidade do professor para ensinar. Na sua prática pedagógica, o professor angolano tem ignorado, ainda, as investigações linguísticas já feitas, não somente sobre o português Europeu, mas também sobre o português angolano, ou ainda, brasileiro e moçambicano. O que quer dizer que muitos são os professores que ainda actuam intuitivamente.

Diante desta situação, Undolo aconselha que, “em Angola, tal como em Moçambique, quem ensina português europeu (na vertente do dialecto padrão oficial), de modo nenhum deverá ignorar o português nativo dos alunos, com vista a

promover bons ambientes de aprendizagem, favorável e ricos de contextos” (*id., ib., p. 70*).

Essa valorização da experiência do aluno que refere o autor vai de encontro com a Teoria de Aprendizagem Significativa, que tem como objectivo “a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos possibilitando construção de estruturas mentais por meio da utilização de mapas conceituais que abrem um leque de possibilidades para descoberta e redescoberta de outros conhecimentos, viabilizando uma aprendizagem que dê prazer a quem ensina e a quem aprende e também que tenha eficácia” (Ausubel, 1982, citado por Klausen, 2015, p. 6404).

Considerando que a escola deve trabalhar com o conhecimento prévio e a experiência do aluno, a família precisa contribuir no processo, educando, assumindo responsabilidades e atuando em parceria com a escola, ressaltando que cada uma das partes deve preservar suas características próprias (*id., ib., p. 6405*).

A falta de valorização destes conhecimentos prévios dos alunos, no caso a língua, Undolo refere que: “a dificuldade começa já com a carência elevada de recursos linguísticos e didáticos para o efeito, além o facto de a manutenção do português europeu como modelo linguístico exigir contextos naturais de exposição a esta variante; do preconceito linguístico [sócio-]linguístico, entre outras” (Undolo, 2020, p. 70).

Consideramos que estas dificuldades têm estado a influenciar o nível do rendimento académico nos estudantes do 1.º ano do curso de LP na cadeira de IEL. Para se ultrapassar esse preconceito que influencia no rendimento académico dos estudantes é fundamental que o Estado reconheça a importância do português angolano e que se insira no sistema nacional de ensino.

Para além da dimensão linguística, a avaliação é uma outra situação que deve ser analisada, pois pode determinar o nível de rendimento académico dos estudantes. O seu conceito é retirado em Piletti (2004) que considera que a avaliação:

é processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos tendo em vista mudanças esperadas no comportamento conforme proposto nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas no planeamento do trabalho do professor, aluno e da escola como um todo (p. 190).

Para acentuar a nossa consideração sobre avaliação como processo, vejamos as conclusões da avaliação segundo Piletti:

- a) A avaliação não é um fim, mas um meio. Ela é um meio que permite verificar até que ponto os objectivos estão sendo alcançados, identificando os alunos que necessitam de atenção individual e reformulando o trabalho com adoção de procedimentos que possibilitam sanar as deficiências identificadas.
- b) O próprio precisa perceber que avaliação é apenas um meio. Nesse sentido o professor deve informá-lo sobre os objetivos da avaliação e analisar com ele os resultados alcançados.
- c) A avaliação, sendo um processo contínuo, não é algo que termina num determinado momento, embora possa ser estabelecido um tempo para realizá-la (*id.*, *ib.*, p. 190).

Quando a avaliação é concebida como um processo, o avaliador desempenha o papel de analista e não de juiz e respeita os princípios básicos da avaliação, suas etapas e critérios. O rendimento académico deve ser compreendido nesta dimensão, para evitar que sejam considerados estudantes que rendem, apenas, aqueles que são nossos amigos, familiares, vizinhos, irmãos da igreja ou pessoas com que se compartilham as mesmas crenças. Em suma, ainda que preocupante, a situação do rendimento académico não deve ofuscar o profissionalismo, fazendo com que se atribuam notas por conveniência.

1.2 O nível do rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL

Pretende-se já no início deste ponto alertar que o seu conteúdo não tem objectivo de considerar que a actuação do professor não é ideal e assim como não consideramos que os resultados dos estudantes são maus. Aqui, sob uma perspectiva de neutralidade, partilha-se a visão e/ou entendimento a respeito do nível do rendimento académico nos estudantes concebido insuficiente e que carece melhoria, tendo como principal instrumento de sustentação as percentagens reveladas nos resultados obtidos a partir dos dados recolhidos no trabalho de campo.

Por outro, é importante deixar claro que no colectivo dos estudantes do curso de LP que frequentam o 1º ano e que têm a cadeira de IEL como uma das disciplinas curriculares, nem todos possuem rendimento académico na escala de

suficiente. Entretanto, o facto de haver um número significativo, suficiente para que se realize um estudo, suscitou o interesse, no intuito de participar, com propostas, no processo de busca de bases para inverter o nível do rendimento académico. Que consideramos ser possível ser melhorado se houver dedicação de todos envolventes no processo de ensino aprendizagem (professores e alunos). Aos estudantes é importante que sejam mais assíduos de modo a evitar elevado número de faltas, dando a ideia de falta de interesse, e tendo como consequência notas baixas, entre outros problemas.

Estudar os mecanismos para melhorar o nível do rendimento académico dos estudantes constitui uma preocupação de muitos autores. Coelho (s/d) entende que as primeiras manifestações deste fenómeno remota aos anos sessenta do século passado, por ser o período em que se “começou a exigir que as escolas, por razões económicas e igualitárias, encontrassem formas de garantir o sucesso escolar de todos os seus alunos”. A partir de então, aquilo que era visto como de foro individual generaliza-se, tornando-se “subitamente um problema insuportável sob o ponto de vista social”, pois, segundo o mesmo autor:

A preguiça e a falta de capacidade ou interesse deixam de ser aceites como explicação para o abandono, todos os anos, de milhares e milhares de crianças e jovens do sistema educativo. A culpa do seu insucesso escolar passa a ser assumida como um fracasso de toda a comunidade escolar. O sistema não fora capaz de os motivar, reter, fazer com que tivessem êxito. O desafio tornou-se tremendo, já que todos os casos individuais se transformaram em problemas sociais (Coelho, s/d, s/p).

Miranda *et al.* (2015) citado por Borges *et al.* (2018) explicam que existem várias formas utilizadas nas Instituições de Ensino Superior para medir o desempenho dos discentes. Destacam medidas internas tais como notas das avaliações em disciplinas e média geral acumulada (com ou sem ajustes).

O desempenho académico pode ser influenciado por variáveis relacionadas com o corpo docente, discente e à instituição de ensino (Corbucci, 2007) citado por Borges *et al.* (2018). Convém, no entanto, destacar que as variáveis relacionadas com os discentes são indicadas como as que exercem maior influência no desempenho dos mesmos Ferreira *et al.* (2002) citado por Borges *et al.* (2018).

Entende-se assim que as escolhas do professor no que tange ao processo avaliativo reflecte nas “atitudes de aprendizagem” dos estudantes, na forma como

estes estudam e no significado que dão às actividades académicas. Logo, torna-se evidente a necessidade da reflexão por parte dos docentes sobre a forma como conduzem o processo avaliativo no ensino, visto a influência desse processo na aprendizagem dos estudantes Garcia (2009) citado por Borges *et al.* (2018).

Como profissionais da educação, julga-se conveniente abordar a questão do nível do rendimento académico no sentido geral, de modo a aproximar os resultados do PEA aos objectivos previstos pelo Ministério do Ensino Superior. A destacar: formar indivíduos capacitados para responderem a demanda social. Essa ideia vem plasmada na Lei n.º 17/16, Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, no seu Art. 2.º: “A Educação é um processo planificado e sistematizado de ensino e aprendizagem, que visa preparar de forma integral o indivíduo para as exigências da vida individual e colectiva”.

A referida Lei, no Art.º 51.º, apresenta como primeiro objectivo específico do Ensino Superior Pedagógico: “Assegurar a formação de indivíduos habilitando-os para o exercício do serviço docente e de apoio à docência, ao nível de graduação e pós-graduação académica, outorgando os graus académicos de bacharel, licenciado, mestre e doutor”.

Com este objectivo percebe-se que é uma grande responsabilidade a formação de indivíduos a nível superior, pois estes devem ser quadros capacitados para preencher o vazio que se regista no ensino geral, assim como no ensino superior. Entende-se como baixo rendimento académico, tal como se mencionou anteriormente, a existência de notas que não permitem a transição, aquisição de notas baixas por parte dos estudantes. No tocante a essa questão, é importante realçar que, tal como se sustenta no início deste item, os estudantes que constituem nosso objecto não apresentam notas que lhes dificulta a passagem de ano, mas sim, compreende a escala de suficiente que carece de melhoria.

1.2. Trabalho independente como ferramenta impulsionadora do rendimento académico

O trabalho independente é uma ferramenta do PEA que se considera ser facilitadora da actividade do docente e dos discentes, na medida em que coloca os estudantes no centro, isto é, eles vão em busca do conhecimento com orientação ou partilha de experiência do professor.

Ao se considerar o trabalho independente fundamental na formação de professores, principalmente na EPD, concretamente no Curso de LP, na cadeira de IEL, onde este instrumento é pouco explorado, não se retira o papel do docente, o de orientar, acompanhar e coadjuvar os estudantes.

Morgado, Mabilia e Baveca (2019, s/p) consideram que: “Actualmente, a essência da universidade é a formação de quadros com valores, conhecimentos e capacidades para que possam dar solução aos problemas que a sociedade apresenta, a partir do projecto de desenvolvimento concebido num contexto social determinado” (s/p).

Desse modo, os estudantes devem aprender a investigar com vista a compreender e revelar mecanismos a partir do método empírico-científico que visam solucionar os problemas que assolam a sociedade. No entender dos autores:

Aspectos que exigem uma qualidade no PEA que se desenvolvem neste contexto educativo, a partir do emprego do método de trabalho independente com eficiência por parte do professor universitário, para garantir o sucesso em relação à aprendizagem dos estudantes. Por isso, o propósito da criação das universidades esteja de acordo com a natureza e a complexidade de uma sociedade que busca transcender aos níveis superiores de desenvolvimento social (*id.*, *ib.*, s/p).

Se o professor, com a sua experiência, não acompanhar a actividade dos estudantes, estes ficam susceptíveis de recorrer a fontes inadequadas e a conteúdos impróprios. Nesta óptica, o papel do professor é de disponibilizar bibliografias, participar na apresentação dos resultados do trabalho independente, com vista avaliar e orientar os mesmos. O trabalho independente, ao ocupar mais os estudantes, exige também mais deles. Por outro, tem também a virtude de levar ao professor a aprender também a partir da orientação dos estudantes. Com isso, os estudantes são treinados a “aprender a aprender” e a aprenderem a ser investigadores. Daí que:

Aprender a aprender adquire um significado específico. Agora, o lema quer dizer que o estudante deve aprender a dispor-se de forma compatível ao que dele se espera na universidade. Ele deve aprender a aprender os conteúdos desse nível de ensino, considerando a verdadeira como dimensão da sua responsabilidade individual, que exige que aqueles conhecimentos sejam empregados de forma ética e socialmente adequada. O aluno não se pode limitar àquilo que lhe parece ter utilidade imediata;

ao contrário, deve ser levado pelo professor a aprender a construir a abertura imprescindível à percepção de como determinadas técnicas profissionais devem ser aplicadas em sintonia com o interesse social (Rothberg, 2006, p. 4 *citado por* Morgado, Mabilia & Baveca, 2019, s/p.).

O ensino resumido à sala-de-aulas, que não é uma prática recomendável, está mais vinculado a uma só componente da universidade - ensino, isolando as outras duas: investigação e extensão universitária. Esta situação, no caso concreto desta investigação, está na base da pouca produção científica na referida instituição de ensino e, concomitantemente, influencia o nível do rendimento académico que se verifica nos estudantes na cadeira de IEL, constitui o objecto dessa investigação.

Morgado, Mabilia e Baveca (2019, s/p), partindo da sua experiência como docentes universitários, consideram que, do ponto de vista docente, o professor deve ter em atenção alguns aspectos para uma educação/ensino de qualidade que permita assegurar o alcance do rendimento académico no ensino superior. Nesse rol de aspectos destacam:

- Ajudar os estudantes a compreender o ponto de vista da relação causa-efeito, o sistema de conhecimentos.
- Os espaços de aprendizagem devem ser configurados a partir de uma relação coerente entre as suas componentes que permita assumir o papel dos estudantes como gestores dos seus próprios conhecimentos.
- Ser capaz de explicar e argumentar, proceder com sensatez e com ordem sobre o que faz e ter melhores habilidades para realizar tarefas, perante diversos problemas e ter melhores recursos de indagação.

Reconhece-se as dificuldades que a sociedade enfrenta que são similares às dos estudantes que vão desde a falta de bibliotecas especializadas, falta de internet gratuita, mas é preciso estimular o método de trabalho independente para melhorar o nível do rendimento académico dos estudantes.

Em muitos casos, verifica-se resistência quando se aplica trabalho independente, pois não constitui cultura no seio dos docentes e discentes, dos poucos que utilizam esta ferramenta, às vezes, são considerados, pelos estudantes, aqueles que não querem o bem deles ou que complicam ou dificultam o PEA. Porque muitos estudantes não têm hábito de investigar, alguns alegam que não têm

computadores. Essas dificuldades não devem ser consideradas um impasse, pois a maioria dos estudantes tem telefones capazes de investigar.

1.3. A orientação profissional

A orientação profissional entende-se que é uma etapa importante da formação académica dos estudantes no ensino superior, porque pode determinar o rendimento ou o baixo rendimento académico dos estudantes e melhorar o percurso da actividade docente e discente. A orientação profissional consiste em guiar os estudantes que terminam o médio, como é o caso em estudo, para uma boa escolha do curso superior que mais vantagens lhes oferecem quer no âmbito de conteúdos como no âmbito profissional. No entender de Calderón (2000, p. 8) citado por Columbié e Yoba (2018):

A orientação é, portanto, a actividade científica de definir (e implementar) como ajudar efectivamente alguém num dado espaço e momento, para lhe proporcionar o maior nível de crescimento pessoal possível, conforme a etapa específica de desenvolvimento em que se encontre e a sua situação social e pessoal concreta, na orientação educacional (partindo da abordagem que defendemos); esse alguém é o aluno, e o espaço é o âmbito escolar (p. 34).

Uma boa escolha do curso superior, consiste em delinear e aproveitar as facilidades que o curso anterior oferece, considerando-as como bases fundamentais para a frequência de um novo curso. Como conceituam Columbié & Yoba (2018) a orientação profissional é

um processo multifactorial dirigido à educação da vocação, para estabelecer uma relação de ajuda mediante a qual, ao educando, se oferecem vias, métodos e procedimentos para que procure e encontre um lugar adequado dentro do sistema de profissões e aprenda a escolher uma, de modo automático e consciente, em consonância com as necessidades sociais (p. 35).

Nessa fase da investigação, há duas questões que não se calam: para que fazer um determinado curso? E porque? A primeira questão relaciona-se com a necessidade social referenciada pelos autores acima citados, isto é, os jovens ao escolherem um determinado curso devem pensar naquilo que a sociedade enfrenta como dificuldade, com vista actuarem e a solucionarem a mesma. Este facto, pode

facilitar o acesso ao emprego, porque é difícil e até frustrante estudar e depois ficar sem oportunidade de trabalho.

A segunda questão relaciona-se com a interdisciplinaridade científica, isto é, a importância de sequência de curso, pois este elemento facilita o domínio dos conteúdos sem, no entanto, empreender muitos esforços. Nesta linhagem, conceitua-se a interdisciplinaridade como a relação que se estabelece entre os conteúdos de uma determinada cadeira com a outra no mesmo ciclo ou não, principalmente nas disciplinas da mesma área.

A situação, no contexto do curso de LP na EPD, é bastante diferente, pois temos estudantes a frequentarem o curso, a sua maioria, não fez o curso de LP no médio. Esta situação, aparentemente, não interfere, mas se forem analisados os resultados dos estudantes, a partir do diagnóstico, percebe-se que este problema concorre ao nível do rendimento académico dos estudantes. Diante deste facto, chama-se à razão o papel da instituição na criação de um departamento vocacionado à orientação dos jovens, desde a época das inscrições, pois muitos deles fazem a escolha do curso por motivação dos amigos, da família, dos professores, sem a clara noção da vantagem nem das desvantagens em função do curso de precedência. Muitos, até, se inscrevem nos cursos por presunção, isto é, por aparentemente ser um curso teórico e, portanto, onde encontrariam mais facilidades de aprovação.

1.4. Ensino Superior

Para se compreender o PEA da cadeira acima referenciada no que se refere aos avanços e dificuldades, é importante conhecer o contexto histórico em que surge o Ensino Superior em Angola. No entender de Columbié e Yoba (2018, p. 25):

Para manter o domínio colonial, o governo de Portugal estabeleceu uma aliança com a Igreja Católica e iniciou um movimento de evangelização, garantindo a instrução primária do povo de Angola. Deve notar-se que foram as igrejas Católica e Evangélica a assegurar o ensino “generalizado”, resultando daí os dirigentes revolucionários da luta de libertação nacional. O Ensino Superior nasce em Angola, no ano de 1963, com os estudos gerais universitários, até ao 3.^a ano de frequência, uma vez que a conclusão dos estudos era feita em Portugal, sendo os licenciados estimulados a não regressarem ao seu país natal, uma vez concluídas as suas licenciaturas, um objectivo não alcançado na sua plenitude (p. 25).

Pode resumir-se que, nessa etapa, por um lado, (i) as autoridades colonias de Portugal não se preocupavam com a formação geral e muito menos profissional do povo de Angola; e por outro, (ii) não existiam centros de formação profissional no território nacional, em mais de cinco séculos de colonização (*id., ib., p. 25*).

Com esse excerto percebe-se que as dificuldades vivenciadas nos dias de hoje no Ensino Superior podem estar ligadas às origens. Esta ideia de associar as dificuldades de hoje às origens pode ser constatada em Yoba (2009, p. 25) citado por Columbié e Yoba (2018, p. 26) ao referir que:

(...) Angola, ao sair do colonialismo português, tinha um nível de escolaridade extremamente baixo, sem oportunidade de desenvolvimento, em tais condições é possível inferir qual era a situação da família. Ante a organização administrativa, social e política de Portugal, o sistema educativo angolano não era extensivo à maioria, limitando-se a uma elite de portugueses ou de nacionais assimilados com poder económico.

Apesar dessas debilidades, é importante considerar que um dos maiores ganhos do país foi a implementação do Ensino Superior que visou reduzir o clamor constante do povo angolano. Com o surgimento das universidades, minimizou-se significativamente o analfabetismo e o país começou a caminhar pouco a pouco para o desenvolvimento. A fim de sustentar esta ideia, recorre-se aos autores supracitados, pois estes afirmam que: “É evidenciada uma mudança profunda com a implementação do sistema pré-universitário como via de acesso à universidade, minimizando o analfabetismo, assim como assegurando a formação de quadros para os diferentes sectores da vida nacional” (Columbié & Yoba, 2018, p. 27).

O ensino superior é o alto grau de formação académica vocacionado a formar docentes e investigadores por excelência para actuar tanto no ensino geral como no ensino superior. Conforme consagra a Lei n.º 17/16³ do Sistema de Educação e Ensino, no seu (Art. 49º, p. 4000):

O Ensino Superior Pedagógico é um conjunto de processos, desenvolvidos em Instituições do Ensino Superior, vocacionados à formação de professores e demais agentes de educação, habilitando-os para o exercício da actividade docente e de apoio à docência em todos os níveis e subsistemas de ensino.

³ É importante que a referir que a Lei n.º 17/16, de 7 de Outubro, das Bases do Sistema de Educação e Ensino sofreu actualização, passando a ser designada pela Lei n.º 32/20 de 12 de Agosto.

Sendo o nível posterior ao Ensino Médio, a sua frequência requer a conclusão deste ciclo anterior, conforme está consagrado na Lei 17/16, no Art. 50: “O Ensino Superior Pedagógico realiza-se após a conclusão do II Ciclo do Ensino Secundário ou equivalente, com a duração variável em função das particularidades do curso”. É importante destacar o ensino superior pedagógico por ser o nível de formação abrangido na investigação.

Em relação à abrangência do conceito de formação assumido neste trabalho, ele engloba a educação e instrução que, pela sua pertinência, requer qualidade e rigor. Neste caso, visa formar estudantes dotados de conhecimentos teóricos e práticos para resolver os problemas que a sociedade enfrenta. Assim, a questão da qualidade no Ensino Superior em Angola caminha a passos lentos, pois, para além da falta de laboratórios equipados, é preciso criar condições que permitam a redução do número de alunos por salas, uma situação motivada pela escassez de salas de aulas e de professores, pois ainda se verificam casos que se encontra mais de 100 estudantes por turma e mais de 500 estudantes por professor em um único ano académico.

1.4.1. Cadeira de IEL

Quanto à cadeira de IEL integrada no curso do Ensino de LP, no Departamento de Ensino e Investigação de Línguas, como investigadores preocupados com o alcance dos objectivos supracitados, considera-se interessante abordar a questão do baixo rendimento académico dos estudantes na referida cadeira. Na verdade, o PEA da cadeira de IEL, assim como as demais cadeiras ministradas na EPD atravessa diversas dificuldades, onde as de base metodológica suplantam as demais. Aqui se pode destacar: i) uso regular do método de reprodução de sebatas e; ii) ditado de aulas. Este segundo procedimento tem impacto negativo bastante significativo na formação, pois limita os estudantes, dando ênfase à reprodução dos conhecimentos e não à produção, que é mecanismo ideal para este nível de formação académica. A nosso ver, tal como se destaca no capítulo que se segue, a selecção do método adequado pode facilitar a transmissão e percepção dos conhecimentos, na medida em que o método é a via e o procedimento utilizado para o alcance dos objectivos.

Nesta investigação reconhece-se a pertinência do trabalho independente porque coloca o estudante no centro do PEA, levando-o, sob a orientação do

professor, a chegar ao conhecimento. A esse respeito, Altet (1997) fundamenta, sobre o método interestrutural, que articula o processo ensino-aprendizagem a partir de uma contracção sobre o aluno, os seus métodos e os seus meios de aprender, onde o pedagogo estabelece situações de aprendizagem para ajudar o aluno a aprender, colocá-lo em actividade, propondo-lhe meios para atingir o conhecimento.

Nesta óptica, o conhecimento passa a ser não apenas propriedade do docente, mas também do discente, pois nesta linhagem ele é significativo, isto é, passa a ser útil para toda a vida do estudante, servindo como suporte para o dia-a-dia, na vida social e profissional. Nesta perspectiva Freire (1997) defende que se deve:

...ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado (p. 19).

Aqui, o ensino passa a ter uma dimensão bilateral e significativa. É bilateral porque quem ensina também aprende e quem aprende ao mesmo tempo pode transmitir algo. Este fim é possível ser alcançado se for proporcionado nas salas de aulas um ambiente de interacção. Com este princípio os estudantes passam a desempenhar duplo papel: aqueles que absorvam conhecimentos orientados pelos professores e aqueles que estão a ser treinados para actuarem com perspicácia na vida laboral, e investigadores principiantes. Aliás, a investigação constitui-se como componente de distinção entre os demais subsistemas de ensino e o ensino superior. Assim sendo, os professores e estudantes, a nível do ensino superior, devem priorizar a investigação com vista à construção de ideias, conhecimentos e comunicá-los.

Com a investigação os estudantes, por si só, procuram os conhecimentos e chegam à verdade. Como salienta Altet (1997), ao abordar a classificação dos métodos segundo Louis Not, afirma que os métodos de auto-estruturação privilegiam, por sua parte, a actividade construtiva do estudante por si próprio, pela observação ou pela invenção, e os professores «ajudam o ser a transformar-se» - «primaz da acção própria do aluno, primazia do sujeito».

Nesta óptica, entende-se que a formação não se deve limitar apenas à reprodução, isto é, assimilar conteúdos para resolver questões relacionadas com as provas e passar de classe, de igual modo, para descobrir novas realidades nas ciências e em prol delas, trazendo novos contributos. Neste contexto, Altet (1997) destaca que:

Quando o processo de aprender tem influência na relação directa saber-aluno; aqui, o professor torna-se o organizador de situações, de condições externas de aprendizagem, através das quais coloca directamente em contacto saber e alunos, desempenhando o papel de mediador. É esta corrente pedagógica centrada nos processos de aprendizagem do aluno-aprendiz, sobre a sua actividade em aula durante o desenrolar dos processos de aprendizagem e não apenas sobre o produto da aprendizagem, o desempenho final (p. 21).

Freire (1997), referindo-se à preparação do sujeito, afirma que:

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que - fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que trata ou discute um certo conteúdo que me foi proposto pela escola ou se o realize partindo de uma reflexão crítica sobre um certo acontecimento social ou natural e que, como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade e minha experiência intelectual me sugerem ou que me são sugeridos por outros (p. 20).

Ora, se por um lado Albuquerque (2010) considera que “a função do professor é facilitar a actividade mental dos alunos que lhes permita construir novos conhecimentos a partir da reconstrução e da reorganização dos que já possuem”. De acordo com Onrubia (1993) *citado por* Albuquerque (2010):

Se a ajuda oferecida não se conecta de alguma forma com os esquemas de conhecimento do aluno, se não é capaz de mobilizá-los e activá-los e, ao mesmo tempo, forçar a sua reestruturação, não estará a cumprir efectivamente a sua missão. Assim, a condição básica para que a ajuda educativa seja eficaz e possa actuar como tal é que essa ajuda se ajuste à situação e às características que apresenta, em cada momento, a actividade mental construtiva do aluno (p. 58).

Outrossim, os “retrocessos” no PEA na cadeira de IEL derivam não apenas da metodologia de ensino, mas também do elevado número de estudantes por turmas,

o que dificulta o trabalho do docente. Os professores trabalham com facilidade com a turma e com dificuldades sérias em trabalhar com as individualidades na turma, pois o tempo fica escasso para atender e acompanhar individualmente os estudantes. Consideramos que o tempo é muito importante para a realização das actividades programadas. Nesta óptica, Altet (1997) defende que, “antes de ensinar, o professor deve prever a parte do tempo que vai dedicar aos exercícios individuais, aos trabalhos de grupo; deve decidir a composição dos grupos, a utilização do quadro, do caderno, do material necessário”.

Na docência, a atenção desdobrada e personalizada pode melhorar o rendimento académico dos estudantes, porque só assim é que o professor pode conhecer as limitações de cada educando. Este conhecimento dos estudantes, como explica Altet, facilita o trabalho do professor, porque “constroem para si um reportório pessoal de conhecimentos práticos sobre a forma de levar a cabo o seu trabalho, e seria inútil procurar na sua gestão do tempo o modelo racional que a linearidade desta exposição deixaria entender. De resto, toda a racionalidade que se poderia sugerir como modelização do processo de ensino, acabaria sempre por se confrontar com a conduta real da turma e com as decisões a tomar em plena acção, e que modificam os planos e os comportamentos habituais” (Altet, 1997).

Não é demais referir que várias vezes, a título de exemplo, muitos professores terminam o ano académico sem conhecer os nomes de pelo menos 50% dos estudantes. Se não se conhece o nome que é um indicador identitário individual, fica bastante difícil conhecer os problemas dos estudantes possuidores desses nomes, no sentido particular.

1.5. Funções da escola

A educação é uma prioridade na actual sociedade que enfrenta dificuldades de acompanhamento e orientação dos filhos, por motivos da dinâmica da própria sociedade e principalmente incentivada pela globalização e aculturação. As pessoas abandonaram as práticas culturais que nos identificam como povo apegando-se na cultura ocidental sem espírito crítico para poder censurar as informações e aproveitar o melhor. Por isso é que o processo educativo no sentido formal precisa de uma instituição organizada para a orientação do mesmo. Com vista a passar valores morais e intelectuais. Esta, pela sua natureza, considera-se a escola. A escola pela sua responsabilidade social, isto é, formar profissionais para poderem

ultrapassar as dificuldades que as comunidades enfrentam a partir de métodos e técnicas científicas.

A escola é uma instituição social. Com efeito, quando se procura perceber a dimensão social da escola, a situação começa a ganhar complexidade, sobretudo na tentativa de compreender “como deveria ser a sociedade”. As concepções sobre sociedade e sobre quais valores sociais seriam mais adequados animam discussões que já duram muitos séculos. Nós não podemos perder de vista essas discussões, mas o nosso principal objectivo é localizar a escola e a educação como instituições sociais, identificando as diferentes funções que elas recebem de acordo com as diversas concepções de sociedade (Silva e Weide, s/d).

A escola diferente do que se pensava na fase tradicional, isto é, “adaptada a uma sociedade estática, que formava indivíduos unicamente capazes de reproduzir o já existente, indivíduos sem iniciativa própria, indivíduos todos iguais. Como tal, os seus métodos consistiriam sobretudo na decoração e memorização, na repetição. O seu objectivo seria apenas a padronização”, Di Giorgio (1989, p. 16) *citado por* (Silva & Weide, s/d).

A actualidade precisa de formar e proporcionar conhecimento, de modo que o indivíduo possa ser criativo, aquele voltado à produção e não a reprodução. Ao nível do ensino superior, a responsabilidade não foge à regra. Daí, Costa *et al.* (1982) afirmarem que:

A Universidade como um sistema aberto tem a responsabilidade de oferecer uma contribuição efectiva para o aperfeiçoamento das actividades de produção exercidas pelo estudante. Sabe-se que, apesar de inúmeros estudos já efetuados em relação   formação de profissionais a nível superior, ainda não satisfazem as necessidades sentidas pelos estudiosos, educadores e pelo próprio mercado de trabalho (p. 1).

Dado o tema que suporta a presente investigação está relacionado com o baixo rendimento académico nos estudantes do 1  ano na cadeira de IEL, considera-se ser pertinente destacar a nobre missão que a escola tem enquanto instituição do ensino superior. Nesta  ptica, a escola deve estar munida de laboratórios, bibliotecas com acervo bibliográfico diferenciado, por especialidade, devendo, também, criar momentos de recreio e comunicação assentes em seminários, jornadas e conferências, com vista a estimular a investigação científica.

1.6. (Re) lendo o programa⁴ de IEL

Em termos de vantagens considera-se que o programa apresenta temáticas relacionadas com a cadeira de IEL, embora se reconheça não ser um produto acabado. A cadeira introduz, em geral, os conteúdos relacionados com as demais disciplinas curriculares de quase todo curso.

Para que seja adequado e flexível, a nosso ver, o programa deveria apresentar uma unidade prática, que pudesse remeter o estudante para um trabalho de campo assente numa metodologia de trabalho independente. O conteúdo quando é muito teórico pode deixar de ser significativo, com o risco de reduzir a sua pertinência pelos estudantes e, como consequência, suscitar falta de interesse.

Nesta óptica, “a teoria da aprendizagem significativa é uma teoria voltada para a explicação de como ocorre a aprendizagem de corpus organizados de conhecimento que caracterizam a aprendizagem cognitiva em contexto escolar” (Neto 2006, p.118).

Pela sua importância, considera-se ser necessário que o ensino-aprendizagem da cadeira de IEL seja desenvolvido sob forma de aprendizagem significativa, pois ela valoriza os conhecimentos prévios dos alunos, isto é, aqueles do seu domínio, o seu contexto social e associa os novos conhecimentos a essa realidade.

Para Ausubel *et al.* (1980) citado por Neto (2006) considera que,

a ocorrência da aprendizagem significativa pressupõe: disposição da parte do aluno em relacionar o material a ser aprendido de modo substantivo e não arbitrário a sua estrutura cognitiva, presença de idéias relevantes na estrutura cognitiva do aluno, e material potencialmente significativo. O primeiro pressuposto implica que, mesmo que o material de aprendizagem possa se relacionar a idéias da estrutura cognitiva do aluno (subsunçores), substantiva e não arbitrariamente, não haverá aprendizagem significativa, se houver o propósito de memorizar *ipsis litteris* e arbitrariamente as partes componentes desse material, em vez de se procurar aprendê-lo significativamente. O segundo pressuposto requer que o aluno possua, de fato, essas idéias subsunçoras na sua estrutura cognitiva, a fim de que possa relacionar, de forma substantiva e não arbitrária o novo conteúdo àquilo que já conhece (p.118).

⁴ Anexo n.º 04 – Programa da cadeira de Introdução aos Estudos Linguístico

Finalmente, a aprendizagem significativa pressupõe material de aprendizagem potencialmente significativo, a saber, um material que possa ser relacionado à estrutura cognitiva em bases substantivas e não arbitrárias. Assim, um material ou tarefa de aprendizagem para ser potencialmente significativo depende da sua própria natureza e da natureza da estrutura cognitiva particular do aluno. Quanto a sua natureza, o material a ser aprendido deve ser suficientemente não arbitrário, isto é, deve possuir significação lógica para poder ser relacionado a ideias que estão dentro do domínio da capacidade humana de aprendizagem (*id., ib., p. 118*).

O autor acima referenciado, quando fala da importância da adequação da linguagem durante o PEA para facilitar a comunicação afirma que “esta desempenha no pensamento um papel que é operativo, mais do que apenas comunicativo, sobre a linguagem considera que “é um facilitador importante da aprendizagem significativa. O aperfeiçoamento da manipulação de conceitos e proposições por meio das propriedades representacionais das palavras, e através do refinamento das compreensões subverbais emergentes na aprendizagem significativa clarifica tais significados e os torna mais precisos e transferíveis” (*id., ib., p. 123*).

Na mesma linhagem Guimarães (2010) sustenta que:

Se o conhecimento vem dar resposta a um problema, a partir da articulação e organização de determinados conceitos, e se estes problemas são inquietudes do sujeito para dar sentido e solução à realidade e à cultura que o constitui, podemos pensar que a prática está dialeticamente vinculada à teoria (p. 16).

Concretamente sobre as unidades, na unidade II “Comunicação e Linguagem”, poder-se-ia propor trabalho independente vinculado ao estudo das diferentes culturas regionais e que influências têm na comunicação linguística; na unidade III “A Comunicação Linguística”, haveria trabalho de campo relacionado com o estudo dos tipos de línguas nacionais a nível local (Dundo), principalmente nas aulas de línguas maternas e línguas segundas. Aqui, os alunos poderiam fazer um estudo comparativo entre uma e outra língua nacional, comparando as suas diferenças linguísticas quer na oralidade como na escrita e explicar o fenómeno da interferência linguística das mesmas no aprendizado do português. Em suma, os programas deveriam apresentar não apenas temáticas, mas também um roteiro de

exercícios práticos para sala de aulas e de trabalhos independentes. Tal como deve indicar mais de ensino e de exercício. Pois não há relação entre a bibliografia apresentada no programa e os manuais na biblioteca.

O programa deveria também compreender subtemas que resumem as cadeiras fulcrais de todo curso. Estes poderiam ser espelhados e indexados nas unidades, em função do grau de aproximação dos conteúdos das disciplinas da especialidade. A título de exemplo, poder-se-ia apresentar uma unidade introdutória com os conceitos linguísticos preliminares, seguida da esquematização de outras que introduzem temáticas relacionadas com as cadeiras de Morfologia e Sintaxe da LP 1 e 2 e Estilística da LP, Semântica e Pragmática da LP. Outra unidade que apresenta aulas sobre a Linguística Aplicada à LP, Didáctica da LP 1 e 2 e a História da LP; ficando apenas fora dessa esquematização as cadeiras que são introduzidas na disciplina de Introdução aos Estudos Literários tais como Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, Literatura Brasileira e Língua Nacional; uma unidade só de trabalho independente, que incorpora actividades das 3 (três) unidades, perfazendo, assim, 4 (quatro) unidades. Assim poderia permitir um programa aberto e flexível, que ocupa mais os docentes e principalmente os discentes no trabalho independente ou investigativo, levando-os a produzirem conhecimentos e, concomitantemente, serem instruídos para produzirem investigação de qualidade.

1.7. Sistema de avaliação

Uma das etapas mais difíceis do PEA para o professor é a avaliação, tanto pela sua natureza estrutural (elaboração, aplicação e correcção), como também do ponto de vista emocional, principalmente quando o professor assume o papel de juiz e não de pedagogo. Entende-se que o professor, durante o processo de avaliação, pode assumir estes dois papéis. No primeiro caso, o professor é visto como aquele que julga apenas o grau de assimilação dos estudantes nos conteúdos, a fim de apurar a partir do número de respostas acertadas; aquele que utiliza a avaliação apenas para medir e desafiar os estudantes, e se contenta com os resultados negativos. No segundo caso, o professor assume o papel de pedagogo durante a avaliação, quando integra a participação dos estudantes às aulas, com apresentação de dúvidas e contribuições que tornam a aula dinâmica, realizando trabalhos individuais e colectivos; o professor procura conhecer o estado emocional do estudante, principalmente quando, mesmo dedicados, falham na avaliação;

aquele que olha nos resultados da avaliação para a sua auto-avaliação, com vista a saber se terá falhado; se a sua falha terá influenciado os maus resultados dos estudantes; se a prova terá transcendido o nível de assimilação dos estudantes; aquele que diversifica as técnicas e tipos de avaliação, com vista ao alcance dos bons resultados.

A prática da auto-avaliação cria condições para que o educando tenha um envolvimento mais profundo e activo no processo de aprendizagem, porque ele tem a *chance* de analisar o seu progresso, bem como a sua conduta diante do educador e dos colegas. Além disso, a auto-avaliação tem uma função pedagógica, pois a consciência dos próprios avanços, limites e necessidades é a melhor forma de conduzir ao aperfeiçoamento (Darcian, 2015).

Diante do acima exposto, compreende-se que não é só o professor que tem a obrigação de avaliar o rendimento académico dos estudantes, mas é importante que os próprios estudantes façam a auto-avaliação para perceber se a sua actuação tem sido ideal ou precisa aumentar o ritmo para melhor o seu rendimento académico.

A avaliação é um processo pelo qual, em função dos conhecimentos discutidos, sempre defendendo o trabalho independente e a busca de conhecimentos significativos, o professor analisa o grau de assimilação dos estudantes e a sua participação no processo de construção de conhecimentos.

Segundo Haydt (1995) *citado por* Darcian (2015) avaliar⁵ é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores. Assim sendo, a avaliação consiste na colecta de dados quantitativos e qualitativos e na interpretação desses resultados com base em critérios previamente definidos. Portanto, não é suficiente testar e medir, pois os resultados obtidos através desses instrumentos devem ser interpretados em termos de avaliação. A avaliação deve fornecer ao professor uma reflexão sobre seu desempenho, auxiliando no emprego de novas metodologias de ensino e avaliação, revendo aspectos para superar dificuldades.

Para os estudantes, é o momento de remodelar a construção do conhecimento, já para a instituição é importante e crucial para definir quais aspectos das acções educacionais necessitam de maior apoio. Deve obedecer às três funções didáctico-pedagógicas: função diagnóstica, função formativa e função

⁵ <https://pt.slideshare.net/anacdalcin/avaliacao-no-ensino-superior>

sumativa (Darcian, 2015). Deste modo, o professor consegue considerar a avaliação como sendo mais uma etapa do PEA. Daí seguir-se, geralmente, depois da avaliação, um período de correcção da prova, com vista a evitar que num outro momento os estudantes voltem a falhar na mesma pergunta.

Darcian (2015) considera ainda que o grande desafio docente é fazer com que o processo avaliativo não seja visto pelo estudante apenas para decorar conceitos ou regras, mas como um processo contínuo que utiliza a avaliação apenas como uma ferramenta para acompanhar se os objectivos estão a ser atingidos, auxiliando no avanço da aprendizagem. Conhecer o perfil do aluno e o estilo de aprendizagem pode assessorar o docente e auxiliá-lo a encontrar actividades avaliativas que alcancem resultados mais eficazes.

É aconselhável e faz parte das boas práticas educativas que os conteúdos a serem avaliados e o tipo de avaliação possam ser discutidos com os estudantes, para que estejam conscientes e se possa reduzir a possibilidade de considerar a avaliação como um “bicho-de-sete-cabeças”. Ora, a prática docente na nossa realidade parece remar para o oposto, pois os professores têm a tendência de avaliar, inclusive, aqueles conteúdos em que os estudantes mais dificuldades apresentaram durante as aulas, com o intuito de buscar maus resultados, e em nome de um “suposto rigor”. Às vezes, se percebe que, há confusão de termos entre o rigor e a injustiça pedagógica. O rigor senta-se na obrigatoriedade de assistência de aulas por parte dos estudantes como consagra o regulamento, na realização de trabalhos investigativos, pois caso contrário o professor pode, por forças do regulamento, sustentado a partir de aplicação de faltas, impedir os estudantes na realização de provas, pois constata-se que os estudantes faltosos são os que mais baixo rendimento académico apresentam.

1.8. O papel do professor

O professor é um agente imprescindível no PEA por causa do seu papel de orientação. Não se pode imaginar uma escola sem professores e sem alunos. Fala-se hoje na possibilidade de haver escolas sem professor, porque o conhecimento não é propriedade do professor. Com efeito, sem entrar em discussão sobre esse assunto, considera-se, contudo, que “esse sonho”, no sentido geral, está distante de ser alcançado. Basta referir que uma busca de conhecimento sem orientação é passível de levar o estudante a correr o risco de utilizar saberes em desuso. O

professor diferente do educador, se bem que, no sentido geral, seja aquele que educa e instrui, é importante que esteja munido de saberes gerais, isto é, deve ser autodidacta.

No que concerne ao professor do ensino superior, deve ter a educação e instrução suficientes para conseguir conduzir o PEA. Segundo Gadotti (2003, p.3) citado por Carvalho e Rosa (2013):

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são verdadeiros amantes da sabedoria, os filósofos de que os falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis (p. 201).

A visão moderna sobre o perfil do professor, capaz de actuar na formação do indivíduo com qualidade, exige que o professor tenha, para além do conhecimento, o domínio da cultura nacional e internacional. O mesmo é dizer que deve saber ser e estar, saber manusear os equipamentos e métodos de ensino modernos; deve saber acompanhar, orientar e aconselhar os estudantes; por fim, deve ser capaz de amar a profissão e ser possível de ser amado.

Para Carvalho e Rosa (2013), com intuito de responder ao principal desafio da sua profissão, o professor deve propiciar o acesso à cultura e a ciência, tendo consciência de que se faz necessário à inclusão de todos, sem excepção de nenhum educando na participação do saber mediante ao contexto social. Nesta perspectiva, sua responsabilidade está posta a fim de garantir, que o que o aluno aprende vale a pena ser objecto de aprendizagem, ou seja, deve fazer com que o ensino se efective como significativo para o aluno. Compreendesse então que sua tarefa é despertar no educando a curiosidade por aprender e fazê-lo sentir se parte do processo, tomando como próprio a experiência da aprendizagem (op. cit., p. 202).

Neste sentido, para ser um “bom professor”, não basta ser apenas um orador, ou saber todos os conceitos de determinada área, pois ensinar não é apenas uma

questão de falar; na aprendizagem o que realmente importa é assegurar que o ouvinte com intenção de aprender está entendendo; tratasse de explicar para ser compreendido com isto o “bom professor” é aquele que trabalha com intenção formativa (*id.*, *ib.*). Concordando com as autoras acima mencionadas, consideramos que o professor deve estar preocupado com os níveis de desenvolvimento cognitivos dos estudantes, pois é a partir dessa preocupação que surge esta investigação.

1.9. Professor Regente

A situação do baixo rendimento dos estudantes parece carecer de uma análise mais profunda, desde o ponto de vista do Estatuto, currículo, programa, conteúdos e docência. A docência no ensino superior constitui uma prioridade do governo, pois para o alcance da qualidade de ensino que se almeja é necessário que se trace bons objectivos, e o docente use boas metodologias. Reconhecem-se as dificuldades que as instituições do ensino superior enfrentam, que vão desde a falta de laboratórios, bibliotecas equipadas de acordo com o currículo e especialmente dos cursos, e de acordo com o programa da cadeira. O docente também enfrenta dificuldades de falta de manuais da cadeira especializado para a sua docência. Daí carecer de mais acompanhamento e de Professores Regentes, com vista a auxiliar os assistentes estagiários no que diz respeito ao uso das metodologias, à selecção dos conteúdos e à avaliação. O referido Departamento de Ensino e Investigação de Línguas funciona apenas com Chefe de Departamento, e não possui Chefe de Secção. Em termos práticos, os Professores Coordenadores/ Professores Regentes de disciplinas não exercem as suas funções conforme estipula o Decreto Presidencial n.º191/18, do Estatuto da Carreira Docente Universitário, no seu Artigo 12º:

O Conselho Científico da Unidade Orgânica ou do respectivo Departamento de Ensino e Investigação deve designar um docente com a categoria de Professor para coordenar e acompanhar, de modo permanente, as actividades desenvolvidas por cada Assistente Estagiário no exercício das suas funções”.

Os conteúdos das cadeiras, antes de serem ministrados pelos docentes, devem ser apreciados pelo professor regente. Este princípio está também plasmado no supracitado Estatuto da Carreira Docente:

O Conselho Científico da Unidade Orgânica de uma Instituição de Ensino Superior distribui serviço docente primeiramente aos Professores Catedráticos para que

tenham a seu cargo a regência de disciplinas e cursos de licenciatura... (Estatuto da Carreira Docente Universitário, no seu Artigo 15º).

O professor regente é um docente titular da cadeira, com a categoria de Professor Associado ou Catedrático, e com uma vasta experiência profissional na docência do Ensino Superior, com a atribuição das funções de coordenador do curso, conferida pela unidade orgânica ou departamento afecto ajuda os docentes da cadeira no que tange aos métodos, conteúdos e sistema de avaliação segundo a sua experiência.

Ao se considerar ser importante a necessidade do acompanhamento das actividades docentes não se retira o poder do docente da cadeira em analisar e discutir com o professor regente sobre alguns pontos de vista segundo a realidade da turma. A falta de cumprimento do exposto nesse diploma se considera ser uma das situações que provoca o baixo rendimento dos estudantes.

1.10. Considerações sobre o estudante do Pós-Laboral

A noção de estudante do Pós-Laboral se desvirtuou da sua essência, como referimos anteriormente, pois no começo, este curso foi criado para colmatar uma necessidade social, albergar estudantes trabalhadores, aqueles que não tinham tempo para ir à escola no período diurno. No contexto da sua criação, considerava-se como estudante do pós-laboral todo o estudante trabalhador que frequentava aulas no período a seguir ao término do trabalho. Hoje, a realidade é outra. Hoje temos estudantes no pós-laboral por diversos motivos: uns porque não conseguiram entrar no período regular, outros por motivos de trabalho, outros por ser o curso com mais vagas, outros porque o curso apenas funciona nesse período, etc.

No contexto da nossa escola, encontra-se jovens sem trabalho nem emprego a frequentarem o curso de pós-laboral, porque têm o sonho de fazer o curso de LP no ensino superior e que, na EPD nos últimos anos, o curso funciona apenas no período pós-laboral, o que limita a escolha dos interessados ao curso. Assim, os mesmos estudantes têm o tratamento igual com os de regular. Tal como temos vindo a referir, a falta de assiduidade às aulas constitui um dos pilares do baixo rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP. O Regulamento Académico da ULAN, no seu Artigo 39.º, considera que:

1) Perde a frequência numa disciplina o estudante que perfizer um total de faltas injustificadas iguais ou superior a 30% de aulas teóricas efectivamente realizadas no decurso de um semestre; 2. Perde a frequência numa disciplina o estudantes que em actividades pedagógicas de carácter teórico-prático perfizer um total de faltas injustificadas iguais ou superior a 10% do número de aulas efectivamente realizadas no decurso de um semestre lectivo; 3. Independentemente da justificação de faltas, o estudante é obrigado a frequentar 70% das aulas teóricas e 90% das aulas práticas, salvo especificações próprias de um determinado curso ou especialidade; 4. Os estudantes que excederem o limite de faltas definido nos números anteriores, reprovam nessa disciplina.

Este artigo do regulamento deixa claro que a assistência de aulas é de carácter obrigatório. Entretanto, entende-se que haja uma boa reflexão quer por parte dos docentes quer pela Direcção em geral, quando se trata de estudantes do pós-laboral, na sua maioria, trabalhadores. Estes, para se deslocarem, precisam de autorização da entidade empregadora, conforme se pode testar na Lei Geral de Trabalho, no seu Artigo 105.º:

1. O regime de trabalhador estudante está sujeito a acordo escrito entre o empregador e o trabalhador, que define o horário de trabalho, a remuneração, as condições de trabalho, as obrigações do trabalhador, bem como a suspensão e a cessação do respectivo estatuto; 2. Os trabalhadores que frequentam estabelecimento de ensino em regime pós-laboral devem ser dispensados para prestação de provas de frequência e exame; 3. O trabalhador em regime pós-laboral deve ser dispensado no dia de prestação de provas de frequência e exame escolares, sem direito à remuneração.

A partir da presente lei percebe-se que os estudantes trabalhadores enfrentam dificuldades de frequência de aulas e que em muitos casos lhes são descontados os salários, como sustenta o ponto 2 anteriormente citado. É importante considerar que a frequência de aulas no pós-laboral é um contrato salutar, pois serve de ponto de arrecadação da instituição de ensino superior. Por isso, a flexibilidade, é fundamental, pois se os estudantes não trabalham, dificilmente conseguem pagar as propinas, apesar de precisarem de superação académica. Mesmo assim, não se pode deixar de recomendar que os estudantes se esforcem mais em assistir às aulas e de possuírem uma postura mais responsável no que concerne às revisões, no intuito de melhorar o seu rendimento académico.

CAPÍTULO 2 – Fundamentação Metodológica

A concepção metodológica constitui uma parte imprescindível na realização de trabalhos de natureza científica, porque ajuda no planeamento por parte do investigador para saber, segundo o problema identificado e objectivo proposto, qual é o caminho a utilizar para o alcance da meta. No presente capítulo aborda-se a caracterização física da instituição em que se desenvolve o estudo, a metodologia, tipo de investigação, população e amostra. Como principais métodos destacam-se observação, análise-síntese, indução-dedução, revisão documental e comparação. Para colher os pontos de vistas dos informantes a respeito do tema utilizou-se como instrumento o inquérito.

2.1. Caracterização da Escola Pedagógica do Dundo

Antes de se caracterizar a Escola Pedagógica do Dundo (EPD), considera-se ser imprescindível abordar acerca da Universidade Lueji A'Nkonde (ULAN) em que está integrada.

Segundo Victorino *et al.* (2012) afirma que “a ULAN é resultado da reorganização e do redimensionamento da Universidade Agostinho Neto (UAN), vide Decreto nº 7/09 de 12 Maio, e nomeado o seu corpo reitoral sob Decreto nº 49/09 de 11 de Setembro. Este pressuposto jurídico-legal serviu para de forma concreta e substantiva assegurar o nascimento de uma nova era do ensino superior no contexto nacional e regional”.

A ULAN faz parte da vasta região académica, isto é, da IV região académica de Angola, compreendendo as seguintes províncias: Lunda-Norte onde se situa a sede, Lunda-Sul e Malanje.

Victorino *et al.* (2012) considera que com a implementação da ULAN constata-se muito interesse da populações na frequência do ensino superior, havendo como limites institucionais a capacidade das instalações e de docentes para assegurar o funcionamento das unidades orgânicas nas três províncias. Apesar de tudo, e na perspectiva de ampliar a oferta formativa das populações da Região Académica, a Reitoria lançou-se ao desafio de abrir nos anos académicos de 2011 e 2012 outras especialidades até então inexistentes, o que permitiu o crescimento do número de estudantes atingindo cerca de 8.000 (oito mil). A ULAN tem as seguintes unidades orgânicas: Escola Superior Pedagógica (Lunda-Norte), Instituto Superior Politécnico do Cuango (Lunda-Norte), Faculdade de Direito

(Lunda-Norte), Faculdade de Economia (Lunda-Norte), Escola Superior Politécnica (Lunda-Sul), Faculdade de Medicina (Malanje) e Licenciatura em Ciências da Educação (Malanje).

A⁶ EPD é uma unidade orgânica da ULAN, situada na cidade do Dundo, Rua da K -18, Província da Lunda Norte, criada pelo Decreto nº 7/09, de 12 de Maio resultante da criação das regiões académicas e a expansão do ensino Universitário em Angola.

A EPD, no Dundo, foi inaugurada no dia 2 de Fevereiro de 2004, pelo então Primeiro-Ministro da República de Angola, Sua Excelência Fernando da Piedade Dias dos Santos, tendo iniciado as suas actividades no dia 23 de Março de 2004 com 684 estudantes inscritos, deste número apenas 651 confirmaram as suas matrículas. Trata-se de um complexo construído de raiz, com capacidade para mil estudantes, constituído por 23 salas de aulas, dois laboratórios, uma sala de conferências, uma sala de informática e uma biblioteca.

Foto n.º01 – Alçado frontal da Escola Pedagógica do Dundo.



Fonte: <http://www.ulan.ed.ao/Entidade/EPD>.

⁶ <http://www.ulan.ed.ao/Entidade/Espln>

Segundo Chipombela (2011): A⁷ EPD abriu no dia 18 o ano académico de 2011, com a integração do grau de licenciatura em ciências pedagógicas na grelha curricular daquela instituição do ensino superior.

É importante destacar que, actualmente, a EPD, conta com os seguintes cursos:

Tabela n.º 01 – Cursos da EPD

Ensino da Língua Francesa
Ensino da Língua Inglesa
Ensino da LP
Ensino da Matemática
Ensino da Física
Ensino da Química
Ensino da Biologia
Ensino da Pedagogia integra os cursos de: Ensino Pré-Escolar, Ensino Primário e Ensino Especial.

Fonte: Elaboração própria do autor.

É necessário, neste momento, referir-se acerca do Departamento do Ensino e Investigação de Línguas subdividido em três secções: Ensino de Língua Francesa, Inglesa e Portuguesa.

Neste último é que constitui o nosso campo de estudos, no 1º ano, na Cadeira de IEL.

2.2. Metodologia

A utilização de métodos constitui um elemento imprescindível para o alcance dos objectivos previstos. Neste caso, uma pergunta inevitável, como princípio básico: O que o método?

⁷ http://jornaldeangola.sapo.ao/provincias/lunda_norte/escola_superior_com_cursos_de_licenciatura

Métodos são os princípios básicos orientadores que norteiam o processo de desenvolvimento de qualquer actividade humana, eles determinam as formas, as vias, a postura que o investigador deve tomar para facilitar o alcance dos objectivos.

Segundo Celvo, Bervian & Silva (2014):

Em seu sentido mais geral, método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado. Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade (p. 27).

Por isso que, deve-se disciplinar o espírito, excluir das investigações o capricho e o acaso, adaptar o esforço às exigências do objeto a ser estudado, seleccionar os meios e processos mais adequados. Tudo isso é dado pelo método. Assim, o bom método torna-se favor de segurança e economia na ciência. Muitas vezes, um espírito medíocre guiado por um bom método faz mais progressos nas ciências que outro mais brilhante que segue ao acaso (*id., ib.*, p. 27).

É fundamental destacar que, para os trabalhos de carácter científicos o domínio dos métodos de investigação é muito importante, pois por cada área de estudo existem métodos próprios, o investigador não deve seleccionar um determinado método que na prática não se vincula com o trabalho ou ainda não ter domínio do mesmo. Sobre este ponto Celvo, Bervian, & Silva (2014) salientam que:

Não se inventa um método; ele depende, fundamentalmente, do objeto da pesquisa. Os cientistas cujas investigações foram coroadas de êxito tiveram o cuidado de anotar os passos percorridos e os meios que os levaram aos resultados. Outros, depois deles, analisaram tais processos e justificaram sua eficácia. Assim, esses processos, empíricos no início, foram transformados, gradativamente, em métodos verdadeiramente científicos (p. 27).

De acordo os mesmos autores acima citados, ao explicarem a necessidade de alguns métodos para a realização de um trabalho científico destacam o seguinte: "O método científico aproveita a observação, a descrição, a comparação, a análise e a síntese, além dos processos mentais da dedução e da indução, comuns a todo tipo de investigação, quer experimental, quer racional". "Em suma, método científico é a lógica geral, tácita ou explicitamente empregada para apreciar os méritos de uma pesquisa" (Nagel, 1969, p. 19 citado por Celvo et al., 2014, p. 29).

2.3. Definição do tipo de investigação

A nossa investigação é de carácter descritiva. Pois faz-se um estudo com apoio nalgumas bibliografias, documentos, monografias, teorias, para se chegar a dados quantitativos. É também concebida descritiva porque tem a natureza quantitativa, apresentando dados históricos que resultam da comparação de resultados dos estudantes na cadeira de IEL desde 2011, ano que implementou os cursos de licenciatura até o presente ano académico. Segundo Barros & Lehfeld (2007) consideram que neste tipo de pesquisa,

não há interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objecto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenómeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenómenos. A pesquisa descritiva engloba dois tipos: a pesquisa documental e/ou bibliográfica e a pesquisa de campo.

Para o alcance dos objectivos traçados, empregaram-se diferentes **métodos**, dentre os quais destacam-se:

Observação: para constatar de forma directa a situação da evolução do fenómeno do baixo rendimento académico dos estudantes do 1º ano na cadeira de IEL, na vertente actual utiliza-se um estudo dirigido aos estudantes, alguns resultados produzidos e compreender o ponto de vista do docente, para o passado serve-se de algumas bibliografias como fontes com vista a constatar a realidade que constitui nosso objecto de estudo e obter informação sobre o desenvolvimento do mesmo. Pois que, para Celvo, Bervian, & Silva (2014):

Observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso. A observação é de importância capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples conjectura e adivinhação (p. 31).

Entre os tipos de observações mencionados pelos autores para a realização da nossa dissertação, considera-se úteis os seguintes:

b) Observação sistemática: também chamada observação estruturada, planejada ou controlada, tem como característica básica o planejamento prévio e a utilização de anotações e de controle do tempo e da periodicidade, recorrendo também ao uso de recursos técnicos, mecânicos e eletrônicos.

e) Observação individual: em diversas situações de pesquisa, a observação só pode ser realizada individualmente, como nas pesquisas destinadas à obtenção de títulos acadêmicos, e o observador tem de submeter o objeto da pesquisa ao crivo de seus próprios conhecimentos, dada a inexistência de controles externos.

f) Observação em equipa: ocorre quando um objeto de pesquisa é, simultânea ou concomitantemente, observado por várias pessoas com o mesmo propósito, ainda que em tempos e lugares distintos, (*id.*, *ib.*, p. 31).

A presente investigação considera fundamental a observação sistemática porque tem um tempo definido, isto é, cumpre um cronograma de actividade. É também observação individual porque é de natureza académica, isto é, os ganhos da observação têm a finalidade da realização da dissertação final como requisito necessário para obtenção do grau de mestre em educação. Por fim, é também uma observação em equipa porque conta com o apoio do orientar como especialista na área.

Análise-síntese: para fazer o estudo das ideias relacionadas com o objecto de estudo e para estabelecer as múltiplas relações entre os factores que intervêm no baixo rendimento académico dos estudantes do 1º ano na cadeira de IEL. Este método foi introduzido pela primeira vez por René Descartes, na obra *Discurso do Método* Descartes (1956, p. 22) citado por Celvo, Bervian, & Silva (2014), procurando traçar normas gerais e indispensáveis a qualquer trabalho científico, formulou quatro regras:

- 1) Nunca aceitar como verdadeira qualquer coisa, sem conhecê-la como tal. Evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção (é a evidência como critério da verdade).
- 2) Dividir cada uma das dificuldades a abordar no maior número possível de parcelas que forem necessárias para melhor resolvê-las (é a análise).
- 2) Conduzir por ordem de pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, gradualmente, até o cohecimento dos mais complexos (é a síntese).
- 3) Fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais que dêem certeza de nada omitirem (é a condição comum e a garantia da análise e da síntese) (p. 33).

Com este método se quer analisar a situação do rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL, utilizando alguns conhecimentos de alguns autores e elaborar uma dissertação que visa espelhar a realidade linguística local,

principalmente, para as futuras gerações. No entender de Celvo, Bervian, & Silva (2014):

No método racional, a análise é uma operação mental que consiste na decomposição de um todo em tantas partes quantas possíveis. No método experimental, a análise é também a decomposição do todo em tantas partes quantas possíveis, mas essa operação não é apenas mental e pode ser feita em laboratório, como é o caso da análise química. A síntese é a reconstituição do todo pela reunião das partes decompostas para análise Ou, em outras palavras, a análise é o processo que parte do mais complexo para o menos complexo, e a síntese parte do mais simples para o menos simples (p. 33).

Revisão documental: permite obter informações dos documentos normativos e obras publicadas anteriormente relacionadas com o presente tema de investigação, assim como para constatar os passos que têm sido dados para melhorar o rendimento académico dos estudantes do 1º ano na cadeira de IEL por parte do departamento e dos docentes.

Pesquisa documental: são investigados documentos com o propósito de descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças e outras características. As bases documentais permitem estudar tanto a realidade presente como o passado com a pesquisa histórica (*id., ib., p. 62*).

Comparação: permite comparar o rendimento académico dos estudantes do 1º ano na cadeira de IEL no Curso de LP desde 2011 até o presente ano, para se perceber se a situação é geral ou não.

A comparação é a técnica científica aplicável sempre que houver dois ou mais termos com as mesmas propriedades gerais ou características particulares. Da comparação, importa abstrair as semelhanças e destacar as diferenças. Homem e mulher, por exemplo, são comparáveis na maioria de suas propriedades gerais, mas não em suas características específicas. Duas pessoas, quaisquer que sejam, são comparáveis em suas propriedades gerais no que se refere a espécie, raça, constituição biológica, constituição físico-química, estrutura, organização e funcionamento... (*id., ib., p. 32*).

Após o desenvolvimento dos capítulos teóricos, como a investigação é de carácter exploratória-descritiva considera-se necessário traçar instrumentos de colecta de dados do campo. Pois, para Celvo, Bervian, & Silva (2014):

Toda pesquisa, em especial a pesquisa descritiva, deve ser bem planejada se quiser oferecer resultados úteis e fidedignos. Esse planejamento envolve também a tarefa de coleta de dados, que corresponde a uma fase intermediária da pesquisa descritiva. A coleta de dados ocorre após a escolha e a delimitação do assunto, a revisão bibliográfica, a definição dos objetivos, a formulação do problema e das hipóteses, o agrupamento dos dados em categorias e a identificação das variáveis (essas duas últimas tarefas são mais bem desenvolvidas com a assistência de um estatístico ou de um analista de sistemas). Realizada a coleta de dados, seguem-se as tarefas da análise e discussão dos dados e depois a conclusão e o relatório do trabalho (p. 50).

Os instrumentos de colecta de dados, de largo uso, são a entrevista, o questionário e o formulário. Na aplicação da entrevista e do formulário, o informante conta com a presença do pesquisador ou seu auxiliar, que regista as informações. O Questionário, sem a presença do investigador, é preenchido pela pessoa que fornece as informações (*id., ib.*, p. 50).

Os mesmos autores acima mencionados elencam os seguintes princípios que devem reger a elaboração dos instrumentos:

- identificar os dados ou as variáveis sobre os quais serão feitas as questões;
- selecionar o tipo de pergunta a ser utilizado diante das vantagens e desvantagens de cada tipo, com vistas ao tempo a ser consumido para obter os dados e a maneira de tabulá-los e analisá-los;
- elaborar uma ou mais perguntas referentes a cada dado a ser levantado;
- analisar as questões elaboradas quanto a clareza da redação, classificação e sua real necessidade;
- codificar as questões para a posterior tabulação e análise com a inclusão dos códigos no próprio instrumento;
- elaborar instruções claras e precisas para o preenchimento do instrumento;
- submeter as questões a outros técnicos para sanar possíveis deficiências;
- revisar o instrumento para dar ordem e sequência às questões;
- submeter o instrumento a um pré-teste para detectar possíveis reformulações ou correções, antes de sua aplicação (*id., ib.*, p. 51).

Inquéritos dirigidos aos estudantes: para obtenção da informação, após a observação para se entender de forma profunda os factores que estão na base do baixo rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP da Escola

EPD na cadeira de IEL. Para se traçar uma metodologia de ensino adequada às dificuldades dos estudantes com vista a melhorar o rendimento.

Atendendo a utilidade que o questionário tem no desenvolvimento trabalho de natureza científico, prima-se no conceito de Celvo, Bervian, & Silva (2014) que consideram que:

O questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra questionário refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. Assim, qualquer pessoa que preencheu um pedido de trabalho teve a experiência de responder a um questionário. Ele contém um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central (p. 53).

Análise percentual: permitiu fazer a análise e tratamento de dados obtidos a partir de aplicação do questionário aos estudantes e docente, após o processamento dos mesmos, permitindo manifestar as particularidades do problema em questão e efectuar deduções empírico - científicas.

2.4. População e amostra

Um dos elementos fundamentais no desenvolvimento de uma investigação de carácter quantitativa é a população e a amostra. Desse modo, a população é a unidade em geral que incide a investigação, nela se extrai a amostra que é considerada parte específica que reque a descodificação das suas propriedades físicas, psíquicas no caso de pessoas, por sinal, é o que se indaga na presente investigação, nela se procura conhecer os fenómenos com o intuito de propor uma possível solução.

Para essa investigação seleccionou-se a seguinte população: as duas turmas do 1º ano do, curso de LP isto é, 1N e 2N, compreendida por 185 estudantes e 1 docente, perfazendo-se em 186, o que corresponde a 100%.

E seleccionou-se uma amostra aleatória e intencional, pois que, escolheu-se a turma com mais debilidade, que é a 2N, compreendida por 80 estudantes e 1 docente, equivalente a 81, perfazendo-se 43,54% da população, considerada representativa.

CAPÍTULO 3 – Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados da Investigação

O presente capítulo é de natureza teórico-prática. Considera-se teórico porque faz incursão os factores que estão na base do baixo rendimento académico dos estudantes do 1º ano do curso de LP na EPD na cadeira de IEL, a referida teorização gira em volta dos resultados dos dados recolhidos a partir do inquérito aplicado aos estudantes, o docente e a análise dos resultados dos estudantes na cadeira de IEL desde 2011 aquando da abertura de cursos de licenciaturas na EPD até o presente ano, sustenta-se também em algumas teorias de autores consagrados. E é prático por ser uma investigação de carácter exploratória-descritiva, trazendo resultados quantitativos.

Os gráficos que constam na análise e interpretação de dados foram elaborados com base na experiência do autor.

Para os leitores adverte-se que a proposta de actividades que se apresenta é aplicável para os estudantes do curso de LP e, também, bem reflectida, pode ser transversal. A mesma é de concepção pessoal e visa encorajar os estudantes.

3.1. Análise dos resultados obtidos pelos estudantes no período 2011 a 2019

O presente estudo faz análise dos resultados dos estudantes do 1.º ano do curso de LP na cadeira de IEL, com vista a tirar ilações sobre o nível de rendimento académico.

Como mostra as notas dos estudantes das duas turmas do 1º ano de 2019, e os resultados dos anos acima referenciados, (vide anexo 1):

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO												ANO LECTIVO 2018								
		Turma: 1M												Anual								
Nome	A	B	C	D	Out	Final	Dist	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	NOTA FINAL: II	Dist	Out	
		9,0	9,0	3,0	3,0		5	7,0												13,0		
	14,0	16,0	9,0	6,0		12	9,0												11	Dist		A
	7,0	16,0	3,0	3,0		7	9,0												14,0			A
	7,0	16,0	7,0	7,0		9	4,0												11,0			A
	11,0	16,0	9,0	3,0		10	10,0												10	Dist		A
	16,0	4,0	9,0	9,0		9	10,0												12,0			A
	13,0	9,0	0,0	0,0		3																
	8,0	20,0	12,0	3,0		11	9,0												10	Dist		A
	10,0	0,0	7,0	4,0		5	11,0												7	Dist		B
	14,0	10,0	6,0	0,0		7	11,0												10,0			B
	13,0	6,0	8,0	4,0		7	8,0												11	Dist		A
	10,0	1,0	0,0	0,0		3																
	6,0	18,0	7,0	6,0		8	3,0												12,0			A

Curso: Ensino de Língua Portuguesa													1.º ANO				ANO LECTIVO 2019		
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos													Turma: 1N				Anual		
N.º	E	R	C	F	Out	Final Freq.	Exame	Out Exame	Recusa	Out Recusa	Ep Especial	Out EpEsp	NOTA FINAL (a)		Méd. (b)	A/R (c)			
													Nota	Exame					
	6,0	0,0	0,0	0,0		2													
	6,0	16,0	7,0	2,0		8	10,0			14,0				10	Dez		A		
	12,0	30,0	9,0	7,0		10	9,0							10	Dez		A		
	9,0	16,0	2,0	12,0		10	9,0							10	Dez		A		
	9,0	6,0	16,0	5,0		8	3,0			13,0				16	Dez		A		
	10,0	1,0	10,0	7,0		7	9,0			18,0				11	Out		A		
	5,0	16,0	13,0	15,0		12	9,0							11	Out		A		
	10,0	16,0	17,0	11,0		14	8,0							12	Dez		A		
	10,0	6,0	0,0	0,0		4													
	14,0	0,0	10,0	6,0		6	5,0			12,0				10	Dez		A		
	18,0	20,0	16,0	15,0		17	11,0							16	Quin		A		
	7,0	2,0	11,0	8,0		7	6,0			10,0				8	Out		R		

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1N, 2019

Curso: Ensino de Língua Portuguesa													1.º ANO				ANO LECTIVO 2019		
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos													Turma: 2N				Anual		
N.º	E	R	C	F	Out	Final Freq.	Exame	Out Exame	Recusa	Out Recusa	Ep Especial	Out EpEsp	NOTA FINAL (a)		Méd. (b)	A/R (c)			
													Nota	Exame					
	7,0	11,0	15,0	6,0		10	11,0							16	Dez		A		
	11,0	7,0	12,0	4,0		9	7,0							9	Out		R		
	11,0	5,0	5,0	6,0		7	11,0			14,0				10	Dez		A		
	4,0	17,0	13,0	11,0		11	10,0							11	Out		A		
	7,0	14,0	8,0	18,0		15	11,0							15	Out		A		
	0,0	16,0	12,0	14,0		11	9,0							16	Dez		A		
	0,0	6,0	0,0	4,0		3													
	9,0	14,0	10,0	10,0		11	5,0							10	Dez		A		
	11,0	2,0	2,0	5,0		5	7,0			18,0				19	Dez		A		
	13,0	10,0	10,0	15,0		14	11,0							13	Trin		A		
	10,0	16,0	7,0	7,0		10	9,0							8	Out		R		
	8,0	8,0	8,0	10,0		8	7,0			17,0				13	Dez		A		

Rúbrica dos (as) centes: _____

Datas: 1.º Trabalho ___/___/___ 1.º Frequência ___/___/___ Final Freq. ___/___/___ 1.º Época Exame ___/___/___ 2.º Época Exame ___/___/___ Época Esp. ___/___/___
 2.º Trabalho ___/___/___ 2.º Frequência ___/___/___ Praticas ___/___/___ Oral ___/___/___ Oral ___/___/___ Oral ___/___/___

Obs.:
 Nome(s) do Responsável(ais) da Cadeira: _____
 Assinatura dos Responsáveis pela Classificação: c) _____
 Data: _____
 N.º de alunos: 79 1 de 0

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1N, 2019

Curso: Ensino de Língua Portuguesa													1.º ANO				ANO LECTIVO 2019		
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos													Turma: 2N				Anual		
N.º	E	R	C	F	Out	Final Freq.	Exame	Out Exame	Recusa	Out Recusa	Ep Especial	Out EpEsp	NOTA FINAL (a)		Méd. (b)	A/R (c)			
													Nota	Exame					
	10,0	0,0	4,0	0,0		4													
	8,0	14,0	12,0	15,0		12	9,0							11	Out		A		
	7,0	16,0	12,0	11,0		12	12,0							12	Dez		A		
	0,0	0,0	13,0	3,0		4													
	5,0	18,0	17,0	13,0		13	8,0							11	Out		A		
	10,0	8,0	0,0	0,0		5													
	7,0	14,0	8,0	7,0		8	11,0							10	Dez		A		
	16,0	14,0	5,0	11,0		11	8,0							10	Dez		A		
	14,0	14,0	8,0	12,0		12	5,0							16	Dez		A		
	0,0	0,0	7,0	0,0		2													
	3,0	16,0	9,0	8,0		9	9,0			14,0				11	Out		A		
	11,0	16,0	5,0	10,0		11	11,0							11	Out		A		

Rúbrica dos (as) centes: _____

Datas: 1.º Trabalho ___/___/___ 1.º Frequência ___/___/___ Final Freq. ___/___/___ 1.º Época Exame ___/___/___ 2.º Época Exame ___/___/___ Época Esp. ___/___/___
 2.º Trabalho ___/___/___ 2.º Frequência ___/___/___ Praticas ___/___/___ Oral ___/___/___ Oral ___/___/___ Oral ___/___/___

Obs.:
 Nome(s) do Responsável(ais) da Cadeira: _____
 Assinatura dos Responsáveis pela Classificação: c) _____
 Data: _____
 N.º de alunos: 79 2 de 0

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 2N, 2019

Para o desenvolvimento da presente dissertação, tal como se refere acima, constitui-se como uma das principais fontes de análise as pautas de IEL no período de 2011 (por ser o primeiro ano em que arrancou o curso de Licenciatura na EPD) a 2019, com destaque os resultados de 2019 (ver anexo n.º01), mas com excepção dos resultados do ano 2018 cujo resultado da maior parte dos estudantes encontram-se no contencioso, inquérito dirigido aos estudantes e ao docente. As informações que se podem reter aqui fica evidente a necessidade de se traçar uma estratégia de ensino para melhorarem o nível rendimento académico dos estudantes nesta cadeira.

3.2. Interpretação dos dados dos estudantes

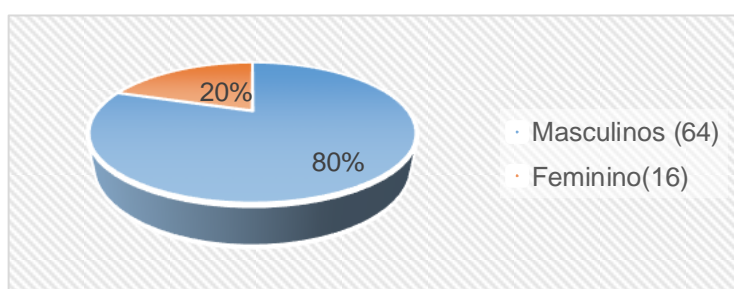
Distribuição em género e idades dos estudantes amostrados

Tendo um número de 80 estudantes amostrados, percebe-se que o género masculino é o predominante, representado por 64 estudantes, equivalente a 80%.

A idade mínima e máxima dos inquiridos é de 17 e 60 anos respectivamente, obteve-se uma média de 33 anos, um desvio padrão de 11, um intervalo de variação bastante acentuada que é de 22 – 44 anos e entre os intervalos das idades, a mais representativa foi de 21 a 30 anos, com uma frequência de 50%.

É importante salientar que, há uma necessidade de trabalhar no género para que haja equilíbrio a partir da fase de selecção, pois, tal como a questão da percentagem é preocupante, de igual modo a situação de assimilação. Contrário da situação do género, no que tange as idades, os estudantes apresentam mais desvios comparativamente com as estudantes. Em suma, a situação das idades é mais preocupante, pois apenas 7 estudantes possuem a idade regular, a maioria acima da idade e com muitas responsabilidades sociais o que provoca a falta de tempo e dedicação nos seus estudos.

Gráfico n.º1 – Da distribuição em género dos estudantes



Fonte: Elaboração própria do autor.

Tabela n.º 02 – Das idades dos informantes

I década (17 a 27 anos)				II década (28 a 38 anos)		III década (39 a 49 anos)		IV década (50 a 60 anos)	
22	27	22	21	32	34	48	40	56	54
24	22	17	26	30	31	41	49	52	51
26	27	25	27	33	28	40	48	60	50
23	17	26	20	29	30	43	47	57	53
26	25	21	23	37	35	45	40	55	58
18	18	22	25	38	30	43	41		
26	24	22	23	28	36	44	42		
20	22	19	24	30	29	42	46		
		20	17	29	33				
				29	31				
					30				

Distribuição das idades dos estudantes por década

Idades	Nº de estudantes	%	
17	27	34	43%
28	38	21	26%
39	49	16	20%
50	60	9	11%

0

N=80

Média	33
Desvio padrão	12
Intervalo de variação	22;44
Coeficiente de variação	36%
Máximo	60
Mínimo	17

Fonte: Elaboração própria do autor.

Distância e duração média do deslocamento dos estudantes à EPD

A seguir aborda-se a situação da acessibilidade da EPD por parte dos estudantes.

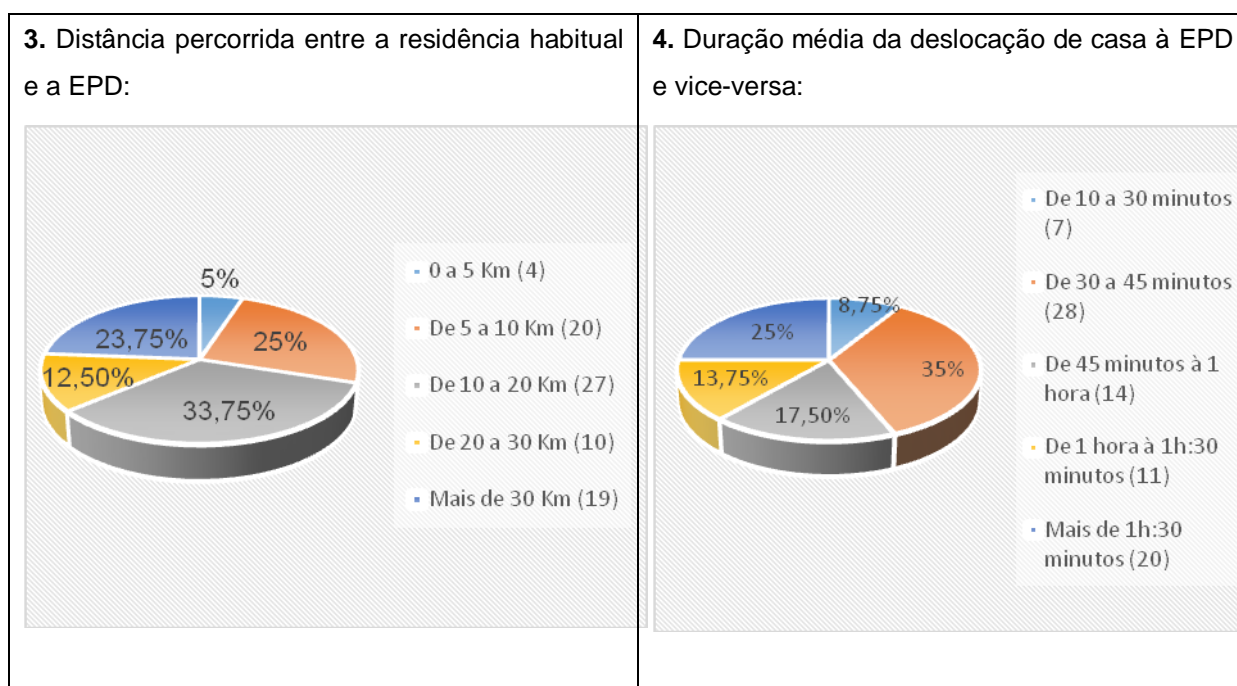
A questão da distância é uma situação preocupante, pois há estudantes a frequentarem o 1º ano de LP na EPD que moram no Cuilo, no Lucapa, no Saurimo, no Cambulo, com uma distância acima dos 70 Km, muitos vêm à escola apenas para fazer provas e sem assistência às aulas, violando o regulamento da ULAN, no seu artigo 39º sobre as faltas, tal como se refere acima.

Por isso, a ULAN, espera que continue a expansão dos núcleos e salas anexas para facilitar os estudantes, porque a província possui municípios bastantes distanciados.

Aos estudantes, espera-se que se esforcem mais, pois muitos deles se aproveitam dessa situação.

Prefere-se colocar na mesma tabela o gráfico do tempo porque os dois elementos se complementam, isto é, geralmente, salvo nos casos de congestionamento, doença, entre outros, a distância define a duração média da deslocação de casa à EPD e vice-versa. A abordagem é sustentada nos gráficos a seguir:

Gráfico n.º2 e 3: Da distância e duração média da deslocação dos estudantes



Fonte: Elaboração própria do autor.

Quanto ao período de aulas, as duas turmas que compõem o 1º ano de LP, 1N e 2N, ambas são do período Pós-Laboral, delas seleccionou-se 80 estudantes.

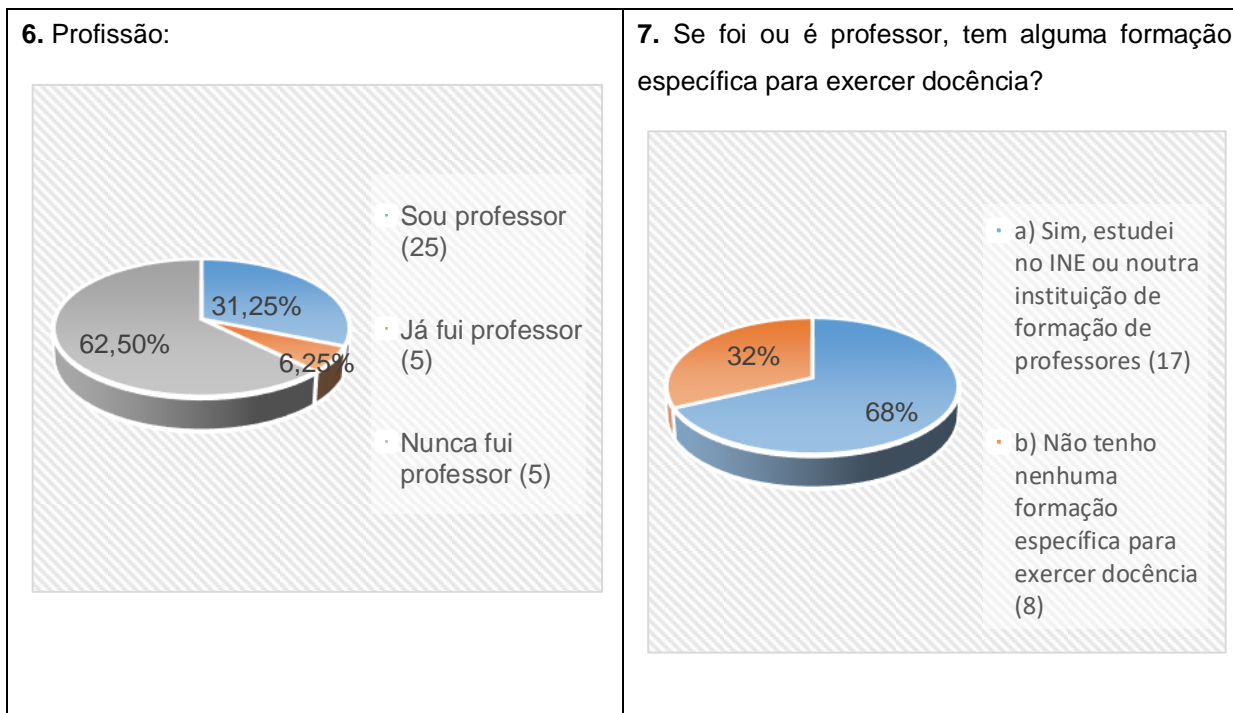
A situação de desemprego que afecta quase a maior parte da população jovem em Angola é registada de igual modo no Dundo e concretamente no seio dos estudantes do 1º ano do Curso de LP. Este elemento pode estar por detrás do elevado índice de desistência escolar nos estudantes no período pós-laboral. Pois, por escassez de diversidade de instituições do ensino superior na província, os jovens ficam sem alternativas, num contexto em que não há instituições privadas ou ainda outras universidades públicas.

Outrossim, o agravamento de taxas de emolumentos, ano pós ano, na EPD, faz com que os jovens de famílias de baixa renda ficam incapazes de sustentar a formação.

A profissão mais interessada no quadro desta investigação é professorado, com vista a perceber as bases que possuem na LP, que sirva de alavanca na frequência do curso de LP. Nos 80 estudantes amostrados, apenas 25 são professores, com uma percentagem de 31,25% (Cf. No gráfico da pergunta número 6).

Quando questionados se foi ou é professor, tem alguma formação específica para exercer docência, 17 dos 25 professores, afirmaram que sim, pois estudaram no INE ou noutra instituição de formação de professores, com uma percentagem de 68% (Cf. No gráfico da pergunta número 7).

Gráfico n.º4 e 5 – Profissões



Fonte: Elaboração própria do autor.

O ciclo em que estudantes trabalhadores exercem a sua jurisdição e as disciplinas em que leccionam

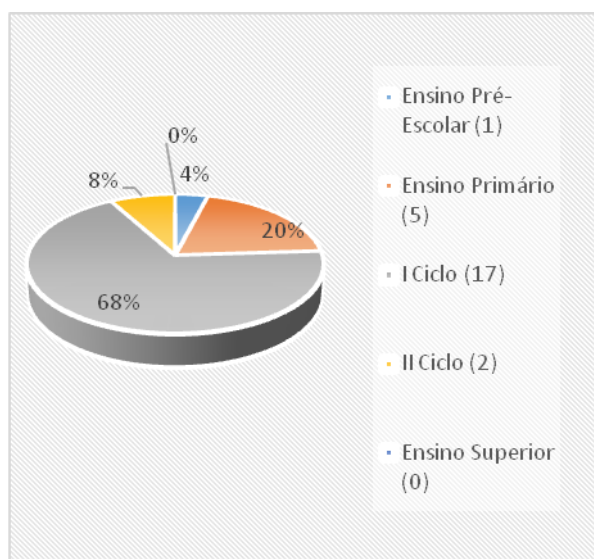
O rigor da docência aumenta conforme se sobe de ciclo académico, nesta linha de pensamento, pediu-se aos inquiridos informações do ciclo em que exerceu a actividade docente, dos 25 que afirmaram serem professores, 17 disseram que leccionam no I Ciclo do Ensino Secundário, cifrando-se a 68%, (Cf. No gráfico da pergunta número 8).

Precisou-se saber, com o intuito de conhecer o número de professores que lecciona a disciplina de LP, dos 25 professores, 14 leccionam a LP, cifrando-se 56%, (Cf. No gráfico da pergunta número 9).

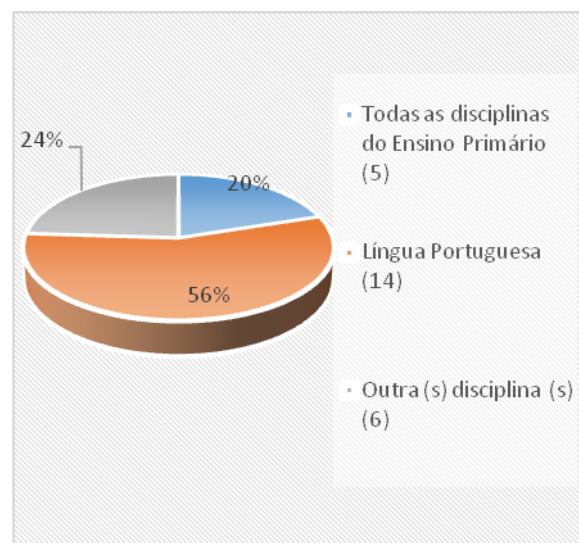
Dos 55 informantes que não é docente, a maioria afirmou que não tem ocupação profissional, actualmente, são apenas estudante, com uma percentagem compreendida entre os 54,54%, (Cf. No gráfico da pergunta número 10).

Gráfico n.º6 e 7 – Do ciclo e disciplinas que leccionam os amostrados

8. Se foi ou é professor, indique o ciclo em que exerceu ou exerce docência.

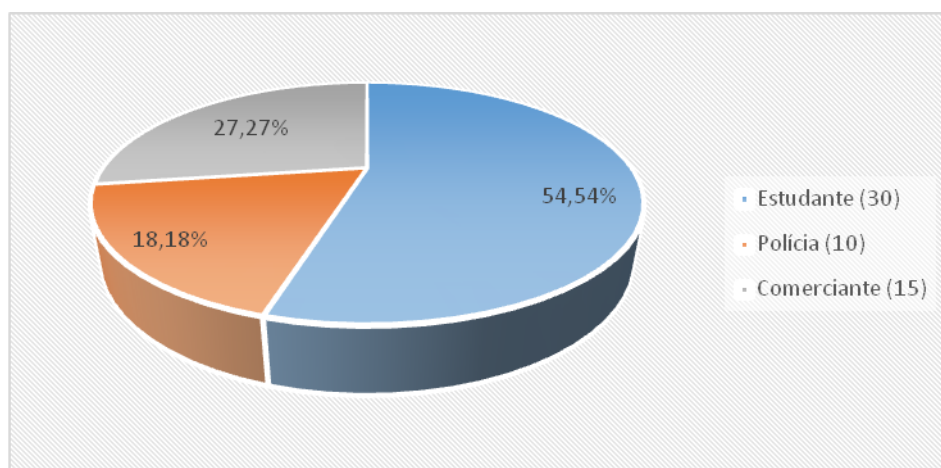


9. Se foi ou é professor, indique a(s) disciplina(s) que leccionou nos últimos 3 anos ou lecciona presentemente.



Fonte: Elaboração própria do autor.

Gráfico n.º8 – Da ocupação dos amostrados não-professores



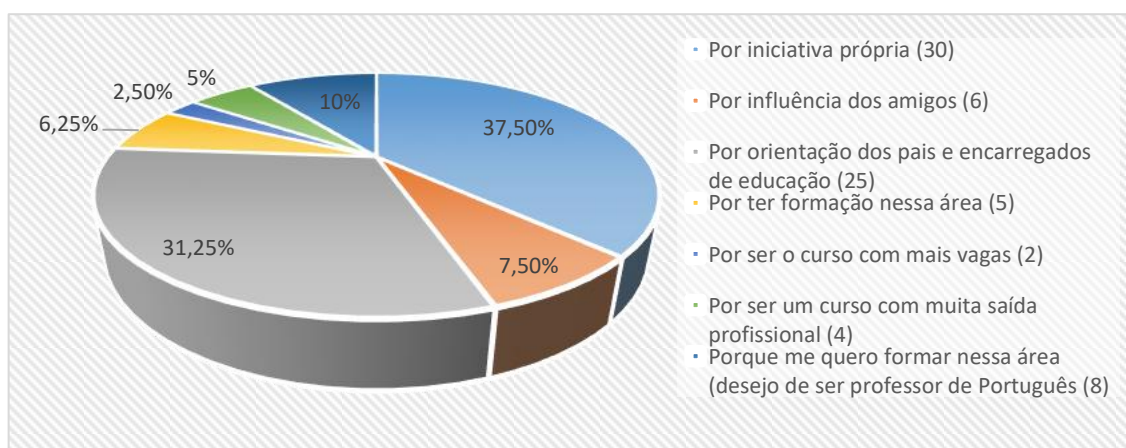
Fonte: Elaboração própria do autor.

Os factores que estão na base da selecção do curso de Linguística Portuguesa por parte dos estudantes

A problemática de selecção do curso quer para os alunos que terminam o ensino de base e que ingressam no II Ciclo como os que terminam o II ciclo e que ingressam no Ensino Superior é bastante preocupante, pois, nem na família nem nas instituições os jovens encontram uma orientação para a escolha de um curso, estes jovens, muitos deles sem experiência, fazem as preferências sem fundamento

científico ou político-laboral, tal como se menciona no I capítulo. E como espelha o gráfico da pergunta número 11, 37,5% dos inquiridos afirmou que fizeram a escolha por iniciativa própria.

Gráfico n.º 9 – Da orientação profissional dos estudantes



Fonte: Elaboração própria do autor.

SECÇÃO II: INFORMAÇÕES TEMÁTICAS

Nesta fase apresenta-se os resultados do trabalho de campo relacionados com a parte temática. Como se lê nos gráficos que se seguem, os estudantes do 1º do curso de LP apresentam um quadro de faltas bastante preocupante, em média, por mês, cada discente tem de 1 a 4 faltas, o que equivale a 50%. Tal como se menciona acima, fundamentando-se no regulamento da ULAN, a situação está na base do baixo rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL.

Muitos deles alegam que a responsabilidade laboral, familiar e a distância entre a escola e a casa concorrem no factor “falta” por parte deles.

Mas, é necessário destacar que a presença dos estudantes na sala de aulas pode constituir-se num estímulo na aprendizagem a partir da interacção com o docente, não descartando a possibilidade do discente por si só procurar e produzir conhecimentos.

Pois, a interacção dos estudantes com o docente na sala permite a apresentação e dissipação de dúvidas, algo bastante diferente quando se recorre à internet, permite também o contacto e a socialização com os colegas que pode ser também uma via de aprendizagem.

Os mesmos estudantes que faltam às aulas, concomitantemente, perdem a realização das actividades/exercícios contínuas na sala que podem pesar na avaliação.

A falta às aulas é ausência total do estudante na sala de aulas e/ou no local da realização de actividades extra-escolares como jornadas, conferências entre outras, que constam na avaliação.

Segundo Miranda *et al.* (2017) consideram que o absentéismo, que se refere à ausência do aluno às aulas presenciais, tem sido tomado, pelo senso comum, como uma das principais causas do baixo desempenho escolar, pois a interacção directa entre docentes e discentes favorece a melhor aprendizagem.

González (2014) citado por Miranda *et al.* (2017) afirma que a forma mais comum de absentéismo é a ausência às aulas. No entanto, há outra forma de se abster, mais complexa e difícil de ser mensurada, tendo em vista que, mesmo estando presente fisicamente na sala de aula, o aluno não participa das actividades realizadas e não presta atenção no conteúdo ministrado pelo professor. Segundo o autor, a falta de motivação por parte do aluno é o primeiro passo para a inassiduidade, pois experiências negativas e o desinteresse pelas aulas fazem com que os alunos se desmotivem e comecem a chegar mais tarde e sair mais cedo, distanciando-se progressivamente da faculdade.

Para Schmulian & Coetzee (2011), apresentam alguns factores que provocam a ausência dos estudantes às aulas, destacando que, às vezes ocorre por alguns motivos, desde razões como doença e trabalho, até dormir tarde e ir a festas. De acordo com os autores, os próprios alunos acreditam que a presença influencia directamente no desempenho académico, pois a frequência regular melhora o entendimento e a compreensão do material didáctico.

Para além dos factores ora mencionados é importante destacar que a falta de motivação e desejo, geralmente, causada pelas baixas notas contribui na ausência dos estudantes na sala de aulas.

Alguns autores como Souto-Maior (2011) e González (2014) citado por Miranda (2017) alegam que a questão das faltas escolares pode estar associada à motivação dos alunos, acabando por concordar que a motivação é um elemento importantíssimo para aprendizagem.

Nesse sentido, Steenkamp, Baard & Frick (2009) citado por Miranda *et al.* (2017) afirmam que “é importante motivar os alunos no primeiro ano da faculdade, já que, nesse período, ocorre a transição do ensino médio para o ensino superior. Alunos motivados são mais empenhados e faltam menos, melhorando, conseqüentemente, o desempenho acadêmico, afirmam os autores” (p. 174).

Aqui, os autores chamam atenção sobre a necessidade de se rever o perfil do docente para a motivação dos estudantes. Entende-se por perfil o carácter do docente quando interage com os seus discentes, que vai desde a postura física, a motivação, o vestuário, a atenção dedicada. É necessário evitar trazer o mau estar causado pela pressão social e familiar à sala de aulas.

Para Araújo, Camargos & Camargos (2011) citado por Miranda *et al.* (2017) afirmam que:

O resultado expresso em forma de nota ou conceito não é o método mais confiável para se analisar o desempenho acadêmico, pois não aprofunda os aspectos que facilitam ou dificultam a aprendizagem dos discentes. Entretanto, segundo os autores, a nota objetiva e imparcial é um dos melhores métodos que se têm para analisar o desempenho acadêmico de uma amostra grande, já que é complicado analisar com precisão todos os fatores que afetam o rendimento dos discentes e a relação com as notas obtidas (p. 175).

Outrossim, considera-se importante ser flexível com os estudantes do 1º ano, pois transitam de um nível para o nosso e que precisam aprender conosco, estão na fase de adaptação ao sistema de docência no Ensino Superior, sistema de avaliação, entre outras situações.

Na pergunta número 2 lê-se, no gráfico, a situação do rendimento acadêmico na cadeira de IEL que não é abonatório, tudo isso fruto dos factores ora mencionados, tais como o excesso de faltas, falta de orientação profissional, utilização de metodologias de ensino-aprendizagens tradicionais. Onde mais de 60% dos estudantes apresentam um rendimento compreendido nas escalas de: suficiente e mau. Cujas escalas de suficiente a mais representativa com 43,75%. A categorização das escalas de valores que consta no gráfico n.º12 é sustentada em Mateus (2017) que considera que o sistema de avaliação em Angola obedece as seguintes classificações:

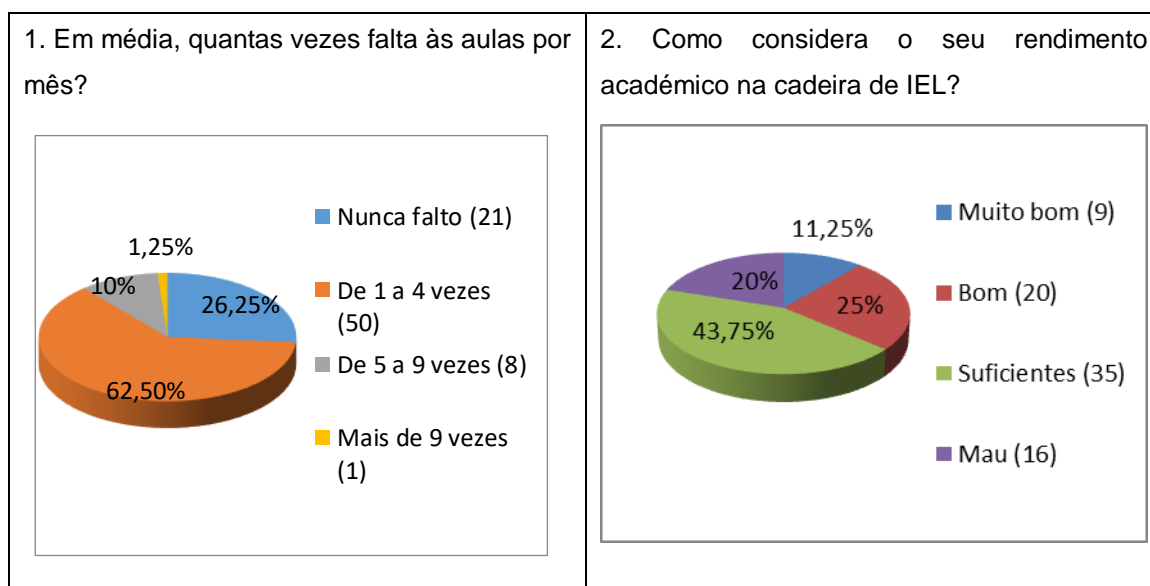
Muito bom, de 18 a 20

Bom, de 14 a 17

Suficiente, de 10 a 13

Mau, de 0 a 9

Gráfico n.º10 e 11 – Das faltas e rendimento académico dos amostrados



Fonte: Elaboração própria do autor.

O baixo rendimento académico constitui o nosso objecto de estudo, com vista a propor uma ferramenta para a melhoria do rendimento académico dos estudantes. Nesta óptica, o rendimento académico é concebida como o aproveitamento académico e que não se resume apenas às notas, mas sim engloba a presença dos estudantes na sala de aulas, a participação na aula e nas actividades extra-escolares, entre outras. E baixo rendimento como o lado contrário do rendimento académico.

Com o propósito de se compreender os factores que influenciam no baixo rendimento académicos dos estudantes do 1º ano do Curso de LP, levantou-se uma hipótese e duas variáveis como elementos que concorrem no referido baixo rendimento, pediu-se que os estudantes hierarquizassem por ordem de 1 a 5, onde na visão dos inquiridos consideraram que o excesso de faltas por parte dos mesmos constitui o elemento principal com uma percentagem de 31,25%, em segundo lugar apresentaram a má formação nas classes anteriores (associada a falta de sequenciação de curso, isto é, muitos não fizeram a Pedagogia no médio nem tão pouco a especialidade de LP), com uma percentagem de 27,5% e em terceiro lugar

a falta da dedicação pessoal, equivalente a 21,25%, como descreve o gráfico da pergunta número 3.

O baixo rendimento académico dos estudantes constitui a maior preocupação do corpo docente e da instituição em geral. A cada dia, os docentes adoptam novas metodologias para melhorar o nível do rendimento académico dos seus discentes.

Segundo Brighenti *et al.* (2015) quando fala da educação, destaca que o processo educativo, deve ser orientada por metodologias que permitam atender aos objectivos propostos pelos docentes. Conforme Nérice (1978, p.284) *citado por* Brighenti *et al.* (2015), a metodologia do ensino pode ser compreendida como um conjunto de procedimentos didácticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino, esse conjunto de métodos são utilizados com o intuito de alcançar objectivos do ensino e de aprendizagem, com a máxima eficácia e, por sua vez, obter o máximo de rendimento.

Vaillant (2012) citado por Brighenti *et al.* (2015), considera que as mudanças que ocorreram na forma de ensino com o uso das tecnologias, os desafios impostos aos professores e as oportunidades com a inserção de novas formas e meios, exige dos professores novos métodos de ensino. Volta-se a atenção para as transformações da sociedade e a necessidade de modificar as tradicionais formas de ensinar, de aprimorar constantemente as práticas e os saberes docentes.

Segundo Silva e Oliveira (2010) citado por Borges *et al.* (2018), sustentam que a identificação dos estilos de aprendizagem e o seu uso em prol dos objectivos educacionais são, pertinentes para docentes e discentes. Para os docentes, isso é importante, pois poderão desenvolver seus métodos de ensino, buscando contemplar os diferentes estilos identificados nas salas de aulas, bem como para os discentes, os quais poderão buscar meios de se adaptarem quando desenvolverem atividades que não são favoráveis ao seu estilo de aprendizagem.

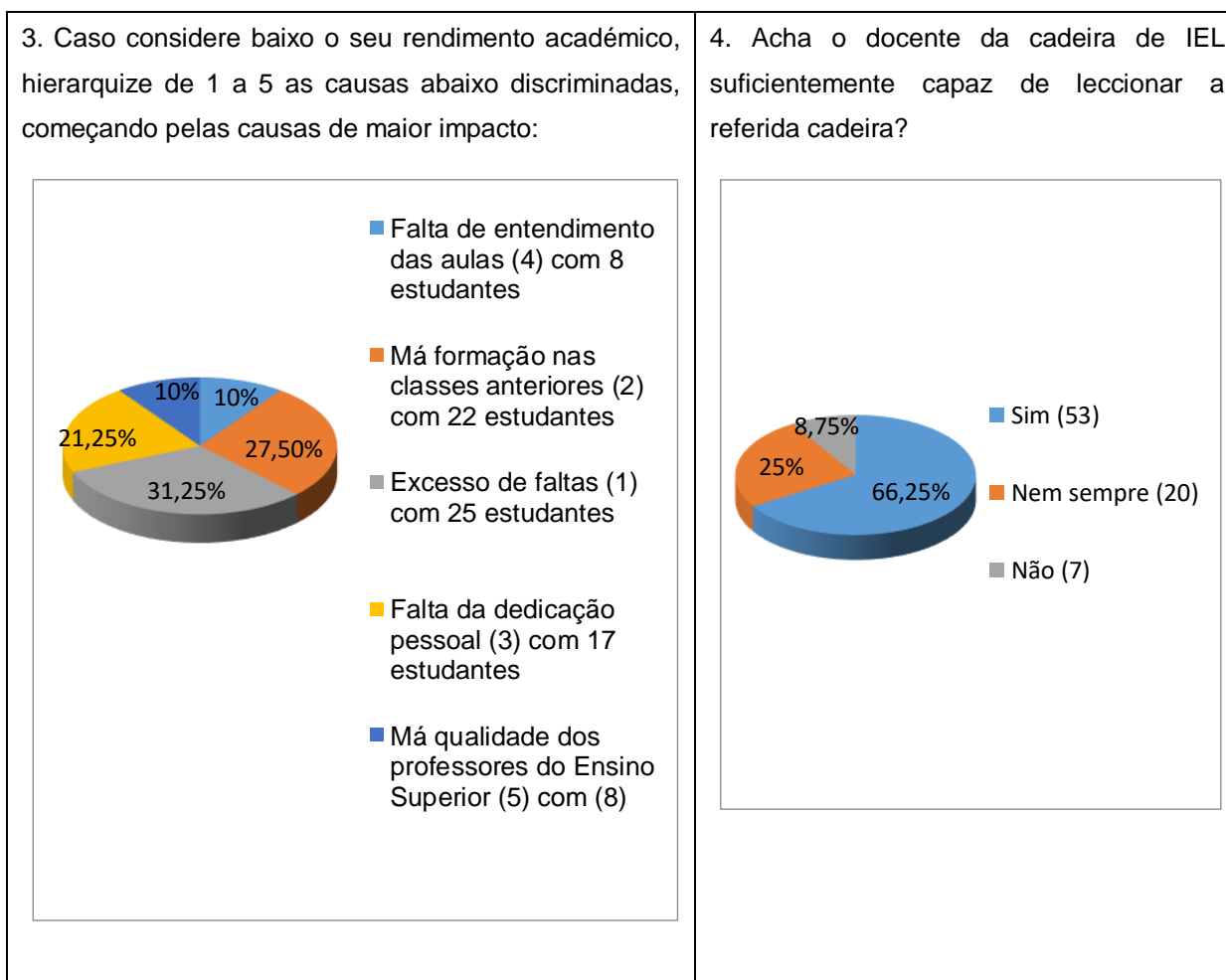
Porque o desempenho académico, segundo Munhoz (2004) citado por Borges *et al.* (2018), pode ser definido como o retorno obtido do desempenho das tarefas académicas, que representa o nível de habilidade alcançado pelo estudante.

Apesar de o PEA hoje por hoje não colocar o professor no centro do ensino, mas a sua função continua a ser preponderante, à luz dessa preponderância se questionou aos inquiridos se acham que o docente da cadeira de IEL é

suficientemente capaz de leccionar a referida cadeira, 66,25% disseram que sim, como espelha o gráfico da pergunta número 4.

Tal como referimos acima, o perfil e a utilização de metodologias adequadas ao contexto por parte do docente pode ser determinante para melhorar o nível do rendimento académico dos estudantes.

Gráfico n.º12 e 13 – Das causas do baixo rendimento académico e a docência



Fonte: Elaboração própria do autor.

Uma outra questão não menos importante quanto aos dados recolhidos no campo é a situação de relações humanas, segundo os estudantes, quando solicitados para indicarem os aspectos que o docente devia melhorar para alcançar o rendimento académico, os inquiridos apresentaram como elemento principal as relações humanas entre professor e estudantes, representando assim uma percentagem de 37,5% e em segundo lugar a humildade, com uma percentagem de 16,25%, como se lê no gráfico da pergunta número 5.

As relações humanas dizem respeito a um convívio sadio entre professor e estudantes, a atenção e o amor.

Segundo Dendasck (2019), também aborda a pertinência das boas relações entre o docente e discentes durante o PEA, afirmando que a interação social e a mediação do outro são muito importantes no processo de aprendizagem. Para que se alcance o êxito no ensino e na aprendizagem, a interação entre professor e aluno é fundamental. Por isso, muito se estuda o tema no campo da educação, em pesquisas que buscam ressaltar o papel do professor como mediador e a interação social como elementos básicos para o sucesso da prática educativa.

Arroio (2000) citado por Dendasck (2019) argumenta que os professores precisam conseguir fazer com que as pessoas acreditem no que eles são, o que seria um processo lento e complicado, caracterizado pelos conflitos entre o que a classe enxerga de si mesmo e o que ela é para os outros. Segundo ele, os professores sabem pouco sobre sua própria história e adoptam a imagem social que foi construída por outrem acerca de seu ofício.

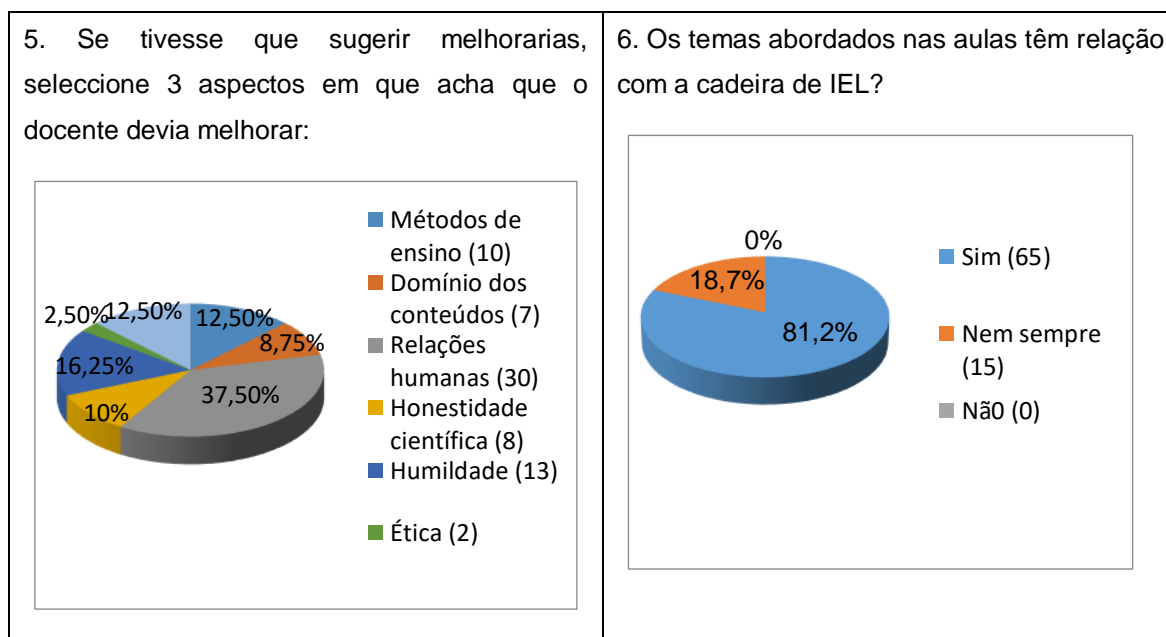
Em qualquer actividade, a questão de relações humanas é bastante importante porque pode motivar e cativar as pessoas rumo ao desenvolvimento da actividade com empenho. Em muitos casos, quando não se verifica boas relações entre docentes e estudantes, os estudantes deixam de se interessar dos conteúdos da cadeira, faltam e quebra o rendimento académico dos mesmos.

Dendasck (2019) diz que dá-se muita atenção para a relação docente-estudante. O que se tem observado nas práticas educativas é que, quando não se leva em conta essa questão, muitas das acções implementadas no ambiente escolar não atingem seus objectivos. Justamente daí vem a importância de se discutir sobre o assunto de forma aprofundada, abordando todos os aspectos que configuram a escola.

Às vezes os estudantes tendem a confundir o rigor com a falta de boas relações humanas ou humildade. E do outro lado a falta de facilitismo como a falta de humildade.

No gráfico da pergunta número 6, onde se questiona aos estudantes se os temas abordados nas aulas têm relação com a cadeira de IEL, 81,2 % disseram que sim. Pois, se tem disponibilizado aos estudantes, no início do ano académico um programa que serve de acompanhamento, cujo uso é escrupuloso.

Gráfico n.º14 e 15 – Sugestão de melhoria e a relação entre a cadeira e os temas abordados



Fonte: Elaboração própria do autor.

O método é via pelo qual o professor utiliza para transmitir os conhecimentos e que facilita o alcance do objectivo da aula, que em geral, facilita o entendimento das aulas por parte dos estudantes. A utilização do método adequado demonstra o domínio do conteúdo por parte do docente, o alto conhecimento e boa experiência.

Nérice (1987, p. 285) citado por Brighenti (2015) define método de ensino como,

um conjunto de procedimentos lógicos e psicologicamente ordenados utilizados pelo professor a fim de “levar o educando a elaborar conhecimentos, adquirir técnicas ou habilidades e a incorporar atitudes e ideais”. Já as técnicas de ensino são “destinadas a dirigir a aprendizagem do educando, porém, num setor limitado, particular, no estudo de um assunto, ou num setor particular de um método de ensino”, portanto, o método de ensino é mais amplo que a técnica (p. 290).

Os métodos de ensino adoptados no modelo jesuítico, conforme Anastasiou (2001) citado por Brighenti (2015), desenvolviam-se basicamente em dois momentos fundamentais, primeiro a leitura de um texto e interpretação pelo professor, análise de palavras e comparação com outros autores e em um segundo momento, realizavam-se questionamentos entre alunos e professores. Aos alunos, cabia

realizar anotações e resoluções de exercícios para fixação do conteúdo. A perspectiva do modelo jesuítico compreendeu o método escolástico ou parisiense.

O método escolástico conforme Anastasiou (2001, p. 2) citado por Brighenti (2015), tinha por objectivo “a colocação exacta e analítica dos temas a serem estudados, clareza nos conceitos e definições, argumentação precisa e sem digressões, expressão rigorosa, lógica e silogística, em latim”. Neste método, a sequência didáctica das actividades baseava-se na exposição, argumentações a favor e contrários e, a solução do mestre a respeito do assunto, assim, com tais características, esse método predominou em muitas universidades europeias, com destaque à Universidade de Paris onde se constituiu e se denominou método parisiense.

O autor afirma ainda que o saber envolve além do conhecimento, “saber-fazer bastante diverso”, provenientes de diversas fontes e de naturezas diferentes, por esse motivo é considerado “plural, compósito, heterogéneo”. O autor enfatiza ainda que o “saber está a serviço do trabalho”, pois os professores utilizam diferentes saberes em função das condições, situações e recursos ligados a este trabalho, visando enfrentar e solucionar diferentes problemas ou situações em seu quotidiano (*id., ib.*, p.18).

Os métodos modernistas são aqueles adequados e adaptados a realidade da sala de aulas em função das necessidades educativas dos discentes e requerem a utilização de meio de ensino de qualidade.

Para se perceber o ponto de vista dos estudantes com relação a actuação do docente, pediu-se que fizessem uma classificação, como se vê no gráfico da pergunta número 8, a maioria dos inquiridos considerou serem de tendência modernista, com uma percentagem de 77,5%.

E no gráfico da pergunta número 9, a maioria dos estudantes considerou que os métodos são de tendência modernistas porque colocam o aluno no centro do processo de ensino, com uma percentagem dos inquiridos de 75%.

E no gráfico da pergunta número 10, onde se pede aos inquiridos que caracterizassem o tom de voz do docente nas aulas, com vista a se perceber se o elemento tom está na base do baixo rendimento académico dos estudantes, a maioria disse que o uso do tom na sala de aulas por parte do docente é bastante audível, com uma percentagem de 73,75%.

O factor tom é bastante importante no PEA porque quanto menor for, obriga um esforço desdobrado aos ouvintes em querer perceber a mensagem e isto aborrece ou ainda dificulta a comunicação. De igual modo, se for muito elevado também dificulta.

Segundo Brandi (2002) citado por Nappi (2006), a voz pode ser compreendida como uma possibilidade de nos expressarmos ainda que sem palavras, ou mesmo sem dominar uma língua específica. Ela permite a comunicação através de sons vocais, considerados não-verbais pela autora como, por exemplo, chorar, gemer, gritar, suspirar, balbuciar, rir, tossir, bocejar, roncar, espirrar, soprar entre outros, incluindo os sons que imitam as vozes dos animais.

Tough (1987) citado por Nappi (2006), importância da linguagem (enquanto língua) reside em permitir que as ideias e a informação sejam transmitidas de uma pessoa para outra. A linguagem provê o meio pelo qual o pensamento pode ser expresso e, [...] o próprio uso da linguagem e a contínua experiência de estar entre os usuários desta, influi não só na forma em que a criança utilizará a linguagem, mas – o que é mais importante – na forma em que pensará e o tipo de interpretação que fará de suas experiências.

Segundo Barboza *et al.* (2016) recomendam que:

Use o tom de voz adequado e seja claro e objetivo⁸

Por mais indisciplinada que seja a turma, o professor não deve alterar o tom de voz, pois isso faz com que os alunos fiquem ainda mais agitados. O ideal é que os professores projetem a voz de forma equilibrada, sem gritar e nem falar muito baixo.

Em momentos de embates e conflitos com os estudantes, prefira uma tonalidade amena e tranquila. Essa estratégia ajuda a acalmar os ânimos e a passar as mensagens corretas.

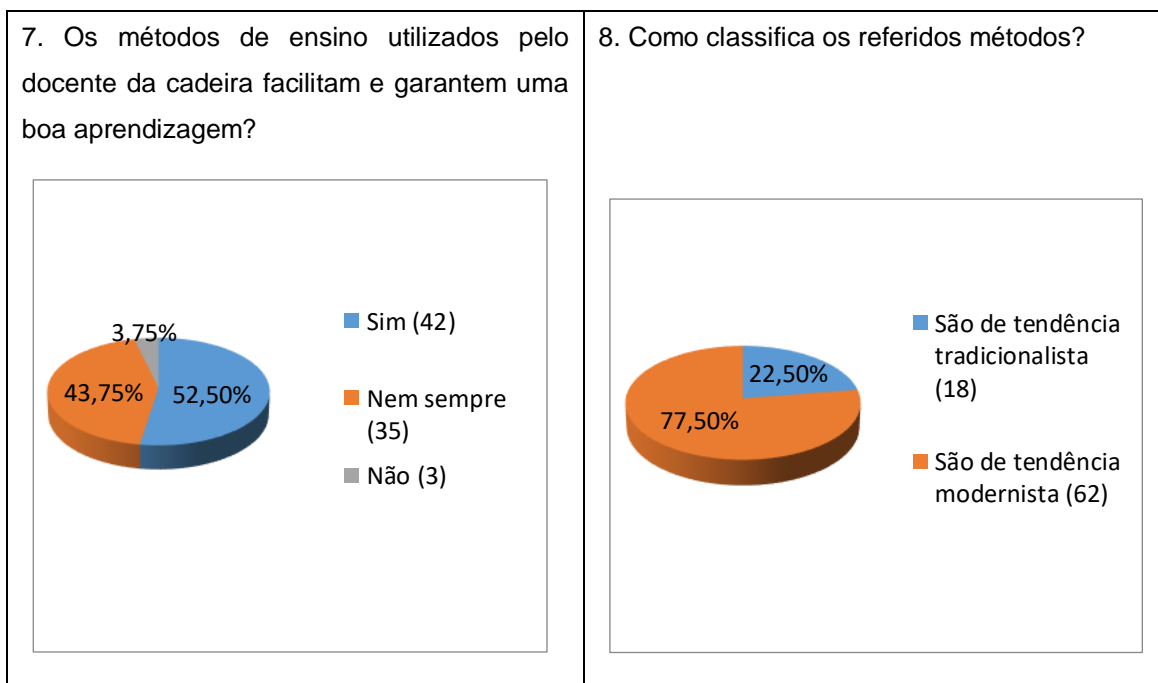
Além disso, quando se fala em PEA, clareza e objetividade são fundamentais. Os professores precisam ter em mente que só há comunicação de verdade quando o interlocutor entende o que foi dito. Sendo assim, procure simplificar as suas explicações, use exemplos, seja criativo e repita as informações quantas vezes forem necessárias para que o aluno compreenda. Lembre-se que para evitar confusões e mal-entendidos é fundamental que não restem dúvidas.

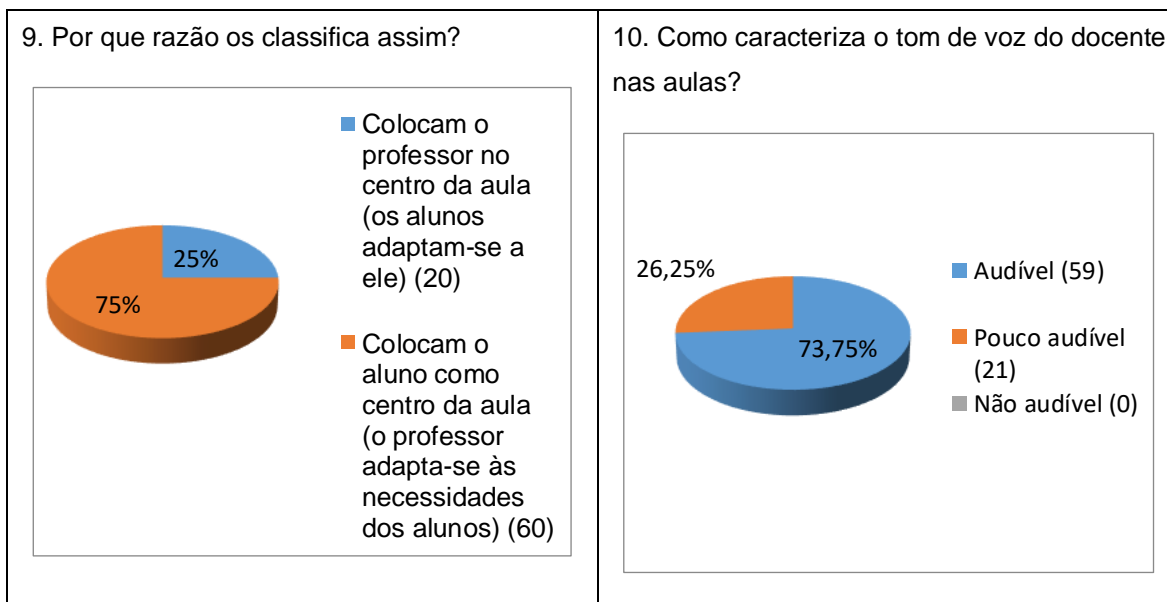
⁸ <https://www.escolaemmovimento.com.br/blog/6-cuidados-para-uma-comunicacao-eficaz-entre-professores-e-alunos>

Sobre a importância do tom do docente chegar a nível da percepção dos discentes Barboza considera que:

i) Na hora de se dirigir diretamente a um aluno, procure ficar no nível dele, pois isso vai aumentar a relação de cumplicidade e confiança entre vocês. Se ele for bem pequeno, abaixe-se para estabelecer contato com ele. ii) Se ele for maior que você, proponha que vocês conversem sentados. Sempre funciona! Como se não bastasse, ouça o aluno. Isso vai fazê-lo se sentir importante. iii) Aproveite também para se comunicar além da sala de aula. Aproveite as festinhas na escola e encontros entre pais, professores e alunos para fortalecer a relação com a sua turma. iv) Além disso, usar as ferramentas tecnológicas para comunicar (e registrar) o agendamento de trabalhos, pesquisas e eventos também é uma ótima pedida. Não se esqueça que a comunicação entre docentes e discentes não deve se restringir às quatro paredes da sala de aula (para. 4-12).

Gráfico n.º16 a 19 – Uso de métodos de ensino e o tom da voz





Fonte: Elaboração própria do autor.

Uma das fases mais complexas do PEA é a avaliação. Por exigência institucional, na EPD, por ano, nas cadeiras anuais aplica-se 4 provas parcelares, um exame, recurso e exames especiais nos estudantes do 4.º ano.

A avaliação⁹ é um processo natural que acontece para que o professor tenha uma noção dos conteúdos assimilados pelos alunos, bem como saber se as metodologias de ensino adoptadas por ele estão surtindo efeito na aprendizagem dos alunos. Há muito tempo atrás avaliar significava apenas aplicar provas, dar uma nota e classificar os alunos em aprovados e reprovados. Ainda hoje existem alguns professores que acreditam que avaliar consiste somente nesse processo. Contudo, essa visão aos poucos está sendo modificada.

Avaliação não deve ser somente o momento da realização das provas e testes, mas um processo contínuo e que ocorre dia após dia, visando a correcção de erros e encaminhando o aluno para aquisição dos objectivos previstos. Nesse sentido, a forma avaliativa funciona como um elemento de integração e motivação para o PEA. A avaliação é um processo actualmente entendido não só como o resultado dos testes e provas, mas também os resultados dos trabalhos e/ou pesquisas que os alunos realizam.

Uma das etapas mais complexas do processo de avaliação é, certamente, a fase da correcção da prova na turma com os estudantes, onde, aqueles que tiram as negativas não aceitam o resultado, considerando o professor como alguém de “má-

⁹ <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/o-que-avaliar.htm>

fé”. Utiliza-se a seguinte linguagem: o estudante com positiva diz que “tirei uma positiva” e os que tiverem negativas falam que “o professor me deu negativa”.

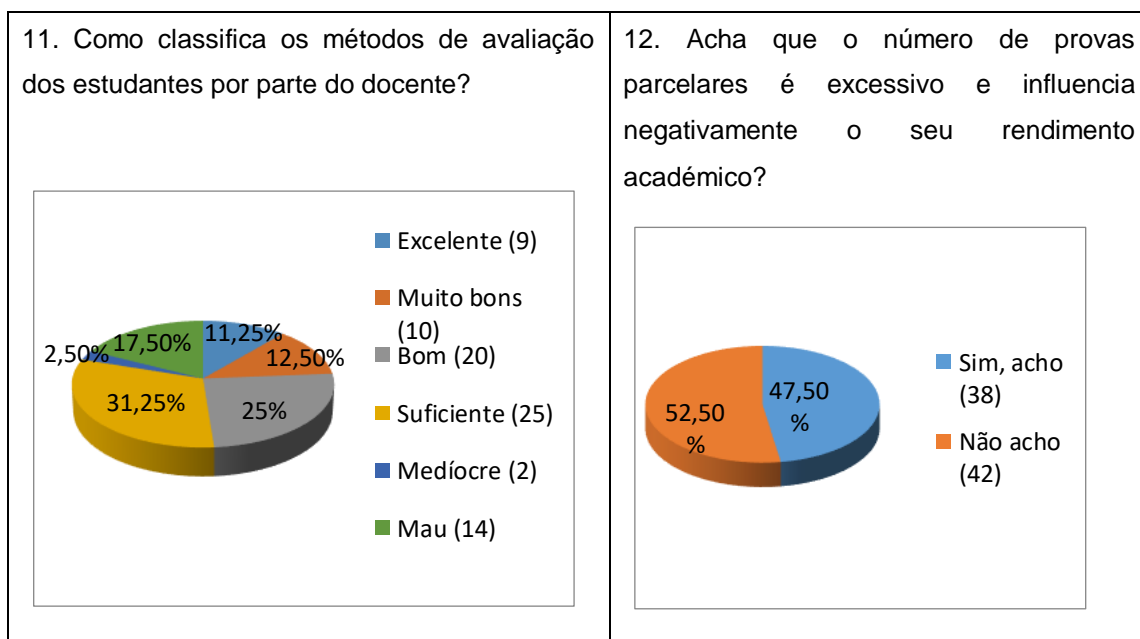
No gráfico da pergunta número 11, compreende-se que a maioria dos inquiridos classifica os métodos de avaliação dos estudantes utilizados pelo docente como sendo suficientes, com uma percentagem de 31,25% e bons, equivalente a 25%. E a maior parte de estudantes não acha que o número de provas parcelares é excessivo e influencia negativamente no seu rendimento académico, com uma percentagem de 52,5% (os dados constam no gráfico da pergunta número 12).

Parece que a questão das provas parcelares não é bastante perceptível nos estudantes, pois parece que fica mais fácil para eles, ter poucos conteúdos e fazer uma prova, mas para os docentes é bastante desgastante, a toda ora estar a elaborar provas e chaves, corrigir em casa e na turma, lançar notas nas actas e no Sistema Integrado de Gestão Académica (SIGA), atender reclamações. É importante lembrar que os docentes ao mesmo tempo leccionam, orientam trabalhos de fim de curso, em alguns casos são estudantes de Pós-Graduação.

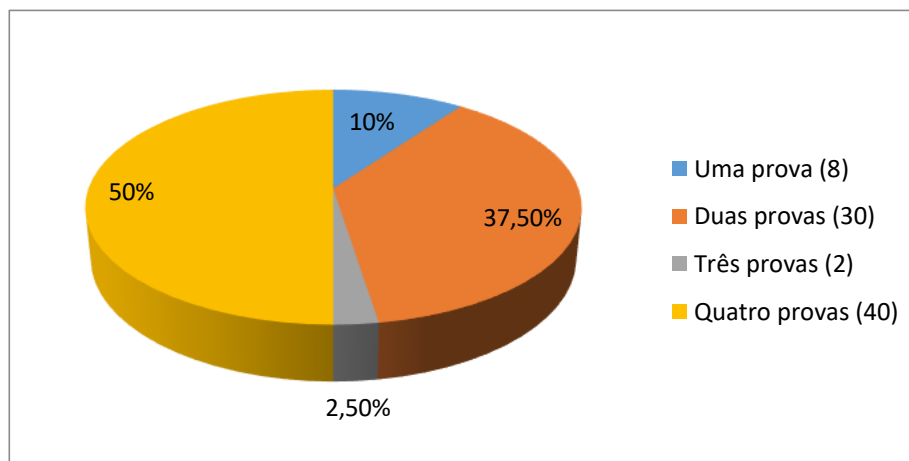
Parece que o ensino se reduz apenas às provas, pois os professores ficam com pouco tempo de docência e de planificação.

Questionados sobre se quantas provas deveria ter no mínimo uma cadeira anual, a metade dos inquiridos afirmo 4, o que corresponde a 50%, mantendo o número habitual, (lê-se no gráfico da tabela número 13).

Gráfico n.º20 a 22 – Sistema de avaliação



13. Caso diga sim, no seu entender, quantas provas parcelares deveriam ter, no máximo, as cadeiras anuais?



Fonte: Elaboração própria do autor.

Segundo a Lei n.º 17/16 do Sistema de Educação e Ensino no seu Artigo 61º considera que: O Subsistema de Ensino Superior é um conjunto integrado e diversificado de órgãos, instituições, disposições e recursos que visam a formação de quadros e técnicos de alto nível. A promoção e a realização da investigação científica e da extensão universitária com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento do País, assegurando-lhes uma sólida preparação científica, técnica, cultural e humana.

E no Artigo 62.º a mesma afirma que: “Têm acesso ao Ensino Superior os indivíduos que tenham concluído o II Ciclo do Ensino Secundário ou equivalente”, e no seu organigrama do Sistema de Educação destaca que a idade de ingresso ao ensino superior é de 18 anos, mas verifica-se uma realidade bastante diferente, pois, como se sustenta na tabela número 2, referente a distribuição das idades dos estudantes do 1º ano do curso de LP, em média, a maioria compreendem a escala de 21 a 30 anos.

Os estudantes ingressam-se muito tarde ao Ensino Superior, acarretando inúmeras responsabilidades, o que dificulta a sua dedicação académica. Conforme refere o gráfico da pergunta número 14, verifica-se que 75% dos inquiridos considerou que o seu ingresso ao Ensino Superior é tardio.

De igual modo, de acordo ao gráfico da pergunta número 15, 80% dos estudantes concordo de que o atraso escolar e influencia no seu baixo rendimento académico.

Paulai *et al.* (2018), o aluno que apresenta dois anos ou mais de diferença da idade recomendada para a série que cursa está em atraso escolar, contribuindo para a origem de imperfeições no fluxo escolar.

Mesmo diante dos avanços observados, o atraso escolar ainda é um problema que compromete a qualidade da educação e a superação das desigualdades existentes na sociedade brasileira, haja vista a relação entre qualidade da educação e renda futura (Curi & Menezes-Filho, 2009, citado por Paulai *et al.* 2018).

Com estes dados considera-se oportuno se pensar num programa de aceleração de estudos, semelhante com o que acontece no ensino de base, o chamado programa de recuperação escolar (módulo). Se se aplicar este mecanismo poder-se-ia ultrapassar o atraso escolar que, no nosso contexto, às vezes tem motivações endógenas e exógenas a vontade do estudante.

Endógenos

Falta de motivação, porque acha que ir à escola é perda de tempo e prefere fazer negócio pois colhe frutos em curto espaço de tempo;

Excesso de reprovações, provocada pela falta de empenho;

Desistência escolar.

Exógenas

Falecimento de pessoas que apoiam os estudos;

Distância entre a escola e a residência, com incapacidade de pagar táxi;

Desestruturação familiar provocada pelos conflitos ou divórcio dos pais;

Conflitos étnicos, guerra, perseguição religiosa e políticas;

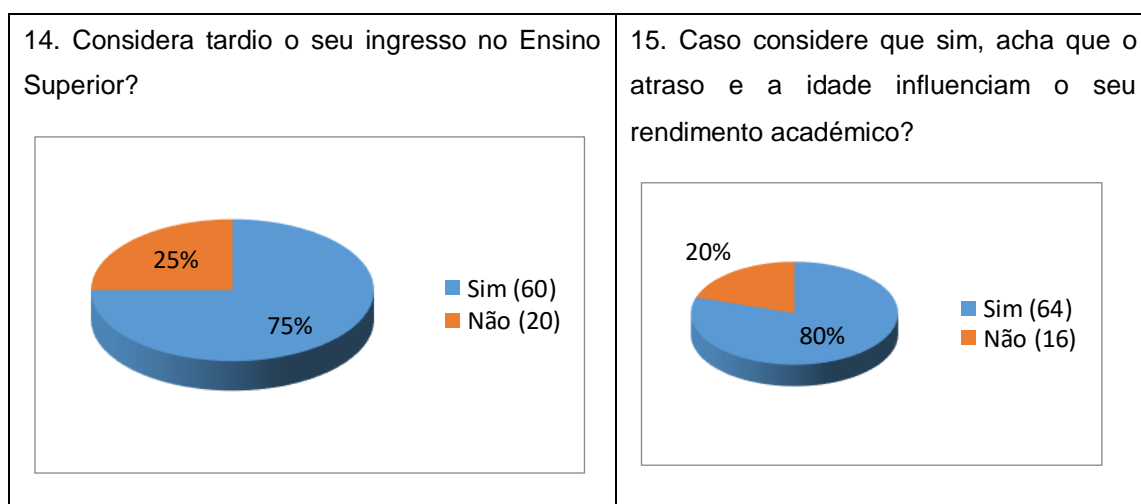
Falta de vaga na instituição de ensino superior em que quer ingressar-se;

Propinas;

Doença.

A demora na matrícula, abandono ou reprovação estão entre as principais causas do atraso escolar. Não ter a idade esperada para a série causa desvantagens aos estudantes, como, por exemplo, afecta a qualidade do aprendizado e compromete a auto-estima (Honda, 2006) citado por Paulai *et al.* (2018).

Gráfico n.º23 e 24 – Do atraso escolar



Fonte: Elaboração próprio do autor.

Em suma, com base na análise, interpretação, discussão dos resultados da investigação, podemos dizer que todas as nossas hipóteses foram confirmadas.

3.3. Resultado do inquérito aplicado ao docente

Para se garantir a eficácia dos resultados da investigação foi necessário inquirir os estudantes e docente e fazer cruzamento de informações. Na tabela a seguir apresenta-se os resultados da opinião do docente a respeito do rendimento dos estudantes na cadeira de IEL. Acerca das informações pessoais, a partir da tabela abaixo, percebe-se que o docente inquirido tem a idade compreendida entre a faixa etária de 31 a 45 anos, é do género masculino, lecciona a cadeira de IEL e outras, é Mestre em Linguística Geral.

Tabela n.º 03 – Informações pessoais do docente

Idade	Género		Cadeira que lecciona	Área de formação	Total dos inquiridos
	M	F			
De 21 a 25 anos.			Introdução Aos Estudos Linguísticos/ e outras	Letras (Linguística Geral)	1
De 26 a 30 anos.					
De 31 a 45 anos.	X				
De 46 a 65 anos.					

Fonte: Elaboração própria do autor.

A realização do presente trabalho tem como base a existência de resultados abaixo de catorze valores, isto é, os estudantes têm positivas a rondar nos 10 valores a 13, rendimento considerado que carece de melhoramento.

Tabela n.º 04 – Rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL

Escalas de valores	Resposta
Muito bom	
Bom	
Suficiente	X
Medíocre	
Mau	

Fonte: Elaboração própria do autor.

Após o docente considerar o rendimento dos estudantes na cadeira de IEL suficiente, procurou-se saber, segundo o seu ponto de vista quais as dimensões que os estudantes mais têm dificuldades, indicou.

Neste caso, leva-se mais em consideração o último indicador como elemento com mais incidência, pois a falta de interacção dos estudantes na sala-de-aula pode tornar a aula morna e faz com que os estudantes não dissipem todas as suas dúvidas, o que pode provocar a falta de entendimento na matéria.

A relação entre o docente-estudantes-conteúdo é dinâmica, e para que seja funcional é importante que haja intercâmbio de ideias por via de interacção directa, com vista a facilitar o entendimento dos estudantes na matéria e promover a socialização.

Barbosa & Canalli (2011) ao abordarem acerca da importância da interacção entre o professor no processo ensino-aprendizagem, consideram que processo educativo tem que ocorrer como um fenómeno social e cultural, onde a reflexão sobre o saber e suas relações é continuamente redimensionada em uma “negociação” e “recriação” dos significados. Tendo o diálogo entre professor e aluno como elemento norteador para a construção do conhecimento em uma dimensão reflexiva.

Considera-se ser preocupação da escola assegurar que o ensino-aprendizagem seja desembuçado nos termos de interacção para permitir que as

ideias dos estudantes sejam valorizadas, facilitando a reflexão, interiorização e produção de novos conhecimentos porque “o processo ensino-aprendizagem compreende acções conjuntas do professor e do aluno, onde estarão estimulados a assimilar, consciente e activamente os conteúdos/métodos e aplicá-los de forma independente e criativa nas várias situações escolares e na vida prática. O ato de ensinar e aprender não se pautam em somente o professor passar a matéria e o aluno automaticamente reproduzir mecanicamente o que “absorveu” (Barbosa & Canalli, 2011).

O professor acrescenta que um dos factores que provoca as notas negativas e falta de interacção dos estudantes na sala de aula prende-se pelo facto de não possuírem uma boa preparação dos mesmos nos ciclos anteriores, pois muitos deles não fizeram o curso de LP no II Ciclo. Este ponto acaba por confirmar a hipótese de que a falta de orientação profissional influencia o baixo rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL.

Tabela n.º 05 – Dimensões que mais dificuldades apresentam os estudantes

Escalas de valores	Resposta
Notas negativas	X
Interacção na sala de aula	X
Não fazem trabalhos independentes	
Não revisam	
Falta de atenção	

Fonte: Elaboração própria do autor.

Outros problemas que o PEA apresenta prende-se às dificuldades de compressão das aulas por parte dos estudantes, que se considera ter como motivações a falta de hábito de leitura, excesso de faltas às aulas, falta de boa preparação de base no ciclo anterior.

Tabela n.º 06 – Nível de compreensão das aulas ministradas na cadeira de IEL

Escalas de valores	Resposta
Muito bom	
Bom	
Suficiente	X
Medíocre	
Mau	

Fonte: Elaboração própria do autor.

Como o próprio nome da cadeira deixa claro, IEL, é nela que se introduz os conhecimentos gerais do curso que servem de base para a frequência do curso todo e a partir da mesma pode-se fazer um juízo de valores para saber se os estudantes possuem bases suficientes para a feitura do curso.

Tabela n.º 07 – Domínio do conteúdo

Escalas de valores	Resposta
Sim	
Alguns	
Não	X

Fonte: Elaboração própria do autor.

Numa fase em que a questão de massificação e apoderamento da mulher é um assunto de actualidade, de igual modo, na presente investigação, merece atenção. Quando questionado sobre se qual é o género em que o baixo rendimento académico é notório na cadeira de IEL, o inquirido afirmou que é no género feminino.

Tabela n.º 08 – O género com mais notório o baixo rendimento académico na cadeira de IEL

Escalas de valores	Resposta
Masculino	
Feminino	X

Fonte: Elaboração própria do autor.

Quando questionado, se em média, quantos estudantes apresentam o baixo rendimento académico na cadeira de IEL, o docente mencionou de 1 a 60 estudantes.

Com essa afirmação do docente deixa claro que a questão do baixo rendimento académico dos estudantes na cadeira de IEL deve ser uma preocupação da instituição, dos professores e dos mesmos estudantes. E carece de uma estratégia didáctico-metodológica com vista a ultrapassar a mesma dificuldade nos estudantes.

Tabela n.º 09 – A média dos estudantes que apresentam baixo rendimento académico na cadeira de IEL

Escalas de valores	Resposta
De 1 a 10	
De 1 a 20	
De 1 a 30	
De 1 a 40	
De 1 a 50	
De 1 a 60	X
Mais de 60	

Fonte: Elaboração própria do autor.

Tal como sustenta as hipóteses levantadas no quadro dessa investigação, a questão de excesso de faltas às aulas por parte dos estudantes é um dos elementos de base que provoca o baixo rendimento dos estudantes na cadeira de IEL e nas demais do curso. Questionado se o elevado número de faltas às aulas por parte dos estudantes influencia o mau rendimento académico na cadeira, o docente afirmou que sim.

Tabela n.º 10 – Influência do elevado número de faltas às aulas por parte dos estudantes no baixo rendimento académico na cadeira de IEL

Escalas de valores	Resposta
Sim	
Não	X

Fonte: Elaboração própria do autor.

Nesta questão em que se pergunta ao docente, se em média, quantos estudantes apresentam um bom rendimento académico na cadeira de IEL, o professor afirmou de 1 a 10. É um número bastante reduzido numa turma composta por mais de 100 estudantes. Isto demonstra mais uma vez que a situação é bastante preocupante e exige mudanças quer na actuação dos docentes quer na actuação dos discentes.

Tabela n.º 11 – A média dos estudantes que apresentam um bom rendimento académico na IEL

Escalas de valores	Resposta
De 1 a 10	X
De 1 a 20	
De 1 a 30	
De 1 a 40	
De 1 a 50	
De 1 a 60	
Mais de 60	

Fonte: Elaboração própria do autor.

As cadeiras anuais, por força dos estatutos e regulamentos vigentes na ULAN têm 4 provas obrigatórias, e várias vezes o ano lectivo começa muito tarde e este facto faz com que as semanas lectivas sejam reduzidas e o tempo de aulas também. E muitos anos, os professores aplicam provas com apenas um tema leccionado.

Mas, o inquirido quando questionado se considera que o excessivo número de provas parcelares influencia negativamente o baixo rendimento académico dos estudantes afirmou que não acha.

À luz da nossa investigação, considera-se que este facto tem implicância, pois o professor a nível do ensino superior, precisa de mais tempo para abordar os conteúdos e permitir que tenha mais tempo para discussões e ultrapassar as inquietações dos estudantes. Pois se se comparar com as outras universidades, as cadeiras anuais têm apenas duas provas.

Tabela n.º 12 – O número de provas parcelares nas cadeiras anuais

Escalas de valores	Resposta
Sim, acho	
Não acho	X

Fonte: Elaboração própria do autor.

O docente considerou que a questão de idade não influencia na assimilação dos conhecimentos.

Mas, na nossa óptica, no contexto angolano onde as famílias são bastante alargadas e que às vezes um único filho é que trabalha e sustenta a maioria, em outros casos, os jovens são obrigados a trabalhar cedo para poder sustentar os filhos porque casam cedo. Estes estudantes que ao longo do dia vão ao trabalho e de tarde à escola, chegam às aulas cansados, estes factos têm muita implicância na assimilação dos conteúdos. Segundo Martins (2006) considera que:

Essas variáveis referem se a um determinado ambiente sócio-económico, político e culturais etc. estão associados a essas variáveis, aspectos relacionados com as características da família do ponto de vista da sua cultura, situação económica, profissional, e social. Também inclui a comunidade onde o aluno está inserido, os grupos de amigos, isto é, a influência do meio onde vive o aluno (pp. 31-32).

Tabela n.º 13 – Considera tardio o ingresso dos seus estudantes da cadeira de IEL no Ensino Superior?

Escalas de valores	Resposta
Sim	
Não	X

Fonte: Elaboração própria do autor.

3.4. Proposta de metodologias de ensino-aprendizagem da cadeira de IEL, no curso de LP, na EPD para melhorar o rendimento académico

Esta é fase reservada para apresentação de um conjunto de acções para o PEA da cadeira de IEL aplicáveis quer para os professores quer para os estudantes, com vista a melhorar o nível do rendimento académico dos estudantes. Quanto à

sua disposição, as mesmas apresentam um título, objectivo e a sua metodologia de aplicação:

Actividade n.º01 - Trabalho independente

Objectivo: Incentivar o trabalho independente no sei dos académicos, na EPD, com vista a priorizar a busca de conhecimentos significativos, para melhorar o nível do rendimento académico.

Procedimentos para o docente: o professor em função do programa da cadeira colocado a disposição dos estudantes pode seleccionar aulas em espécie de conferência ou aulas normais a leccionar na turma, outras, aquelas da natureza teórico-práticas ou vice-versa, pode utilizá-las para orientar trabalhos independentes, onde os estudantes fazem a busca de conteúdos, elaboram trabalhos que devem ser defendidos na sala de aulas e comunicados nas jornadas científicas, conferências, palestras, colóquios, entre outras actividades.

O docente deve assegurar a participação de todos estudantes evitando a boleia académica, isto é, alguns estudantes é que fazem e os outros colocam apenas os nomes, e como é uma prática recorrente, de preferência que se orienta trabalhos individuais.

Este trabalho deve ser bem orientado pelo professor, a mesma orientação inclui a indicação das bibliografias, número de páginas (pelo menos o mínimo e o máximo), margens, espaçamento entre linhas, tipo de letra, formas de citação ou indicar a norma, como é habitual recomendar a Norma APA (Associação dos Psicólogos Americanos).

Os trabalhos independentes podem ser utilizados para avaliação parcelar e saber diferenciar, segundo a natureza, aqueles que servem como avaliação contínua e aqueles que valem como prova parcelar ou exame.

O professor deve ter princípios científicos e ser capaz de avaliar e apresentar as insuficiências aos estudantes com vista a melhorarem.

Procedimentos para os estudantes: acatar as orientações dos docentes e começar a treinar a utilização do trabalho independente, criar condições para a sua realização. Informar ao docente, no caso do trabalho em grupo, aqueles colegas que não fizerem parte. Preparar e apresentar os trabalhos na turma ou em qualquer actividade indicada pelo professor. Debater e apresentar inquietações caso houver e reclamar a classificação se for possível, sempre fundamentada numa base científica.

Em suma essa actividade tem a função de melhorar o nível do rendimento académico, não deve ser considerada como um passatempo, mais sim um momento de aprendizagem e de produção de conhecimentos.

Exemplo de modelo de orientação de trabalho independente, relativo ao subtema “língua materna”:

Objectivo: Desenvolver um trabalho independente da língua materna (Cokwe).

Procedimentos do professor

- 1- **Delimitar a estrutura de trabalho:** número de páginas (10), espaçamento entre linhas (1,5), espaçamento entre parágrafos (6 cm), margens (superior 2,5 cm, esquerda 3 cm, direita e inferior 2 cm), norma a utilizar (APA), conforme recomenda o Regulamento da ULAN.
- 2- **Sobre a língua materna:** cada estudante deverá desenvolver o trabalho independente relacionado com a sua língua materna. E consultar o seguinte: termos do Cokwe utilizados oficialmente na Língua Portuguesa e vice-versa, origem da etnia Cokwe, principal cultura (mukanda, cyanda), valorização da língua Cokwe na actual sociedade, preconceito linguístico;
 - a) Conceitos gerais da língua materna;
 - b) Como anda o processo de inclusão da língua Cokwe no sistema de ensino;
- 3- **Indicar referências bibliográficas. Exemplo:**
 - a) Abdula, R. A., Tibane, A. A., & Quebi, D. O. (2017). *Língua Portuguesa em África: Políticas Linguísticas e Crioulos em Debates*. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP).
 - b) Manassa, J. B. (2018). Ensino da Língua Cokwe no topo das prioridades defendidas em Saurimo. *Jornal de Cultura*, 1.
 - c) Redinha, J. (2009). *Etnias e Cultura de Angola*. Lisboa : Associação das Universidades de Língua Portuguesa
 - d) Ernesto, G. G. (2016). *Marketing Territorial do Município de Saurimo*. Lisboa.
 - e) Sousa, F. (2012). *Etnografia de Angola – entre a Pesquisa e o Desenvolvimento de Políticas Culturais*. Luanda: Mayamba.
- 4- **Modalidades de avaliação:** esclarecer as etapas da avaliação. Por exemplo: estrutura de trabalho bem concebida segundo o ponto 1 (vale 5 valores), clareza nos conteúdos, técnicas de elaboração de trabalho científico

(citações, referências, enquadramento teórico) bem desenvolvidos (10 valores), trabalho sem erros ortográficos, de sintaxe, concordância e regência (5 valores).

- a) Definir se os resultados do trabalho serão utilizados como prova parcelar ou simples avaliação;
- b) Explicar se o trabalho será defendido na turma ou não. E se for defendido, definir um valor para a exposição oral.

5- Verificar o plágio.

Procedimentos dos estudantes

- 1- Informar ao professor sobre a sua língua materna e se o trabalho for de grupos, dizer os colegas que não participarem na elaboração;
- 2- Cumprir as etapas de elaboração propostas pelo professor;
- 3- Elaborar o trabalho com cuidado e evitar o plágio;
- 4- Entregar o trabalho no período estabelecido;
- 5- Participar na exposição oral e discutir a nota caso for necessário.

Finalidade

Esta actividade deve ser orientada depois de se abordar o subtema: língua materna. Pode ter a duração de um mês. O seu desenvolvimento permite começar a treinar os estudantes desde a base sobre o trabalho independente. O seu desenvolvimento requer flexibilidade por parte do professor porque os estudantes ainda não tiveram as cadeiras de Seminário de Trabalho de Fim de Curso 1 e 2. Pese embora estarem já a falar da Metodologia de Investigação Científica (MIC), mas carecem de mais conhecimentos sobre a elaboração de trabalhos científicos.

Actividade n.º02 – Ficha de leitura

Objectivo: cultivar o hábito de leitura como mecanismo de aprendizagem.

Procedimentos para o docente

Este é uma actividade semelhante a primeira, onde os professores a partir das aulas, do material ou de um livro ou da internet orientam uma ficha de leitura discriminando as partes que os estudantes devem desenvolver. Por exemplo:

Ficha de leitura

Parte 1: Informações do estudante.

- ✓ Nome, departamento, curso, turma, ano de frequência, local, tema em estudo.

Parte 2: Informações do trabalho em estudo.

- ✓ Caracterização da obra: Autor, data de publicação, editora, contacto e as possíveis secções da obra;
- ✓ Personagens principais, secundárias e figurantes, caracterização da acção, espaço, tempo, narrador.
- ✓ Acontecimentos importantes fundamentados na obra, conflitos, parentesco entre as personagens, o que está em disputa.
- ✓ Resumo dos acontecimentos importantes.
- ✓ Conclusões.
- ✓ Recomendações.
- ✓ Bibliografia.

Este trabalho pode ser utilizado em momentos normais da aula e como exercícios de perfil avaliativo.

Esta actividade pode ser feita em grupos separados, na biblioteca ou qualquer outro local indicado pelo docente e contar com a participação do professor.

Procedimentos para os estudantes: acatar as orientações dos docentes e começar a treinar a utilização do trabalho independente, criar condições para a sua realização. Informar ao docente, no caso do trabalho em grupo, aqueles colegas que não fizerem parte.

Actividade n.º03 - Criação de grupos de estudos

Objectivo: estimular a prática de grupos de estudos para se equilibrar o nível de assimilação dos estudantes na turma.

Procedimentos para o docente: em função da agenda do professor e combinada com o tipo de actividade proposta pelo mesmo, deve criar-se grupos de estudantes partindo do pressuposto de tentar equilibrar ou misturar nos grupos os mais assimilados com os menos dedicados nos mesmos, com vista a permitir auto-auxílio entre os estudantes.

Orientar o funcionamento dos grupos de uma forma contínua e não esperar apenas nos momentos de provas. O professor deve eleger os coordenadores dos grupos e criar interacção contínua.

Procedimentos para os estudantes: os estudantes devem participar nos grupos e contribuir. Os coordenadores dos grupos devem informar ao docente sobre o desenvolvimento das actividades propostas, as dificuldades e os colegas faltosos.

Portanto, a criação de grupos de estudos interactivos e acompanhados pelo docente vai dar um momento de equilíbrio do nível de assimilação dos estudantes, principalmente aqueles tímidos e vergonhosos que não conseguem apresentar as suas dificuldades na turma vão poder colocar as suas inquietações no grupo, pois, geralmente, estes se sentem mais confortáveis com os colegas. Poderão contribuir e aprender a comunicar, pois estão a ser formados para a docência cuja arma utilizada para o exercício da profissão é a fala, com estes grupos poderão treinar a retórica.

Actividade n.º04 - Criação de secção de assessoria no Departamento de Ensino e Investigação de Línguas (DEIL), para melhorar o rendimento académico dos estudantes do 1º ano e não só.

Objectivo: Criar uma secção de assessoria ou área Psicopedagógica.

Esta área Psicopedagógica deve integrar psicólogos, sociólogos e professores experientes no curso com vista a detectar estudantes com dificuldades de aprendizagem, principalmente aqueles com problemas de assimilação (centra-se nas necessidades educativas na área de cognição).

Pensa-se neste modelo pedagógico porque temos vários estudantes que mudam de curso, repetem a cadeira ou a classe por mais de uma vez, estudantes que por mais simples que seja a prova não conseguem positiva e consideramos que precisam de uma assessoria psicopedagógica.

Esta secção pode ser integrada ao Departamento de Ensino e Investigação de Línguas ou na Área Académica com vista a torná-la mais abrangente para todos cursos, pois acreditamos que essas dificuldades são visíveis em muitos cursos.

Actividade n.º05 - Criação do Programa de Aceleração Académico dos Estudantes do 1º ano para se Ultrapassar o Atraso Escolar (PAAEUAE)

Objectivo: Desenvolver um programa de aceleração académico dos estudantes com um atraso escolar.

Depois do diagnóstico inicial e aplicação e interpretação dos dados dos inquéritos aplicados aos estudantes, estes conjugados com a experiência

profissionais que possuímos como docentes leva-nos a crer a situação do atraso escolar tem estado afectar os níveis de assimilação dos estudantes do 1º ano do curso de LP em particular e em geral em todos cursos. Os estudantes que ingressão para o ensino superior, fazem-no com idades já avançadas.

Tal como sustenta os resultados dos inquéritos acima referenciados, a maioria dos estudantes entra no ensino superior com idades compreendidas entre os 21 a 30 anos, uma média acima do normal, pois a lei 17/16 nos seus anexos, considera como idade de ingresso ao ensino superior 18 anos. Estes estudantes ficam excluídos nos programas de bolsas por exemplo, pois INAGBE não oferece bolsas de estudos internas aos estudantes com idades acima de 25 anos, isto é, na graduação.

Estes estudantes apresentam dificuldades baixo nível do rendimento académico por causa de ocupações profissionais que lhes faz não terem tempo suficiente para a dedicação aos seus estudos, isto é, participação às aulas, assiduidade, revisões e participação em actividades científicas como palestras, seminários, colóquios, conferências, entre outras.

Por isso que, a EPD pode desenvolver programas de módulos, semelhante do que se está a fazer no ensino geral, pelo menos de duas ou três classes para aceleração académico dos estudantes com atraso escolar, principalmente aqueles cujo grau de assimilação esteja acima do nível médio. E deixar os estudantes com um grau de assimilação lento nas turmas normais e oferecendo-lhes o acompanhamento psicopedagógico, para permitir a superação dos níveis de assimilação.

Actividade n.º06 - Utilização de vídeos, áudios e acesso a internet na docência

Objectivo: criar condições adequadas às actuais dinâmicas do PEA no ensino-aprendizagem com vista a melhorar o nível do rendimento académico.

Neste ponto, pede-se um pouco de desdobramento por parte dos dirigentes da escola deve garantir a internet gratuita para que os professores possam desenvolver aulas utilizando vídeos e áudios, para que com esses meios de ensino poder permitir um ambiente de aprendizagem mais moderno.

No seio dos académicos incluindo professores e estudantes nota-se as dificuldades de falta de internet, num momento em que a mesma é bastante cara no país e a ausência de internet, numa instituição em que a biblioteca da escola e

mesmo a Biblioteca Provincial não têm livros de especialidades, por este facto considera-se importante houver internet livre para permitir a investigação e actualização de conhecimentos, principalmente, por parte dos docentes.

Com esta visão pensa-se nas aulas que envolvem outros sentidos, neste caso, auditivo, visão, com utilização não apenas de sebatas, mas também de áudio e vídeos relacionados com a aula do dia, para tornar a aprendizagem mais interactiva e significativa por parte dos estudantes e mais prático para o professor.

Actividade n.º07 – Criação de Centro de orientação profissional na EPD para coadjuvar os candidatos aos cursos de ensino superior

Os estudantes fazem escolha do curso sem um acompanhamento e fruto disso, na maioria dos casos, apresentam um baixo rendimento académico, porque muitos deles seleccionam o curso sem bases, pois não há continuidade nem relação académica entre o curso frequentado no médio e o que prefere no ensino superior. Muitos fazem-no por falta de conhecimento ou até mesmo por falta de orientação profissional, pois a província nem a EPD possui área de género.

Por isso que se propõe a criação de um Centro de Orientação Profissional na EPD para coadjuvar os candidatos aos cursos de ensino superior na decisão sobre a escolha de curso, entende-se as dificuldades de quadros que a unidade orgânica apresenta, mas pode criar-se o mesmo pelo menos para funcionar apenas na fase das inscrições e matrícula dos candidatos aos cursos do ensino superior. O mesmo pode não ter especialistas em orientação profissional, mas que se integre Professores Doutores, dos poucos que instituição tem, aqueles experientes ou formados em Pedagogia, para trabalharem durante o mês de Julho e Agosto com vista a apoiar os candidatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a observação inicial e aplicação do inquérito aos estudantes do 1º ano e ao docente da cadeira de IEL do curso de LP que visou perceber os factores que estão na base do baixo rendimento académico dos referidos estudantes na cadeira de IEL, chegou-se às seguintes conclusões:

✓ Muitos estudantes apresentam o baixo rendimento académico porque frequentam o curso de LP sem bases, pois muitos deles não fizeram o curso de LP no Ensino Médio e a minoria que o fez apresenta um bom grau de conhecimento na cadeira;

✓ Estando inseridos no curso, muitos apresentam debilidades por causa de elevado número de faltas às aulas durante o ano académico, alegando não terem tempo, por causa das ocupações laborais e a falta de táxi, pois muitos vivem nas zonas recônditas;

✓ Um bom número de estudantes fez a escolha do curso sem uma orientação profissional, pensando que, pelo facto do curso aparentemente ser teórico seria fácil, este motivo provoca a desistência e até troca de curso e concomitantemente o baixo nível do rendimento académico;

✓ A utilização de uma metodologia de ensino limitado a sebatas e não dar realce ao trabalho independente faz com que haja o baixo rendimento académico nos estudantes aumente, pois o ensino aparece resumir-se na reprodução, com vista a realização de exercícios/provas como requisito necessário para a aprovação ou reprovação, ignorando assim, a importância de produção de conhecimentos e a valorização da criatividade dos estudantes;

✓ Falta de dedicação pessoal dos estudantes também concorre na lista dos factores que provocam do baixo rendimento académico dos mesmos, pois muitos alegam que estão a estudar apenas para garantir o emprego, aquisição de certificados e diplomas para a promoção de categoria no local de serviço como objectivo principal e não a busca de conhecimentos;

✓ O atraso escolar também influencia no baixo rendimento académico dos nossos estudantes, provocado pelo abandono escolar, reprovações, falta de condições ou falta de apoio.

Comprovação da hipótese

Os resultados da observação e aplicação do inquérito aos estudantes e docente indicam como principais factores do nível do rendimento académico da maioria dos estudantes que se compreende na escala de “suficiente”: a falta de orientação profissional, elevado número de faltas às aulas, desfasamento de curso, falta de dedicação dos estudantes, utilização de metodologia de ensino que não privilegia o trabalho independente, processo de avaliação das aprendizagens e a complexidade do currículo. Estes factores nos levam a comprovar a hipótese: “se se privilegiar o trabalho independente durante o PEA da cadeira de IEL, pode melhorar-se o nível do rendimento académico dos estudantes do 1.º ano do curso de LP na referida cadeira”.

Limitações da investigação

Os trabalhos académicos são sempre abordagens contínuas por apresentarem margens de dúvidas e concepções diferentes em função da interpretação de cada investigador, por isso que, onde termina a visão de um, pode despertar um olhar diferente do outro e começar uma outra abordagem. Nesta óptica, no intuito de se alcançar o objectivo ora proposto no decorrer da presente investigação, muitas foram as dificuldades que constituem grandes limitações que não podem ser ignoradas. Pois, na realização de uma dissertação os obstáculos são inevitáveis, por isso que, o seu curso requer empenho e dedicação. No desenvolvimento da presente investigação enfrentou-se diversas dificuldades como a troca do tema, pois inicialmente se tinha como título da dissertação: “Situação sociolinguística da província de Cabinda: Estudo de caso para a compreensão do factor etnolinguístico do povo ibinda”, com vista a estudar os aspectos linguísticos das línguas africanas. O mesmo foi abdicado por se considerar bastante vasto para uma dissertação cujo período da sua elaboração é de 1 ano. A alteração do tema motivou a alteração de orientador, este momento da formação foi bastante marcante.

Outra dificuldade enfrentada foi o acesso aos informantes, principalmente, nos estudantes que apresentaram grau de absentismo elevado, talvez por serem do 1º ano e não terem já se familiarizados com o exercício de realização de trabalhos científico e de realização de inquéritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, C. (2010). *Processo Ensino-Aprendizagem: Características do Professor Eficaz*. Viseu - Portugal: Millenium.

Altet, M. (1997). *As Pedagogias da Aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.

Barbosa, F. R., & Canalli, M. P. (2011). *Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem*. Buenos Aires.

Barboza, L. D. (2016). *6 cuidados para uma comunicação eficaz entre professores e alunos*. São Paulo: Escola em Movimento.

Barros, A. J., & Lehfeld, N. A. (2007). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

BORGES, L. F. (2018). *Rendimento acadêmico e os estilos de aprendizagem: um estudo na disciplina análise de custos*. Brasil: Revista Alcance.

Brighenti, J. (2015). *Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos*. Florianópolis: revista GUAL.

Carvalho, A. C., & Rosa, B. L. (2013). *Papel do professor frente a aprendizagem: processo avaliativo no ensino-aprendizagem*. Londrina.

Celvo, A. L., Bervian, P. A., & Silva da, R. (2014). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education 6. ed.

Chipombela, A. (2011). Escola Superior com cursos de licenciatura. *ANGOP*, 1.

Coelho, A. F. (s.d). *O baixo aproveitamento dos alunos da 7ª classe da escola 22 de Novembro Município de Caconda comuna sede Província da Huila*. Caconda - Huila.

Columbié, Z. d., & Yoba, C. P. (2018). *Orientação Profissional-vocacional - Estratégia de Integração Funcional*. Luanda: Lueji.

Costa, Z. S. et al. (1982). Estudo de alguns fatores que influenciam o rendimento escolar do estudante de enfermagem. Brasília.

Darcian, A. C. (2015). *Avaliação no Ensino Superior*. São Paulo.

Dendasck, C. V. (2019). *Relações humanas na educação*. São Paulo: ISSN.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra S/A.

Freire, P. (1997). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água.

- Guimarães, S. L. (2010). *Construtivismo e aprendizagem*. Florianópolis.
- Klausen, L. d. (2015). *Aprendizagem Significativa: Um desafio*. Santa Catarina.
- Libâneo, J. C. (1994). *O processo de ensino na escola*. São Paulo: Cortez .
- Marques, R. (sd). *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa.
- Manual de Normas Gerais de Candidatura ao Mestrado em Educação da EPD (2018). Dundo.
- Martins, C. P. (2006). *Factores e Análise do Insucesso Escolar Um estudo feito a partir da Escola Secundária Polivalente Cesaltina Ramos no 3º Ciclo, Ano Lectivo 2005/2006*. Cabo Verde.
- Mateus, Y. B. (2017). *Avaliação do desempenho docente: Estudo de caso da Escola de Formação de Professores de Benguela*. São Paulo.
- Miranda, G. J. (2017). *O absentéismo académico e suas consequências mais óbvias*. Florianópolis: Revista GUAL.
- Morgado, A. M., Mabilia, F. S., & Baveca, M. N. (2019). *Considerações didácticas no emprego do método de trabalho independente para o sucesso na aprendizagem dos estudantes na Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte*. Universidad de Guantánamo, Cuba: Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo.
- Nappi, J. W. (2006). *A voz e a construção do conhecimento – um encontro possível*. Florianópolis.
- Neto, J. A. (2006). *Teoria da aprendizagem significativa de David Teoria da aprendizagem significativa de David Teoria da aprendizagem significativa de David Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e resp*. Campo Grande / São Paulo.
- Nzau, D. G. Nd. (2011). *A LP em Angola: Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Covilhã.
- Paiva, M. O., & Lourenço, A. A. (2011). *Rendimento Académico: Influência do Autoconceito e do Ambiente de Sala de Aula*. Porto. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n4/02.pdf>. Acesso em: 06 de Janeiro de 2012.
- Paulai, J. S. (2018). *Fatores relacionados ao atraso escolar no estado de minas gerais*. São Paulo.
- Piletti, C. (2004). *Didática Geral*. Ática: São Paulo.

Silva, A. J., & Weide, D. F. (s/d). *Função social da escola*. Paraná.

Undolo, M. (2020). *Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português*.
Luanda: ECO7.

Victorino *et al.* (2012). *A Rainha Lueji A´Nkonde e o Império Lunda. Dundo: Lueji*.

**<http://www.ulan.ed.ao/Entidade/EPD>, consultado no dia 25 de 11 de 2019,
às 15h:45**

Leis

Decreto Presidencial n.º191/18, do Estatuto da Carreira Docente Universitário.

Lei n.º 7/15, de 15 de Junho que aprova a Lei Geral de Trabalho em Angola.

Decreto Presidencial n.º 285/20, que aprova a organização da Rede de Instituições de Ensino Superior, baseada no Decreto Executivo n.º 7/09, de 12 de Maio.

Decreto n.º 49/09 de 11 de Setembro, que nomeia o corpo reitoral da Universidade Lueji A´Nkonde.

ANEXOS

Anexo n.º01 – Síntese dos resultados dos estudantes na cadeira de IEL no período de 2011 a 2019:

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO										ANO LECTIVO 2011			
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M										Anual			
	A1	A2	A3	A4	Final Freq.	Obs.	Dias de Férias	Dia de Exame	Resposta	Dia de Exame	Dia de Exame	NOTA FINAL a)		Nota Final	Avali- ação
												Nota	Exame		
							10,0					10	Out		A
							10,0					10	Out		A
							14,0					14	Out		A
							12,0					12	Out		A
							10,0					10	Out		A
							10,0					10	Out		A
							10,0					10	Out		A
							10,0					10	Out		A
							15,0					15	Out		A
							12,0					12	Out		A
							10,0					10	Out		A
							11,0					11	Out		A
							11,0					11	Out		A
							15,0					15	Out		A
							12,0					12	Out		A
							10,0					10	Out		A
							10,0					10	Out		A

Obs.:
a) Após aprovar o aluno ou após a época escolar.
b) A = aprovado R = reprovado

N.º de alunos: 70

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: _____ 2 de 4

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO										ANO LECTIVO 2011					
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M										Anual					
	A1	A2	A3	A4	Final Freq.	Obs.	Dias de Férias	Dia de Exame	Resposta	Dia de Exame	Dia de Exame	NOTA FINAL a)		Nota Final	Avali- ação		
												Nota	Exame				
							10,0					10	Out		A		
							Contencioso. Por favor, contacte a Secretaria.										
							10,0					10	Out		A		
							10,0					10	Out		A		
							Contencioso. Por favor, contacte a Secretaria.										
							Contencioso. Por favor, contacte a Secretaria.										
							10,0					10	Out		A		
							13,0					13	Out		A		
							10,0					10	Out		A		
							10,0					10	Out		A		
							12,0					12	Out		A		
							Contencioso. Por favor, contacte a Secretaria.										
							13,0					13	Out		A		
							10,0					10	Out		A		
							12,0					12	Out		A		
							10,0					10	Out		A		

Obs.:
a) Após aprovar o aluno ou após a época escolar.
b) A = aprovado R = reprovado

N.º de alunos: 70

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: _____ 4 de 4

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 2N, 2011

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos

1.º ANO
Turma: 1M

ANO LECTIVO 2012
Anual

N.º	N.º	N.º	N.º	Final Prog.	Obs.	Data	Dia	Mês	Nota	Dia	Mês	NOTA FINAL a)		Méd. TP	A/R
												Nota	Exame		
Contencioso. Por favor, contactar a secretária.															
						19,0						13	Troço		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						11,0						11	Out		A
						10,5						10	Mar		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						12,0						12	Dez		A

Obs: _____

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação _____

N.º de alunos: 28

Data: _____ 1 de 5

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos

1.º ANO
Turma: 1M

ANO LECTIVO 2012
Anual

N.º	N.º	N.º	N.º	Final Prog.	Obs.	Data	Dia	Mês	Nota	Dia	Mês	NOTA FINAL a)		Méd. TP	A/R
												Nota	Exame		
Contencioso. Por favor, contactar a secretária.															
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						12,0						12	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						11,0						11	Out		A
						14,0						14	Out		A

Obs: _____

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação _____

N.º de alunos: 28

Data: _____ 4 de 5

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1M, 2012

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos

1.º ANO
Turma: 1M

ANO LECTIVO 2013
Anual

N.º	N.º	N.º	N.º	Final Prog.	Obs.	Data	Dia	Mês	Nota	Dia	Mês	NOTA FINAL a)		Méd. TP	A/R
												Nota	Exame		
						10,0						10	Mar		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Nov		A
						10,0						10	Dez		A
						11,0						11	Out		A
						10,0						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						12,0						12	Out		A
						10,5						10	Dez		A
						10,0						10	Dez		A
						12,0						12	Dez		A

Obs: _____

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação _____

N.º de alunos: 28

Data: _____ 2 de 5

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO											ANO LECTIVO 2013				
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M											Anual				
N.º	E	E	E	E	Final Freq.	Obs.	Nota	Dia	Escr.	Teor.	Cál. Num.	Escr. Especial	NOTA FINAL a)		Méd. G.	A/R	
													Nota	Escr.			Nota
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A
							11,0							11	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A
Contencioso. Por favor, contacte a Secretária.																	
							11,0							11	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							12,0							12	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A

10 de 10 alunos

Obs.:
a) Após aprovação o aluno ou após o 4.º teste especial
A = Aprovado B = Reprovaado
N.º de alunos: 78

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 3 de 6

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO											ANO LECTIVO 2013				
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M											Anual				
N.º	E	E	E	E	Final Freq.	Obs.	Nota	Dia	Escr.	Teor.	Cál. Num.	Escr. Especial	NOTA FINAL a)		Méd. G.	A/R	
													Nota	Escr.			Nota
							10,0							10	Dez		A
							12,0							12	Out		A
							11,0							11	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							12,0							12	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							14,0							14	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A
							11,0							11	Out		A

10 de 10 alunos

Obs.:
a) Após aprovação o aluno ou após o 4.º teste especial
A = Aprovado B = Reprovaado
N.º de alunos: 78

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 4 de 8

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1M, 2013

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO											ANO LECTIVO 2014				
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M											Anual				
N.º	E	E	E	E	Final Freq.	Obs.	Nota	Dia	Escr.	Teor.	Cál. Num.	Escr. Especial	NOTA FINAL a)		Méd. G.	A/R	
													Nota	Escr.			Nota
							11,0							11	Out		A
							1,0							1	Out		B
							11,0							11	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							0,0							0	Zero		R
							0,0							0	Zero		B
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A
							12,0							12	Out		A
							0,0							0	Zero		R
Contencioso. Por favor, contacte a Secretária.																	
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A
							10,0							10	Dez		A
							10,0							10	Dez		A
							11,0							11	Out		A

10 de 10 alunos

Obs.:
a) Após aprovação o aluno ou após o 4.º teste especial
A = Aprovado B = Reprovaado
N.º de alunos: 73

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 1 de 5

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO											ANO LECTIVO 2014					
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M											Anual					
	N	Nº	Nº	Nº	Final Freq.	Obs.	Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	NOTA FINAL a)		Méd. M	AUT M	
														Nota	Exatidão			
Contencioso: Por favor, contacte a Secretária.														10	Dez		A	
															12	Dez		A
															10	Dez		A
															10	Dez		A
															0	Jan		B
															10	Dez		A
															12	Dez		A
															11	Out		A
															10	Dez		A
															11	Out		A
															10	Dez		A
															0	Jan		B
															10	Dez		A
															10	Dez		A
															10	Dez		A

Obs.:
a) Após aprovação a aluno ou após época especial
N.A. = Aprovado B = Reprovaado
N.º de alunos: 72

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 2 de 0

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1M, 2014

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO											ANO LECTIVO 2015					
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M											Anual					
	N	Nº	Nº	Nº	Final Freq.	Obs.	Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	NOTA FINAL a)		Méd. M	AUT M	
														Nota	Exatidão			
Contencioso: Por favor, contacte a Secretária.														11	Out		A	
															13	Out		A
															10	Out		A
															10	Dez		A
															0	Nov		B
Contencioso: Por favor, contacte a Secretária.														12	Out		A	
															10	Dez		A
															10	Dez		A
															0	Jan		B
															11	Out		A
															12	Dez		A
															10	Dez		A
															10	Dez		A
															10	Dez		A

Obs.:
a) Após aprovação a aluno ou após época especial
N.A. = Aprovado B = Reprovaado
N.º de alunos: 77

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 1 de 5

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1º ANO											ANO LECTIVO 2015					
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 1M											Anual					
	N	Nº	Nº	Nº	Final Freq.	Obs.	Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	De Escr.	NOTA FINAL a)		Méd. M	AUT M	
														Nota	Exatidão			
															10	Dez		A
															12	Dez		A
															11	Out		A
Contencioso: Por favor, contacte a Secretária.														11	Out		A	
															11	Out		A
															10	Dez		A
															10	Dez		A
Contencioso: Por favor, contacte a Secretária.														10	Dez		A	
															10	Dez		A
															10	Dez		A
															10	Dez		A
															11	Out		A
															10	Dez		A
															14	Out		A

Obs.:
a) Após aprovação a aluno ou após época especial
N.A. = Aprovado B = Reprovaado
N.º de alunos: 77

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 2 de 5

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1M, 2015

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte														1º ANO		ANO LECTIVO 2017		
Curso: Ensino de Língua Portuguesa														Turma: 1M		Anual		
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos																		
	1	2	3	4	Out	Final Freq.	Exame	1ª Exame	2ª Exame	3ª Exame	4ª Exame	5ª Exame	6ª Exame	NOTA FINAL (a)		Nota Final	Nota Méd.	AVL
	0,0	0,0	0,0	0,0	0		Exame							12	Exame			A
	10,0	10,0	10,0	10,0	10			10,0						12	Exame			A
	9,0	9,0	10,0	14,0	11			7,0		6,0				12	Exame			A
	6,0	10,0	8,0	12,0	10			6,0		13,0				11	Exame			A
	0,0	0,0	0,0	0,0	0													
Continuação. Por favor, contacte a Secretária.																		
	12,0	8,0	12,0	14,0	12			7,0						10	Exame			A
	0,0	0,0	0,0	0,0	0													
	0,0	12,0	10,0	13,0	10			6,0		11,0				10	Exame			A
	0,0	0,0	0,0	0,0	0													
	0,0	0,0	0,0	0,0	0													
	3,0	7,0	0,0	8,0	4			3,0						4	Exame			R
	6,0	6,0	10,0	0,0	6			4,0						2	Exame			R
	0,0	0,0	0,0	0,0	0													
	14,0	0,0	0,0	15,0	12			9,0						11	Exame			A
	8,0	13,0	7,0	11,0	8			6,0		15,0				10	Exame			A
	7,0	9,0	12,0	10,0	10			7,0		8,0				11	Exame			A
	0,0	10,0	11,0	10,0	8			7,0						8	Exame			R

Obs.:
 1) Aplica aprovação o aluno ou após a prova especial
 10 A - Aprovado R - Reprova
 N.º de alunos: 97

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação

Data: 2 de 8

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1M, 2017

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte														1º ANO		ANO LECTIVO 2019		
Curso: Ensino de Língua Portuguesa														Turma: 1N		Anual		
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos																		
	1	2	3	4	Out	Final Freq.	Exame	1ª Exame	2ª Exame	3ª Exame	4ª Exame	5ª Exame	6ª Exame	NOTA FINAL (a)		Nota Final	Nota Méd.	AVL
	8,0	8,0	3,0	7,0		4	7,0			13,0				8	Exame			R
	14,0	10,0	0,0	0,0		12	9,0							11	Exame			A
	7,0	16,0	2,0	3,0		7	9,0			14,0				10	Exame			A
	7,0	16,0	7,0	7,0		9	4,0			11,0				10	Exame			A
	11,0	16,0	9,0	3,0		10	10,0							10	Exame			A
	16,0	4,0	0,0	0,0		9	10,0			12,0				10	Exame			A
	13,0	0,0	0,0	0,0		3												
	9,0	20,0	12,0	2,0		11	9,0							10	Exame			A
	10,0	0,0	7,0	4,0		5	11,0							7	Exame			R
	11,0	10,0	8,0	0,0		7	11,0			10,0				8	Exame			R
	12,0	0,0	0,0	4,0		7	5,0			16,0				11	Exame			A
	10,0	1,0	0,0	0,0		3												
	6,0	16,0	7,0	6,0		8	2,0			12,0				10	Exame			A

Rúbrica dos Docentes

100%: 1.ª Trabalho _____ 1.ª Frequência _____ Final Freq. _____ 1.ª Época Exame _____ 2.ª Época Exame _____ Época Esp. _____
 2.ª Trabalho _____ 2.ª Frequência _____ Prática _____ Out _____ Out _____ Out _____

Obs.:
 Nome(s) do Responsável(es) da Cadeira: _____
 a) Aplica aprovação o aluno ou após a prova especial
 10 A - Aprovado R - Reprova
 N.º de alunos: 108

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação: c)

Data: 1 de 1

Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte														1º ANO		ANO LECTIVO 2019		
Curso: Ensino de Língua Portuguesa														Turma: 1N		Anual		
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos																		
	1	2	3	4	Out	Final Freq.	Exame	1ª Exame	2ª Exame	3ª Exame	4ª Exame	5ª Exame	6ª Exame	NOTA FINAL (a)		Nota Final	Nota Méd.	AVL
	6,0	0,0	0,0	0,0		2												
	6,0	16,0	7,0	2,0		8	10,0			14,0				10	Exame			A
	12,0	10,0	9,0	7,0		10	9,0							10	Exame			A
	8,0	16,0	3,0	12,0		10	9,0							16	Exame			A
	8,0	6,0	10,0	5,0		6	9,0			13,0				10	Exame			A
	10,0	1,0	16,0	7,0		7	8,0			16,0				11	Exame			A
	5,0	16,0	10,0	15,0		12	9,0							11	Exame			A
	10,0	16,0	17,0	11,0		14	8,0							12	Exame			A
	10,0	6,0	0,0	0,0		4												
	14,0	0,0	10,0	8,0		8	8,0			12,0				10	Exame			A
	16,0	20,0	16,0	15,0		17	11,0							16	Exame			A
	7,0	2,0	11,0	9,0		7	6,0			10,0				8	Exame			R

Rúbrica dos Docentes

100%: 1.ª Trabalho _____ 1.ª Frequência _____ Final Freq. _____ 1.ª Época Exame _____ 2.ª Época Exame _____ Época Esp. _____
 2.ª Trabalho _____ 2.ª Frequência _____ Prática _____ Out _____ Out _____ Out _____

Obs.:
 Nome(s) do Responsável(es) da Cadeira: _____
 a) Aplica aprovação o aluno ou após a prova especial
 10 A - Aprovado R - Reprova
 N.º de alunos: 100

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação: c)

Data: 6 de 1

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 1N, 2019



Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1.º ANO										ANO LECTIVO 2019				
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 2N										Anual				
	E1	E2	E3	E4	Out	Final Freq.	Exame	Out Exame	Resumo	Out Resumo	Ep. Especial	Out Ep. Especial	NOTA FINAL (a)		Média (b)	AvR (c)
													Nota	Classif.		
	7,0	11,0	16,0	6,0		10	11,0						10	Dez		A
	11,0	7,0	12,0	4,0		8	7,0						8	Out		R
	11,0	5,0	5,0	5,0		7	11,0		14,0				10	Dez		A
	4,0	17,0	13,0	11,0		11	10,0						11	Out		A
	7,0	14,0	8,0	15,0		11	11,0						11	Out		A
	8,0	16,0	12,0	14,0		11	9,0						10	Dez		A
	0,0	6,0	0,0	4,0		3										
	9,0	14,0	10,0	10,0		11	8,0						10	Dez		A
	11,0	2,0	2,0	5,0		5	7,0		18,0				10	Dez		A
	13,0	16,0	10,0	16,0		14	11,0						13	Teor		A
	10,0	16,0	7,0	7,0		10	5,0						8	Out		R
	8,0	9,0	8,0	10,0		8	7,0		17,0				12	Dez		A

Rúbrica dos De-centes

Data: 1.º Trabalho / / 1.ª Frequência / / Final Freq. / / 1.ª Época Exame / / 2.ª Época Exame / / Época Esp. / /
 2.º Trabalho / / 2.ª Frequência / / Prática / / Oral / / Oral / / Oral / /

Obs.:
 Nome(s) do Responsável(ais) da Cadeira: _____
 (a) Após aprovar o aluno no exame época especial
 (b) A = Aprovado R = Repetido
 (c) Após Época Especial
 N.º de alunos: 78

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação: (c)

Data: _____
1 de 6



Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Curso: Ensino de Língua Portuguesa		1.º ANO										ANO LECTIVO 2019				
Cadeira: Introdução aos Estudos Linguísticos		Turma: 2N										Anual				
	E1	E2	E3	E4	Out	Final Freq.	Exame	Out Exame	Resumo	Out Resumo	Ep. Especial	Out Ep. Especial	NOTA FINAL (a)		Média (b)	AvR (c)
													Nota	Classif.		
	10,0	0,0	4,0	0,0		4										
	8,0	14,0	12,0	15,0		12	9,0						11	Out		A
	7,0	16,0	12,0	11,0		12	12,0						12	Dez		A
	0,0	0,0	13,0	3,0		4										
	5,0	18,0	17,0	13,0		13	8,0						11	Out		A
	10,0	8,0	0,0	0,0		5										
	7,0	14,0	8,0	7,0		9	11,0						10	Dez		A
	15,0	14,0	5,0	11,0		11	8,0						10	Dez		A
	14,0	14,0	8,0	12,0		12	8,0						10	Dez		A
	0,0	0,0	7,0	0,0		2										
	3,0	16,0	9,0	8,0		9	9,0		14,0				11	Out		A
	11,0	16,0	5,0	10,0		11	11,0						11	Out		A

Rúbrica dos De-centes

Data: 1.º Trabalho / / 1.ª Frequência / / Final Freq. / / 1.ª Época Exame / / 2.ª Época Exame / / Época Esp. / /
 2.º Trabalho / / 2.ª Frequência / / Prática / / Oral / / Oral / / Oral / /

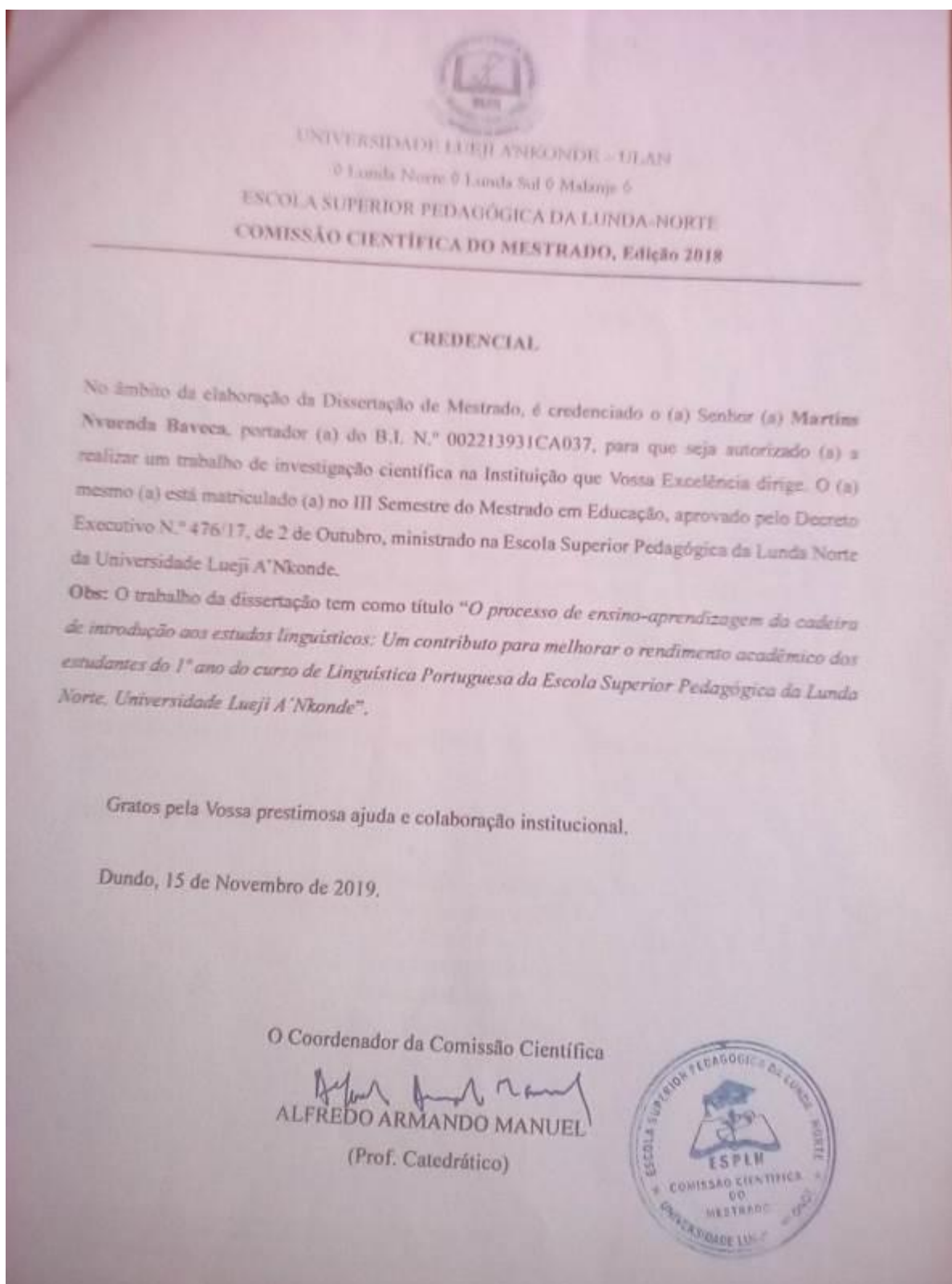
Obs.:
 Nome(s) do Responsável(ais) da Cadeira: _____
 (a) Após aprovar o aluno no exame época especial
 (b) A = Aprovado R = Repetido
 (c) Após Época Especial
 N.º de alunos: 78

Assinatura dos Responsáveis pela Classificação: (c)


Data: _____
2 de 6

Fonte: Síntese dos resultados da cadeira de IEL da primeira turma, 2N, 2019

Anexo 02 – Credencial da Comissão Científica de Mestrado para aplicação dos inquiridos



Anexo n.º 03 – Carta de autorização para aplicação dos inquéritos da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte


UNIVERSIDADE LUJEH A'NKONDE
ESCOLA SUPERIOR PEDAGÓGICA DA LUNDA-NORTE
GABINETE DO DECANO

AO
EXCELENTÍSSIMO VICE-DECANO
PARA ÁREA CIENTÍFICA DA ESPLN

- DUNDO -

Ref.º N.º 301SG.ESPLN/2019

Assunto: Transcrição do despacho.

Os nossos respeitosos cumprimentos.

Para os devidos efeitos, temos a honra de transcrever o despacho do Digníssimo Decano da ESPLN, PhD. Jorge Dias Veloso, recaído sobre a solicitação para um trabalho de investigação Científica proveniente do docente Martins Nvuenda Baveca.

- *Autorizo;*
- *VDAC, produzir os devidos efeitos.*

Sem outro assunto de momento, reiteramos as nossas saudações e votos de bom trabalho.

Dundo, 17 de Dezembro de 2019.

Ass: Garrido Sebastião António, MSc.
Decano em exercício da ESPLN
16. 12. 2019

-----Está Conforme-----
O Secretariado
Bandula

Martins Nvuenda Baveca
17. 12. 2019

E-mail: secretariageral.espln@gmail.com, Caixa Postal: IV n.º 10, Centro Urbano Escola Superior Pedagógica da Lunda-Norte, Rua da K-18, Telefone nº 998 543 680/925 866 016 - Dundo

Anexo n.º 04 – Programa da cadeira de Introdução aos Estudos Linguístico



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE
ESCOLA SUPERIOR PEDAGÓGICA DA LUNDA NORTE
Departamento de Ensino e Investigação de Línguas

Programa de Introdução aos Estudos Linguísticos

Objectivos:

1. Ganhem consciência do fenómeno linguístico;
2. Proceder simultaneamente à aquisição dos princípios e conceitos teórico-metodológicos e terminológicos fundamentais de Linguística Geral (aplicados à língua portuguesa, fundamentalmente).

Avaliações:

Quatro provas parcelares, um exame e um recurso.

Metodologia:

Aulas explicativas, estudos dirigidos, trabalhos individuais e em grupos.

Requisitos:

Conhecimentos básicos de linguística e língua Portuguesa.

Programa sintético:

Unidade I: Aspectos preliminares

- O que é a linguagem?
- O que é a gramática?
- O que é a Linguística?
- O que é um linguista?

Unidade II: Comunicação e Linguagem.

- Noção de linguagem e de comunicação.
- Linguagem e sociedade.
- Cultura e comunicação.

Unidade III: A Comunicação Linguística.

- As características das línguas naturais.
- As características da comunicação linguística.
- A teoria da comunicação e a comunicação linguística.
- A comunicação não linguística.

Unidade IV: O sistema Linguístico.

- O que sabemos e o que fazemos: conhecimento linguístico e realização.
- A língua como um sistema de regras.

Unidade V: Semiologia e Linguística.

- Índice e sinal. Símbolo e signo.
- O acto semiótico.
- Os domínios da semiologia.
- Os sistemas semiológicos.
- A cinésia.
- A proxémica.

Unidade VI: Linguagem verbal e linguagem não verbal.

- Linguística e semiologia.
- A primazia da língua.

- A natureza do signo linguístico.
- A arbitrariedade do signo linguístico.
- A imutabilidade e a mutabilidade do signo linguístico.

Unidade VII: Resenha histórica dos Estudos Linguísticos.

- A linguística histórica.
- A linguística descritiva.
- A linguística generativa.

Unidade VIII: A Especificidade da Linguagem Humana.

- A noção de pertinência.
- A Forma e substancia.
- As grandes dicotomias: sincronia/diacronia; eixo paradigmático/sintagmático; língua/fala.

Unidade IX: O Âmbito da Linguística.

- Fonética e fonologia.
- Morfologia.
- Sintaxe.
- Semântica.
- Estilística.
- Pragmática.

Unidade X: A Linguística e as Outras Ciências.

- A Sociolinguística.
- A Psicolinguística.

Bibliografia

Crystal, D. (1992). *A Linguística*, Lisboa, Dom Quixote.

Cunha, C. e Cintra, L. (1988). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 5ª ed., Lisboa, Edições João Sá da Costa.

Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta.

Eco, U. (1990). *O signo*, Editorial Presença.

Estrela, E. (1991). *Dúvidas do Falar Português*. Consultório da Língua Portuguesa I, Lisboa, Editorial Notícias.

Fromkin, V. e Rodman, R. (1993). *Introdução à Linguagem*, Coimbra, Livraria Almedina.

Lyons, J. (1981). *Linguagem e Linguística. Uma Introdução*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Marques, M. e Emília R. (2001). *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Lisboa, Universidade Aberta.

Martinet, A. (1995). *Função e Dinâmica das Línguas*, Coimbra, Livraria Almedina.


Martinet, J. (1983). *Chaves para a Semiologia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Mateus, M. e Helena M. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

Saussure, F. (1992). *Curso de Linguística Geral*, Lisboa, Dom Quixote Almedina.

APÊNDICES

Apêndice n.º01 – Inquérito dirigido ao docente de IEL


UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE
◊ Lunda-Norte ◊ Lunda-Sul ◊ Malanje ◊
Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Inquérito dirigido aos docentes

Digno docente, o presente trabalho visa recolher contribuições para o enriquecimento da investigação de mestrado subordinado ao tema "O Processo de Ensino-Aprendizagem da Cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos: Um Contributo para Melhorar o Rendimento Académico dos Estudantes do I Ano do Curso de Linguística Portuguesa da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte". A sua colaboração é bastante importante não só para a compreensão da situação e enriquecimento da investigação, mas também para tonar possível o alcance dos objectivos. Nesta óptica, solicitamos que responda sem receio, pois além de garantirmos o anonimato dos inquiridos, os dados fornecidos serão aplicados exclusivamente para fins científicos.

SECÇÃO I: INFORMAÇÕES PESSOAIS

Marque X na opção correspondente, excepto nas alíneas c) e d).

1. Idade
De 21 a 25 anos. De 26 a 30 anos. De 31 a 45 anos. De 46 a 65 anos.

2. Género
Masculino. Feminino.

3. Cadeira que lecciona: INTRODUÇÃO AOS EST. LINGÜÍSTICOS / CONTRA

4. Área de formação: LETRAS (LINGÜÍSTICA GERAL)

SECÇÃO II: INFORMAÇÕES TEMÁTICAS

Marque X na opção correspondente e apresente os seus pontos de vista nos casos em que lhe são solicitados.

1. Como considera o rendimento académico dos estudante na cadeira que lecciona?
Muito bom. Bom. Suficiente. Medíocre. Mau.

2. Quais as dimensões que mais dificuldades apresentam os estudantes?
Notas negativas. Interacção na sala de aula. Não fazem trabalhos investigativos.
Não revisam. Falta de atenção.

3. No seu ponto de vista quais os factores que incidem neste comportamento dos estudantes.
FALTA DE BOA PREPARAÇÃO DE BASE LINGÜÍSTICA NA INSTRUÇÃO E NAS ESCOLAS SECUNDARIAS

1

4. Como considera o nível de compreensão das aulas ministradas na cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos (IEL)?

Muito bom. Bom. Suficiente. Medíocre. Mau.

5. Os estudantes apresentam bases para as exigências do curso de Linguística Portuguesa?

Sim. Alguns. Não.

6. Caso responda "alguns" ou "não", apresente algumas razões por que assim acha.

7. Em qual dos géneros é mais notório o fraco rendimento académico na cadeira de IEL?

Masculino. Feminino.

8. Em média, quantos estudantes apresentam fraco rendimento académico?

De 1 a 10. De 1 a 20. De 1 a 30. De 1 a 40.
De 1 a 50. De 1 a 60. Mais de 60.

9. O elevado número de faltas às aulas por parte dos estudantes influencia o mau rendimento académico na cadeira de IEL?

Sim. Não.

10. Em média, quantos estudantes apresentam um bom rendimento académico na IEL?

De 1 a 10. De 1 a 20. De 1 a 30. De 1 a 40.
De 1 a 50. De 1 a 60. Mais de 60.

11. Acha que o número de provas parcelares é excessivo e influencia negativamente o seu rendimento académico?

Sim, acho. Não acho.

12. Caso diga sim, no seu entender, quantas provas parcelares deveriam ter, no máximo, as cadeiras anuais?

Uma prova. Duas provas. Três provas. Quatro provas.

13. Considera tardio o ingresso dos seus estudantes da cadeira de IEL no Ensino Superior?

Sim. Não.

14. Caso considere que sim, acha que o atraso e a idade influenciam o seu rendimento académico?

Sim. Não.

15. Outros comentários a acerca do tema:

A OCUPAÇÃO PROFISSIONAL E A IDADE NÃO SÃO ELEMENTOS CATALIZADORES DO TALENTO FILIAL, PORQUE DEPENDE MUITO DO DESEMPENHO E DA VONTADE DE APRENDER DE CADA INDIVÍDUO...

Muito obrigado pela atenção e bom ano lectivo!

Apêndice n.º 02 – Alguns exemplares do inquérito dirigido aos estudantes



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE
◊ Lunda-Norte ◊ Lunda-Sul ◊ Malanje ◊
Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Inquérito dirigido aos estudantes do 1º ano

Caro(a) estudante, o presente trabalho visa recolher contribuições para o enriquecimento da investigação de mestrado subordinado ao tema "O Processo de Ensino-Aprendizagem da Cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos: Um Contributo para Melhorar o Rendimento Académico dos Estudantes do 1º Ano do Curso de Linguística Portuguesa da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte". A sua colaboração é bastante importante não só para a compreensão da situação e enriquecimento da investigação, mas também para tonar possível o alcance dos objectivos. Nesta óptica, solicitamos que responda sem receio, pois além de garantirmos o anonimato dos inquiridos, os dados fornecidos serão aplicados exclusivamente para fins científicos.

SECÇÃO I: INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Género: Masculino. Feminino.
2. Idade: 17 a 20 anos. 21 a 30 anos. 31 a 45 anos. Mais de 45 anos.
3. Distância percorrida entre a residência habitual e a ESPLN: De 0 a 5 Km.
De 5 a 10 Km. De 10 a 20 Km. De 20 a 30 Km. Mais de 30 Km.
4. Duração média da deslocação de casa à ESPLN e vice-versa: De 10 a 30 minutos.
De 30 a 45 minutos. De 45 minutos à 1 hora. De 1h a 1h30 minutos. Mais de 1h30.
5. Período de aulas em que estuda: Período regular. Período pós-laboral.
6. Profissão: Sou professor. Já fui professor. Nunca fui professor.
7. Se foi ou é professor, tem alguma formação específica para exercer docência?
a) Sim, estudei no INE ou noutra instituição de formação de professores.
b) Não tenho nenhuma formação específica para exercer docência.
8. Se foi ou é professor, indique o ciclo em que exerceu ou exerce docência.
Ensino Pré-Escolar. Ensino Primário. I Ciclo. II Ciclo. Ensino Superior
9. Se foi ou é professor, indique a(s) disciplina(s) que leccionou nos últimos 3 anos ou lecciona presentemente.
Todas as disciplinas do Ensino Primário. Língua Portuguesa. Outra(s) disciplina(s).
10. Se não é professor, indique a ocupação actual. *Polícia de Guarda Indivíduo*
11. Dos motivos abaixo mencionados, seleccione aquele que maior influência exerceu na escolha do curso de Linguística Portuguesa: Por iniciativa própria. Por influência dos amigos.
Por orientação dos pais e encarregados de educação. Por ter formação nessa área.
Por ser o curso com mais vagas. Por ser um curso com muita saída profissional.
Porque me quero formar nessa área (desejo de ser professor de Português).

SECÇÃO II: INFORMAÇÕES TEMÁTICAS

1. Em média, quantas vezes falta às aulas por mês?

Nunca faltou. De 1 a 4 vezes. de 5 a 9 vezes. Mais de 9 vezes.

2. Como considera o seu rendimento académico na cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos?

Excelente. Muito bom. Bom. Suficiente. Medíocre. Mau.

3. Caso considere fraco o seu rendimento académico, hierarquize de 1 a 5 as causas abaixo discriminadas, começando pelas causas de maior impacto:

Falta de entendimento das aulas. Má formação nas classes anteriores.

Excesso de faltas. Falta de dedicação pessoal.

Má qualidade dos professores do Ensino Superior.

4. Acha o docente da cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos suficientemente capaz de leccionar a referida cadeira?

Sim. Nem sempre. Não.

5. Se tivesse que sugerir melhorarias, selecione 3 aspectos em que acha que o docente devia melhorar:

Métodos de ensino. Domínio dos conteúdos. Relações humanas.

Honestidade científica. Humildade. Ética. Humanismo.

6. Os temas abordados nas aulas têm relação com a cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos?

Sim. Nem sempre. Não.

7. Os métodos de ensino utilizados pelo docente da cadeira facilitam e garantem uma boa aprendizagem?

Sim. Nem sempre. Não.

8. Como classifica os referidos métodos?

São de tendência tradicionalista. São de tendência modernista.

9. Por que razão os classifica assim?

Colocam o professor no centro da aula (os alunos adaptam-se a ele).

Colocam o aluno como centro da aula (o professor adapta-se às necessidades dos alunos).

10. Como caracteriza o tom de voz do docente nas aulas?

Audível. Pouco audível. Não audível.

11. Como classifica os métodos de avaliação dos estudantes por parte do docente?

Excelentes. Muito bons. Bons. Suficientes. Medíocres. Maus.

12. Acha que o número de provas parcelares é excessivo e influencia negativamente o seu rendimento académico?

Sim, acho.

Não acho.

13. Caso diga sim, no seu entender, quantas provas parcelares deveriam ter, no máximo, as cadeiras anuais?

Uma prova.

Duas provas.

Três provas.

Quatro provas.

14. Considera tardio o seu ingresso no Ensino Superior?

Sim.

Não.

15. Caso considere que sim, acha que o atraso e a idade influenciam o seu rendimento académico?

Sim.

Não.

Muito obrigado pela atenção e bom ano lectivo!



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE
◊ Lunda-Norte ◊ Lunda-Sul ◊ Malanje ◊
Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Inquérito dirigido aos estudantes do 1º ano

Caro(a) estudante, o presente trabalho visa recolher contribuições para o enriquecimento da investigação de mestrado subordinado ao tema "O Processo de Ensino-Aprendizagem da Cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos: Um Contributo para Melhorar o Rendimento Académico dos Estudantes do 1º Ano do Curso de Linguística Portuguesa da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte". A sua colaboração é bastante importante não só para a compreensão da situação e enriquecimento da investigação, mas também para tornar possível o alcance dos objectivos. Nesta óptica, solicitamos que responda sem receio, pois além de garantirmos o anonimato dos inquiridos, os dados fornecidos serão aplicados exclusivamente para fins científicos.

SECÇÃO I: INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Género: Masculino. Feminino.
2. Idade: 17 a 20 anos. 21 a 30 anos. 31 a 45 anos. Mais de 45 anos.
3. Distância percorrida entre a residência habitual e a ESPLN: De 0 a 5 Km.
De 5 a 10 Km. De 10 a 20 Km. De 20 a 30 Km. Mais de 30 Km.
4. Duração média da deslocação de casa à ESPLN e vice-versa: De 10 a 30 minutos.
De 30 a 45 minutos. De 45 minutos à 1 hora. De 1h a 1h30 minutos. Mais de 1h30.
5. Período de aulas em que estuda: Período regular. Período pós-laboral.
6. Profissão: Sou professor. Já fui professor. Nunca fui professor.
7. Se foi ou é professor, tem alguma formação específica para exercer docência?
a) Sim, estudei no INE ou noutra instituição de formação de professores.
b) Não tenho nenhuma formação específica para exercer docência.
8. Se foi ou é professor, indique o ciclo em que exerceu ou exerce docência.
Ensino Pré-Escolar. Ensino Primário. I Ciclo. II Ciclo. Ensino Superior
9. Se foi ou é professor, indique a(s) disciplina(s) que leccionou nos últimos 3 anos ou lecciona presentemente.
Todas as disciplinas do Ensino Primário. Língua Portuguesa. Outra(s) disciplina(s).
10. Se não é professor, indique a ocupação actual. Técnico Administrativo (MED)
11. Dos motivos abaixo mencionados, selecione aquele que maior influência exerceu na escolha do curso de Linguística Portuguesa: Por iniciativa própria. Por influência dos amigos.
Por orientação dos pais e encarregados de educação. Por ter formação nessa área.
Por ser o curso com mais vagas. Por ser um curso com muita saída profissional.
Porque me quero formar nessa área (desejo de ser professor de Português).

SECÇÃO II: INFORMAÇÕES TEMÁTICAS

1. Em média, quantas vezes falta às aulas por mês?

Nunca faltou. De 1 a 4 vezes. de 5 a 9 vezes. Mais de 9 vezes.

2. Como considera o seu rendimento académico na cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos?

Excelente. Muito bom. Bom. Suficiente. Mediocre. Mau.

3. Caso considere fraco o seu rendimento académico, hierarquize de 1 a 5 as causas abaixo discriminadas, começando pelas causas de maior impacto:

Falta de entendimento das aulas. Má formação nas classes anteriores.

Excesso de faltas. Falta de dedicação pessoal.

Má qualidade dos professores do Ensino Superior.

4. Acha o docente da cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos suficientemente capaz de leccionar a referida cadeira?

Sim. Nem sempre. Não.

5. Se tivesse que sugerir melhorarias, selecione 3 aspectos em que acha que o docente devia melhorar:

Métodos de ensino. Domínio dos conteúdos. Relações humanas.

Honestidade científica. Humildade. Ética. Humanismo.

6. Os temas abordados nas aulas têm relação com a cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos?

Sim. Nem sempre. Não.

7. Os métodos de ensino utilizados pelo docente da cadeira facilitam e garantem uma boa aprendizagem?

Sim. Nem sempre. Não.

8. Como classifica os referidos métodos?

São de tendência tradicionalista. São de tendência modernista.

9. Por que razão os classifica assim?

Colocam o professor no centro da aula (os alunos adaptam-se a ele).

Colocam o aluno como centro da aula (o professor adapta-se às necessidades dos alunos).

10. Como caracteriza o tom de voz do docente nas aulas?

Audível. Pouco audível. Não audível.

11. Como classifica os métodos de avaliação dos estudantes por parte do docente?

Excelentes. Muito bons. Bons. Suficientes. Mediocres. Maus.

12. Acha que o número de provas parcelares é excessivo e influencia negativamente o seu rendimento académico?

Sim, acho.

Não acho.

13. Caso diga sim, no seu entender, quantas provas parcelares deveriam ter, no máximo, as cadeiras anuais?

Uma prova.

Duas provas.

Três provas.

Quatro provas.

14. Considera tardio o seu ingresso no Ensino Superior?

Sim.

Não.

15. Caso considere que sim, acha que o atraso e a idade influenciam o seu rendimento académico?

Sim.

Não.

Muito obrigado pela atenção e bom ano lectivo!



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE
◊ Lunda-Norte ◊ Lunda-Sul ◊ Malanje ◊
Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte

Inquérito dirigido aos estudantes do I ano

Caro(a) estudante, o presente trabalho visa recolher contribuições para o enriquecimento da investigação de mestrado subordinado ao tema "O Processo de Ensino-Aprendizagem da Cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos: Um Contributo para Melhorar o Rendimento Académico dos Estudantes do I Ano do Curso de Linguística Portuguesa da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte". A sua colaboração é bastante importante não só para a compreensão da situação e enriquecimento da investigação, mas também para tonar possível o alcance dos objectivos. Nesta óptica, solicitamos que responda sem receio, pois além de garantirmos o anonimato dos inquiridos, os dados fornecidos serão aplicados exclusivamente para fins científicos.

SECÇÃO I: INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Género: Masculino. Feminino.
2. Idade: 17 a 20 anos. 21 a 30 anos. 31 a 45 anos. Mais de 45 anos.
3. Distância percorrida entre a residência habitual e a ESPLN: De 0 a 5 Km.
De 5 a 10 Km. De 10 a 20 Km. De 20 a 30 Km. Mais de 30 Km.
4. Duração média da deslocação de casa à ESPLN e vice-versa: De 10 a 30 minutos.
De 30 a 45 minutos. De 45 minutos à 1 hora. De 1h a 1h30 minutos. Mais de 1h30.
5. Período de aulas em que estuda: Período regular. Período pós-laboral.
6. Profissão: Sou professor. Já fui professor. Nunca fui professor.
7. Se foi ou é professor, tem alguma formação específica para exercer docência?
a) Sim, estudei no INE ou noutra instituição de formação de professores.
b) Não tenho nenhuma formação específica para exercer docência.
8. Se foi ou é professor, indique o ciclo em que exerceu ou exerce docência.
Ensino Pré-Escolar. Ensino Primário. I Ciclo. II Ciclo. Ensino Superior
9. Se foi ou é professor, indique a(s) disciplina(s) que leccionou nos últimos 3 anos ou lecciona presentemente.
Todas as disciplinas do Ensino Primário. Língua Portuguesa. Outra(s) disciplina(s).
10. Se não é professor, indique a ocupação actual. Estudante
11. Dos motivos abaixo mencionados, selecione aquele que maior influência exerceu na escolha do curso de Linguística Portuguesa: Por iniciativa própria. Por influência dos amigos.
Por orientação dos pais e encarregados de educação. Por ter formação nessa área.
Por ser o curso com mais vagas. Por ser um curso com muita saída profissional.
Porque me quero formar nessa área (desejo de ser professor de Português).

SECÇÃO II: INFORMAÇÕES TEMÁTICAS

1. Em média, quantas vezes falta às aulas por mês?
Nunca faltou. De 1 a 4 vezes. de 5 a 9 vezes. Mais de 9 vezes.
2. Como considera o seu rendimento académico na cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos?
Excelente. Muito bom. Bom. Suficiente. Mediocre. Mau.
3. Caso considere fraco o seu rendimento académico, hierarquize de 1 a 5 as causas abaixo discriminadas, começando pelas causas de maior impacto:
Falta de entendimento das aulas. Má formação nas classes anteriores.
Excesso de faltas. Falta de dedicação pessoal.
Má qualidade dos professores do Ensino Superior.
4. Acha o docente da cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos suficientemente capaz de leccionar a referida cadeira?
Sim. Nem sempre. Não.
5. Se tivesse que sugerir melhorarias, selecione 3 aspectos em que acha que o docente devia melhorar:
Métodos de ensino. Domínio dos conteúdos. Relações humanas.
Honestidade científica. Humildade. Ética. Humanismo.
6. Os temas abordados nas aulas têm relação com a cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos?
Sim. Nem sempre. Não.
7. Os métodos de ensino utilizados pelo docente da cadeira facilitam e garantem uma boa aprendizagem?
Sim. Nem sempre. Não.
8. Como classifica os referidos métodos?
São de tendência tradicionalista. São de tendência modernista.
9. Por que razão os classifica assim?
Colocam o professor no centro da aula (os alunos adaptam-se a ele).
Colocam o aluno como centro da aula (o professor adapta-se às necessidades dos alunos).
10. Como caracteriza o tom de voz do docente nas aulas?
Audível. Pouco audível. Não audível.
11. Como classifica os métodos de avaliação dos estudantes por parte do docente?
Excelentes. Muito bons. Bons. Suficientes. Mediocres. Maus.

12. Acha que o número de provas parcelares é excessivo e influencia negativamente o seu rendimento académico?

Sim, acho.

Não acho.

13. Caso diga sim, no seu entender, quantas provas parcelares deveriam ter, no máximo, as cadeiras anuais?

Uma prova.

Duas provas.

Três provas.

Quatro provas.

14. Considera tardio o seu ingresso no Ensino Superior?

Sim.

Não.

15. Caso considere que sim, acha que o atraso e a idade influenciam o seu rendimento académico?

Sim.

Não.

Muito obrigado pela atenção e bom ano lectivo!